

**Exercício 1**

(Eear 2019) Em relação à concordância nominal, marque a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

- I. – \_\_\_\_\_, diziam as moças, em uníssono, para o professor de português, após a aprovação no certame.  
II. São \_\_\_\_\_ a fome e o desprezo.  
III. É \_\_\_\_\_ paciência com candidatos recursivos.

- a) obrigadas – vergonhosos – necessário  
b) obrigado – vergonhosos – necessária  
c) obrigado – vergonhoso – necessário  
d) obrigada – vergonhosa – necessária

**Exercício 2**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica de Paulo Brabo e responda à questão.

**DUZENTAS GRAMAS**

Meu amigo Hélio, que é pai do Arthur e diz sonoramente três e déss (ao invés de, digamos, “três” e “déis”) fica indignado quando peço na padaria duzentas gramas de presunto – quando a forma correta, insiste ele, é “duzentos” gramas. Sempre que acontece e estamos juntos acabamos discutindo uns dez minutos sobre modos diferentes de falar. Ele de praxe argumenta que as regras de pronúncia e ortografia, se existem, devem ser obedecidas – e que os mais cultos (como eu, um cara que traduz livros!) devem insistir na forma correta a fim de esclarecer e encaminhar gente menos iluminada, como supõe-se seja a moça que me vende na padaria o presunto e o queijo. Eu sempre argumento que quando ele diz que só existe uma forma correta de falar está usurpando um termo de outro ramo, e tentando aplicar a ética à gramática: como se falar “corretamente” implicasse em algum grau de correção moral; como se dizer “duzentas” gramas fosse incorrer numa falha de caráter e dizer “duzentos” fosse prova de virtude e integridade. [...]

<<https://tinyurl.com/ya6ta9cr>> Acesso em: 09.11.2017.

(G1 - cps 2018) Releia o trecho.

"Meu amigo Hélio [...] fica indignado quando peço na padaria duzentas gramas de presunto – quando a forma correta, insiste ele, é “duzentos” gramas."

Hélio aponta um desvio da norma padrão na expressão “duzentas gramas” utilizada pelo autor no seu dia a dia. No entanto, ele não aponta o motivo dessa expressão não estar correta.

Assinale a alternativa que contenha o tipo de problema identificado por Hélio.

- a) Concordância nominal, pois o numeral deveria concordar em gênero com o substantivo.  
b) Concordância verbal, pois deveria haver concordância com o verbo que sucede o pedido.  
c) Regência nominal, pois o numeral deveria concordar em número com o substantivo.  
d) Regência verbal, pois deveria haver concordância com o verbo que está anteposto ao pedido.  
e) Complemento nominal, pois deveria haver concordância de número com o numeral.

**Exercício 3**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto, do qual foram retiradas três palavras, e responda à questão.

**ACHADO NÃO É ROUBADO**

Fabrizio Carpinejar

Não ganhava mesada, nem ajuda de custo na infância. Eu me virava como dava. Recebia casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir e \_\_\_\_\_ mais nada aos pais, só agradecer.

As minhas fontes de renda eram praticamente duas: procurar dinheiro nas bolsas vazias da mãe, torcendo para que deixasse alguma nota na pressa da troca dos acessórios, ou catar moedas nas ruas e nos bueiros.

A modalidade de caça a dinheiro perdido exigia disciplina e profissionalismo. Saía de casa pelas 13h e caminhava por duas horas, com a cabeça apontada ao meio-fio como pedra em estilingue. Varria a poeira com os pés e cortava o mato com canivete. Fui voluntário remoto do Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

Gastava o meu Kichute em vinte quadras, do bairro Petrópolis ao centro. Voltava quando atingia a entrada do viaduto da Conceição e reiniciava a minha arqueologia monetária no outro lado da rua. Levava um saquinho para colher as moedas. Cada tarde rendia o equivalente a três reais. Encontrar correntinhas, colares e \_\_\_\_\_ salvava o dia. Poderia revender no mercado paralelo da escola. As meninas pagavam em jujubas, bolo inglês e guaraná.

Já o bueiro me socializava. Convidava com frequência o Liquinho, vulgo Ricardo. Mais forte do que eu, ajudava a levantar a pesada e lacrada tampa de metal. Eu ficava com a responsabilidade de descer \_\_\_\_\_ profundezas do lodo. Tirava toda a roupa – a mãe não perdoaria o petróleo do esgoto – e pulava de cueca, apalpando às cegas o fundo com as mãos. Esquecia a nojeira imaginando as recompensas. Repartia os lucros com os colegas que me acompanhavam nas expedições ao submundo de Porto Alegre. Lembro que compramos uma bola de futebol com a arrecadação de duas semanas.

Espantoso o número de itens perdidos. Assim como os professores paravam no meu colégio, acreditava na greve dos objetos: moedas e anéis rolavam e cédulas voavam dos bolsos para protestar por melhores condições.

Sofria para me manter estável, pois nunca pedia dinheiro a ninguém. Desde cedo, descobri que vadiar é também trabalhar duro.

Disponível em: <

<http://carpinejar.blogspot.com.br/2016/06/achado-nao-e-roubado.html> > Acesso em: 22 jun. 2016.

(G1 - ifsul 2017) Há concordância nominal INADEQUADA em:

- a) É proibida entrada em bueiros.
- b) O menino achou bastantes moedas no bueiro.
- c) Ele escolheu mau lugar e hora para fazer a expedição.
- d) A primeira e a segunda expedições da tarde eram bem sucedidas.

#### Exercício 4

(G1 - ifsp 2016) Concordância é o mecanismo pelo qual as palavras alteram suas terminações para se adequarem harmonicamente em uma frase. Considerando o conceito de concordância e a norma padrão da Língua Portuguesa, associe as colunas indicando a alternativa que ordena corretamente as frases e a avaliação dos eventos de concordância:

- I. Nós nos conhecíamos haviam anos.
- II. Nós nos conhecíamos havia anos.
- III. É proibido a entrada.
- IV. É proibida a entrada.

- ( ) a concordância verbal está correta.
- ( ) há um erro de concordância verbal.
- ( ) há um erro de concordância nominal.
- ( ) a concordância nominal está correta.

- a) II, I, III, IV.
- b) I, II, III, IV.
- c) II, III, I, IV.
- d) IV, III, II, I.
- e) III, IV, I, II.

#### Exercício 5

(G1 - ifal 2016) As relações de concordância nominal que aparecem nos textos abaixo apontam que os autores identificam-se com a categoria gramatical de gênero masculino. Apenas um texto contraria essa afirmação. Qual?

- a) “Insistir em algo que nunca dá certo é como calçar um sapato que não serve mais. Machuca, causa bolhas, às vezes até sangra. Aí você percebe que o melhor é ficar descalço. Deixar totalmente livre o coração, enquanto vive. Deixar livre os pés enquanto cresce.”
- b) “Pega no meu queixo e diz que não sou só eu que sinto medo aqui. Faça alguma coisa ruim, qualquer coisa que me impeça imediatamente de sentir esse amor absurdo por você. Estou nas suas mãos e isso não é uma metáfora. Porque eu já não sei mais

nada. Parece que sou mesmo seu foco de vida, mas também pode ser que você ande apenas distraída do resto do mundo.”

c) “Assim / Que o dia amanheceu / Lá no mar alto da paixão, / Dava prá ver o tempo ruir / Cadê você? / Que solidão! / Esquecera de mim? / Enfim, / De tudo o que / Há na terra / Não há nada em lugar / Nenhum / Que vá crescer / Sem você chegar / Longe de ti / Tudo parou / Ninguém sabe / O que eu sofri...”

d) “Nasci em Alegrete, em 30 de julho de 1906. Creio que foi a principal coisa que me aconteceu. E agora pedem-me que fale sobre mim mesmo. Bem! Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.”

e) “Exatamente por execrar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese. Outro elemento da poesia é a busca da forma (não da fôrma), a dosagem das palavras. Talvez concorra para esse meu cuidado o fato de ter sido prático de farmácia durante cinco anos.”

#### Exercício 6

(G1 - col. naval 2016) Em que alternativa a concordância nominal está correta?

- a) Pais e professores estão alertas para a notória diminuição do hábito de leitura entre os jovens.
- b) Infelizmente, tornaram-se tiranas as mães e os educadores que não refletiram sobre a palestra.
- c) Algumas pessoas ficaram todo felizes quando acertaram muitas questões na prova de seleção.
- d) O profissional inexperiente traduziu errada uma das frases, confundindo muitos leitores.
- e) Muitos sabem que é proibida entrada de animais em supermercados e hortifrutis.

#### Exercício 7

(G1 - ifal 2016) Assinale a frase cuja concordância nominal está correta.

- a) Alguns pseudos-sociólogos se opõem ao Bolsa Família.
- b) Há partes da floresta que estão menas devastadas que outras.
- c) Visto a grande destruição, alguma atitude deve ser tomada.
- d) Seguem anexo os documentos do processo.
- e) Todos devem ficar alerta para a questão do desmatamento.

#### Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

<sup>1</sup>A vida de geladeira me lembrava a infância <sup>2</sup>quando nos prendiam no quarto com uma daquelas doenças inevitáveis: sarampo, caxumba, catapora. Ali ainda era possível olhar pela janela a chuva fininha caindo nas ruas de Minas, a tropa de burros transportando carvão, <sup>3</sup>a cara do carvoeiro manchada de negro nas bochechas. Os adultos apareciam de tarde e de manhã, <sup>4</sup>colocavam o termômetro não sem balançá-lo energicamente antes. <sup>5</sup>Quando tiravam o termômetro e se aproximavam da claridade, <sup>6</sup>discutiam em voz baixa. Trinta e sete e meio, normal; não, trinta e sete e meio ainda é febre. Não sabíamos o que significavam realmente aqueles números e nem aquela coisa fria debaixo do braço. Mas a palavra febre era definitiva. Com febre você não pode sair; enquanto você tiver febre você terá de ficar

dentro do quarto. De manhã você tinha menos febre, <sup>7</sup>de tarde as coisas pioravam. E isto era todo dia. Por que não enfiar aquele termômetro só de manhã?

Aquela altura os jornais já haviam publicado reportagens relativamente extensas e exatas sobre <sup>8</sup>o sequestro do Embaixador americano. O Rio de Janeiro estava ainda fora de propósito. Para onde ir? As coisas estavam nesse pé: <sup>9</sup>iríamos para algum lugar que não fosse o Rio de Janeiro, dentro de algum tempo. <sup>10</sup>Não sei se o leitor/a já se meteu nessas complicações onde há muitas variáveis desconhecidas. Minha técnica é de abandonar algumas e me fixar na mais viável. Não me perguntava tanto quando sairia e sim para onde sairia. O problema do quando se resolveria depois.

Adap. GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Codecri, 1979, p. 139.

(Udesc 2015) Marque a alternativa incorreta em relação à obra *O que é isso, companheiro?*, Fernando Gabeira, e ao texto.

- a) Em relação ao estilo, a obra de Gabeira é pontuada por frases curtas e tom informal, características também do discurso jornalístico.
- b) Nos sintagmas “quando nos prendiam no quarto com uma daquelas doenças inevitáveis” (referência 2) e “Quando tiravam o termômetro” (referência 5) as palavras destacadas remetem à ideia de temporalidade.
- c) Da leitura da obra, depreende-se que a expressão “A vida de geladeira” (referência 1) remete à ideia de confinamento retratada no período da ditadura.
- d) O período “Não sei se o leitor/a já se meteu nessas complicações onde há muitas variáveis desconhecidas. Minha técnica é de abandonar algumas e me fixar na mais viável. Não me perguntava tanto quando sairia e sim para onde sairia” (referência 10) justifica que a narração em primeira pessoa explicita as vivências do autor em um mundo real, tornando a sua ficção mais verossímil.
- e) Na estrutura linguística “a cara do carvoeiro manchada de negro nas bochechas” (referência 3), no que se refere à concordância nominal, há um desvio às normas exigidas pela gramática normativa.

### Exercício 9

(Espm 2014) Na frase: “Analfabetismo, saneamento básico e pobreza **combinados** explicam 62% da taxa de mortalidade das crianças com até cinco anos no Brasil.” (O Estadão), a palavra em negrito:

- a) transgredir as normas de concordância nominal.
- b) concorda em gênero e número com o elemento mais próximo.
- c) faz uma concordância ideológica, num caso de silepse de número.
- d) poderia ser substituído pelo termo “combinadas”.
- e) concorda com todos os termos a que se refere, prevalecendo o masculino plural.

### Exercício 10

(Ufsc 2013) Leia o trecho.

Este último passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: ainda bem não tinham expirado as últimas notas do canto, e já, passando-lhe rápido pela mente um turbilhão de ideias, admirava-se ele de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luisinha, menina sensaborona e esquisita, quando haviam no mundo mulheres como Vidinha. Decididamente estava apaixonado por esta última. O leitor não se deve admirar disto, pois não temos cessado de repetir-lhe que o Leonardo herdara de seu pai aquela grande cópia de fluido amoroso que era a sua principal característica. Com esta herança parece porém que tinha ele tido também uma outra, e era <sup>1</sup>a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes. <sup>2</sup>José Manuel fora a primeira; vejamos agora qual era, ou antes quem era a segunda. Se o leitor pensou no que há pouco dissemos, isto é, que naquela família haviam três primos e três primas, e se agora acrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter cismado alguma coisa a respeito. Três primos e três primas, morando na mesma casa, todos moços... não há nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre porém ainda observar que o amigo do Leonardo tomara conta de uma das primas, e que deste modo vinha a haver três primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. À vista disto o negócio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, saiba-se que haviam dois primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de todas; saiba-se mais que um era atendido e outro desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedades em vez de uma.

ALMEIDA, M. A. *Memórias de um sargento de milícias*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 101-102.

Com base no texto, na leitura do romance *Memórias de um sargento de milícias* e no contexto do Romantismo brasileiro, marque a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

- 01) Da mesma forma que em outros romances românticos, temos em *Memórias de um sargento de milícias* a figura do herói idealizado, apresentado como um homem puro, corajoso e de princípios morais elevados.
- 02) Uma importante característica romântica, o final feliz, não se verifica em *Memórias de um sargento de milícias*, uma vez que Luisinha casa com José Manuel, e Leonardo acaba sozinho. Por outro lado, a história cumpre à risca o projeto romântico no que diz respeito à crítica que faz à falsa moral da burguesia.
- 04) O texto sugere a inconstância dos amores de Leonardo apresentada ao longo do romance: o rapaz, que antes sofria por amor a Luisinha, apaixona-se por Vidinha logo após conhecê-la. Pouco depois, tem um relacionamento com a amante do Tomalargura. Por fim, casa-se com Luisinha.
- 08) Caso a oração reduzida de infinitivo “a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes” (ref. 1) fosse reescrita como uma oração desenvolvida, teríamos “a de que lhe sobrevinha sempre uma contrariedade em casos semelhantes”.
- 16) No trecho “José Manuel fora a primeira” (ref. 2), temos um desvio na concordância nominal, porque o adjetivo primeira deveria estar no masculino, de forma a concordar com José Manuel.

## Exercício 11

(Insper 2012) **Texto 1**

"sic" - Em latim, significa assim. Expressão usada entre colchetes ou parênteses no meio ou no final de uma declaração entre aspas, ou na transcrição de um documento, para indicar que é assim mesmo, por estranho ou errado que possa ser ou parecer.

([http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_texto\\_s.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_s.htm))

## Texto 2

A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, recebeu um grupo de 50 manifestantes, que foram de ônibus a Brasília reclamar sobre a demora para receber os recursos do governo federal. (...) Em nota divulgada ontem no site do Ministério da Cultura, Ana de Hollanda disse que o ministério "reconhece, valoriza e tem claro [sic] a necessidade da continuidade" do trabalho dos Pontos de Cultura. A nota, no entanto, não aponta quando o problema deve ser resolvido.

(Folha de São Paulo, 23/02/2011)

Considerando-se as informações apresentadas nos textos, é correto afirmar que o motivo da inclusão do "sic", no Texto II, é apontar uma falha de

- a) concordância nominal, já que o adjetivo "claro" deveria estar no feminino para concordar com o substantivo "necessidade".
- b) regência nominal, pois o "a", antes do substantivo "necessidade", deveria receber acento grave para indicar a ocorrência de crase.
- c) pontuação, uma vez que se omitiu a vírgula obrigatória para separar as orações coordenadas presentes nesse período.
- d) acentuação gráfica, já que o verbo "ter", presente na expressão "tem claro", deveria receber acento circunflexo.
- e) coesão textual, pois, nessa construção, é obrigatória a inclusão do conectivo "que" para ligar a oração principal à oração subordinada.

## Exercício 12

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### Futebol de rua

*Luís Fernando Veríssimo*

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. **(I) Mas** existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. **(II) Se** você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. **(III) Futebol de rua é tão** humilde **que** chama pelada de senhora. Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

**DA BOLA** – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. (...)

**DAS GOLEIRAS** – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas,

os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor, e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. **(IV) Quando** o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. (...)

**DO CAMPO** – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

**DA DURAÇÃO DO JOGO** – **(V) Até** a mãe chamar **ou** escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

**DO JUIZ** – Não tem juiz.  
(...)

**DAS SUBSTITUIÇÕES** – Só são permitidas substituições:

- a) No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.
- b) Em caso de atropelamento.

**DO INTERVALO PARA DESCANSO** – Você deve estar brincando.

**DA TÁTICA** – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner\*.

**DAS PENALIDADES** – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

**DA JUSTIÇA ESPORTIVA** – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

\*córner = escanteio

(Publicado em Para Gostar de Ler. v.7. SP: Ática, 1981)

(G1 - ifpe 2012) As proposições abaixo tratam das regras de concordância nominal. Analisando frases do texto, observe:

- I. A concordância no período "É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto" está correta, pois o adjetivo "considerada" concorda com o substantivo "atitude".
- II. O enunciado "É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi" está correto, pois o adjetivo "permitido" fica invariável quando o sentido é vago, genérico.
- III. O erro em "Só são permitidas substituições (...)" está no adjetivo "permitidas", que deveria ficar no masculino devido à ausência de artigo ou de outro determinante antes de "substituições".
- IV. O enunciado "É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi" deveria ser substituído por "É permitida a entrada na área adversária tabelando com uma Kombi" para se adequar à norma padrão.

V. O período “Só são permitidas substituições (...)” está correto, pois o adjetivo “permitidas” deve concordar com “substituições” que está no feminino plural, mesmo sem a presença do determinante.

Estão corretas apenas:

- a) I, II e V
- b) I, III e IV
- c) IV e V
- d) I e II
- e) II e III

### Exercício 13

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Quem ri por último ri Millôr

Eu tinha 15 anos, havia tomado bomba, era virgem e não via, diante da minha incompetência para com o sexo oposto, a mais remota possibilidade de reverter a situação.

Em algum momento entre a oitava série e o primeiro colegial, todos os meus colegas haviam adotado roupas diferentes, gírias, trejeitos ao falar e ao gesticular, mas eu continuava igual – era como se houvesse faltado na aula em que os estilos foram distribuídos e estivesse condenado a viver para sempre numa espécie de limbo social, feito de incertezas, celibato e moletom. O mundo, antes um lugar com regras claras e uma razoável meritocracia, havia perdido o sentido: os bons meninos não ganhavam uma coroa de louros – nem ao menos, vá lá, uma loura coroa –, era preciso acordar às 6h15 para estudar química orgânica e os adultos ainda queriam me convencer de que aquela era a melhor fase da vida.

Claro, observando-os, era óbvia a razão da nostalgia: seres de calças bege e pager no cinto, que gastavam seus dias em papinhos de elevador, sem ambições maiores do que um carro novo, um requeijão com menos colesterol, o nome na moldura de funcionário do mês e ingressos para o Holiday on Ice no fim de semana.

Em busca de algum consolo, me esforçava para bater o recorde jamaicano de consumo de maconha, mas, em vez de ter abertas as portas da percepção – ou o que quer que fizesse com que meus amigos se divertissem e passassem meia hora rachando o bico, sei lá, de um amendoim –, só via ainda mais escancaradas as portas da minha inadequação. Foi então, meus caros, que eu vi a luz – e a luz veio na forma de um livro; “Trinta anos de mim mesmo”, do Millôr Fernandes.

A primeira página que eu abri trazia um quadrado em branco, com a seguinte legenda: “Uma gaivota branca, trepada sobre um iglu branco, em cima de um monte branco. No céu, nuvens brancas esvoaçam e à direita aparecem duas árvores brancas com as flores brancas da primavera”. Logo adiante estava “O abridor de latas”, “Pela primeira vez no Brasil um conto inteiramente em câmera lenta” – narrando um piquenique de tartarugas que durava uns 1.500

anos. Mais pra frente, esta quadra: “Essa pressa leviana/ Demonstra o incompetente/ Por que fazer o mundo em sete dias/ Se tinha a eternidade pela frente?”.

Lendo aquelas páginas, que reuniam o trabalho jornalístico do Millôr entre 1943 e 1973, compreendi que não estava sozinho em meu estranhamento: a vida era mesmo absurda, mas a resposta

mais lógica para a falta de sentido não era o desespero, e sim o riso. Percebi, como se não bastasse, que se agregasse alguma graça aos meus resmungos poderia fazer daquele incômodo uma profissão. Dos 19 anos até hoje, jamais paguei uma conta de luz de outra forma.

Uma pena nunca ter conhecido o Millôr pessoalmente, não ter podido apertar sua mão e agradecer-lhe por haver me sussurrado ao ouvido, quando eu mais precisava escutar, a única verdade que há debaixo do céu: se Deus não existe, então tudo é divertido.

Antonio Prata. Folha de S. Paulo. 04/04/2012.

(Insper 2012) Embora se use de um registro linguístico coloquial na passagem “se divertissem e passassem meia hora rachando o bico”, o cronista estabelece, no termo destacado, a concordância nominal de acordo com as regras gramaticais. Assinale a alternativa em que o uso da palavra “meia” ou “meio” NÃO está de acordo com a norma culta da língua.

- a) É meio-dia e meia.
- b) Eu estou meia cansada.
- c) As frutas estão meio caras.
- d) Acolheu-me com palavras meio ríspidas.
- e) Não me venha com meias palavras.

### Exercício 14

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Quando a rede vira um vício

Com o título “Preciso de ajuda”, fez-se um desabafo aos integrantes da comunidade Viciados em Internet Anônimos: “Estou muito dependente da web, Não consigo mais viver normalmente. Isso é muito sério”. Logo obteve resposta de um colega de rede. “Estou na mesma situação. Hoje, praticamente vivo em frente ao computador. Preciso de ajuda.” O diálogo dá a dimensão do tormento provocado pela dependência em Internet, um mal que começa a ganhar relevo estatístico, à medida que o uso da própria rede se dissemina. Segundo pesquisas recém-conduzidas pelo Centro de Recuperação para Dependência de Internet, nos Estados Unidos, a parcela de viciados representa, nos vários países estudados, de 5% (como no Brasil) a 10% dos que usam a web — com concentração na faixa dos 15 aos 29 anos. Os estragos são enormes. Como ocorre com um viciado em álcool ou em drogas, o doente desenvolve uma tolerância que, nesse caso, o faz ficar on-line por uma eternidade sem se dar conta do exagero. Ele também sofre de constantes crises de abstinência quando está desconectado, e seu desempenho nas tarefas de natureza intelectual despenca. Diante da tela do computador, vive, aí sim, momentos de rara euforia. Conclui uma psicóloga americana: “O viciado em internet vai, aos poucos, perdendo os elos com o mundo real até desembocar num universo paralelo — e completamente virtual”.

Não é fácil detectar o momento em que alguém deixa de fazer uso saudável e produtivo da rede para estabelecer com ela uma relação doentia, como a que se revela nas histórias relatadas ao longo desta reportagem. Em todos os casos, a internet era apenas “útil” ou “divertida” e foi ganhando um espaço central, a ponto de a vida longe da rede ser descrita agora como sem sentido. Mudança tão drástica se deu sem que os pais atentassem

para a gravidade do que ocorria. "Como a internet faz parte do dia a dia dos adolescentes e o isolamento é um comportamento típico dessa fase da vida, a família raramente detecta o problema antes de ele ter fugido ao controle", diz um psiquiatra. A ciência, por sua vez, já tem bem mapeados os primeiros sintomas da doença. De saída, o tempo na internet aumenta — até culminar, pasme-se, numa rotina de catorze horas diárias, de acordo com o estudo americano. As situações vividas na rede passam, então, a habitar mais e mais as conversas. É típico o aparecimento de olheiras profundas e ainda um ganho de peso relevante, resultado da frequente troca de refeições por sanduíches — que prescindem de talheres e liberam uma das mãos para o teclado. Gradativamente, a vida social vai se extinguindo. Alerta outra psicóloga: "Se a pessoa começa a ter mais amigos na rede do que fora dela, é um sinal claro de que as coisas não vão bem".

Os jovens são, de longe, os mais propensos a extrapolar o uso da internet. Há uma razão estatística para isso — eles respondem por até 90% dos que navegam na rede, a maior fatia —, mas pesa também uma explicação de fundo mais psicológico, à qual uma recente pesquisa lança luz. Algo como 10% dos entrevistados (viciados ou não) chegam a atribuir à internet uma maneira de "aliviar os sentimentos negativos", tão típicos de uma etapa em que afloram tantas angústias e conflitos. Na rede, os adolescentes sentem-se ainda mais à vontade para expor suas ideias. Diz um outro psiquiatra: "Num momento em que a própria personalidade está por se definir, a internet proporciona um ambiente favorável para que eles se expressem livremente". No perfil daquela minoria que, mais tarde, resvala no vício se vê, em geral, uma combinação de baixa autoestima com intolerância à frustração. Cerca de 50% deles, inclusive, sofrem de depressão, fobia social ou algum transtorno de ansiedade. É nesse cenário que os múltiplos usos da rede ganham um valor distorcido. Entre os que já têm o vício, a maior adoração é pelas redes de relacionamento e pelos jogos on-line, sobretudo por aqueles em que não existe noção de começo, meio ou fim.

Desde 1996, quando se consolidou o primeiro estudo de relevo sobre o tema, nos Estados Unidos, a dependência em internet é reconhecida — e tratada — como uma doença. Surgiram grupos especializados por toda parte. "Muita gente que procura ajuda ainda resiste à ideia de que essa é uma doença", conta um psicólogo. O prognóstico é bom: em dezoito semanas de sessões individuais e em grupo, 80% voltam a níveis aceitáveis de uso da internet. Não seria factível, tampouco desejável, que se mantivessem totalmente distantes dela, como se espera, por exemplo, de um alcoólatra em relação à bebida. Com a rede, afinal, descortina-se uma nova dimensão de acesso às informações, à produção de conhecimento e ao próprio lazer, dos quais, em sociedades modernas, não faz sentido se privar. Toda a questão gira em torno da dose ideal, sobre a qual já existe um consenso acerca do razoável: até duas horas diárias, no caso de crianças e adolescentes. Quanto antes a ideia do limite for sedimentada, melhor. Na avaliação de uma das psicólogas, "Os pais não devem temer o computador, mas, sim, orientar os filhos sobre como usá-lo de forma útil e saudável". Desse modo, reduz-se drasticamente a possibilidade de que, no futuro, eles enfrentem o drama vivido hoje pelos jovens viciados.

Silvia Rogar e João Figueiredo, Veja, 24 de março de 2010.  
Adaptado.

(G1 - col. naval 2011) Em qual das alternativas foi estabelecida a concordância nominal correta no trecho destacado?

- a) Em casos de dependência em internet, a avaliação psicológica é necessária.
- b) Um e outro internautas precisa de limites quanto ao uso da Rede.
- c) Haja visto o grande número de viciados em internet, alguma providência deve ser tomada.
- d) Dado a dependência na Web, muitos jovens estão comprometendo o convívio social.
- e) A juventude tem ficado meia prejudicada por causa do uso indevido da Rede.

### Exercício 15

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Velho papel pode estar com os anos contados

Já imaginou, daqui a algumas décadas, seu neto lhe perguntando o que era papel? Pois é, alguns pesquisadores já estão trabalhando para que esse dia chegue logo.

A suposta ameaça <sup>7</sup>à fibra natural não é o desajeitado e-book, mas o papel eletrônico, uma 'folha' que você carregaria dobrada no bolso.

Ela seria capaz de mostrar o jornal do dia – com vídeos, fotos e notícias <sup>8</sup>atualizadas –, o livro que você estivesse lendo ou qualquer informação antes impressa. Tudo ali.

Desde os anos 70, está no ar a <sup>5</sup>ideia de papel eletrônico, mas as últimas novidades são de duas semanas atrás. Cientistas holandeses anunciaram que estão perto de criar uma tela com 'quase todas' as propriedades do papel: <sup>3</sup>leveza, flexibilidade, <sup>4</sup>clareza, etc.

A novidade que deixa o invento um pouco mais palpável está nos transistores. No papel do futuro, eles não serão de 6silício, mas de plástico – que é maleável e barato.

Os holandeses dizem já ter um protótipo que mostra imagens em movimento em uma tela de duas polegadas, ainda que de qualidade <sup>1</sup>'meia-boca'.

<sup>2</sup>Mas não vá celebrando o fim do desmatamento e do peso na mochila. A expectativa é que um papel eletrônico mais ou menos convincente apareça só daqui a cinco anos.

Folha de S. Paulo, 17 dez. 2001.

Folhateen, p. 10.

(G1 - ifce 2011) A forma adjetiva "... atualizadas..." (ref. 8) está concordando com os substantivos "fatos e notícias". Não se observou a concordância nominal na frase

- a) As mulheres disseram muito obrigadas.
- b) Não somos nenhuns coitados.
- c) Bastantes pessoas vão usar o papel do futuro.
- d) As novidades da informática custam caro.
- e) É proibido a entrada de pessoas estranhas.

### Exercício 16

(G1 - cftmg 2006) A concordância nominal está de acordo com a norma padrão da língua portuguesa em:

- a) As hortaliças estão meio amareladas, mas temos de consumi-las.
- b) Ela mesmo confeccionou lindíssimas fantasias para o baile das bruxas.
- c) Aqueles casos de febre nas aves asiáticas ficaram bastantes complicados.
- d) É proibida entrada de pessoas estranhas naquele recinto, depois das 14 horas.

### Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Precisamos falar sobre fake news

Minha mãe tem 74 anos e, como milhões de pessoas no mundo, faz uso frequente do celular. É com ele que, conversando por voz ou por vídeo, diariamente, vence a distância e a saudade dos netos e netas.

Mas, para ela, assim como para milhares e milhares de pessoas, o celular pode ser também uma fonte de engano. De vez em quando, por acreditar no que chega por meio de amigos no seu WhatsApp, me envia uma ou outra mensagem contendo uma fake news. A última foi sobre um suposto problema com a vacina da gripe que, por um momento, diferente de anos anteriores, a fez desistir de se vacinar.

Eu e minha mãe, como boa parte dos brasileiros, não nascemos na era digital. Nesta sociedade somos os chamados migrantes e, como tais, a tecnologia nos gera um certo estranhamento (e até constrangimento), embora nos fascine e facilite a vida.

Sejamos sinceros. Nada nem ninguém nos preparou para essas mudanças que revolucionaram a comunicação. Pior: é difícil destrinchar o que é verdade em tempo de fake news.

Um dos maiores estudos sobre a disseminação de notícias falsas na internet, publicado ano passado na revista "Science", foi realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, e concluiu que as notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais gente.

Isso porque as fake news se valem de textos alarmistas, polêmicos, sensacionalistas, com destaque para notícias atreladas a temas de saúde, seguidas de informações mentirosas sobre tudo. Até pouco tempo atrás, a imprensa era a detentora do que chamamos de produção de notícias. E os fatos obedeciam, a critérios de apuração e checagem.

O problema é que hoje mantemos essa mesma crença, quase que religiosa, junto a mensagens das quais não identificamos sequer a origem, boa parte delas disseminada em redes sociais. Confiar-se a ponto de compartilhar, sem questionar.

O impacto disso é preocupante. Partindo de pesquisas que mostram que notícias e seus enquadramentos influenciam opiniões e constroem leituras da realidade, a disseminação das notícias falsas tem criado versões alternativas do mundo, da História, das Ciências "ao gosto do cliente", como dizem por aí.

Os problemas gerados estão em todos os campos. No âmbito familiar, por exemplo, vai de pais que deixam de vacinar seus filhos a ponto de criar um grave problema de saúde pública

de impacto mundial. E passa por jovens vítimas de violência virtual e física.

No mundo corporativo, estabelecimentos comerciais fecham portas, profissionais perdem suas reputações e produtos são desacreditados como resultado de uma foto descontextualizada, uma imagem alterada ou uma legenda falsa.

A democracia também se fragiliza. O processo democrático corre o risco de ter sua força e credibilidade afetadas por boatos. Não há um estudo capaz de mensurar os danos causados, mas iniciativas fragmentadas já sinalizam que ela está em risco.

Estamos em um novo momento cultural e social, que deve ser entendido para encontrarmos um caminho seguro de convivência com as novas formas e ferramentas de comunicação.

No Congresso Nacional, tramitam várias iniciativas nesse sentido, que precisam ser amplamente debatidas, com a participação de especialistas e representantes da sociedade civil.

O problema das fake news certamente passa pelo domínio das novas tecnologias, com instrumentos de combate ao crime, mas, também, pela pedagogia do esclarecimento.

O que posso afirmar, é que, embora não saibamos ainda o antídoto que usaremos contra a disseminação de notícias falsas em escala industrial, não passa pela cabeça de ninguém aceitar a utilização de qualquer tipo de controle que não seja democrático.

D.A., *O Globo*, em 10 de julho de 2019.

(G1 - col. naval 2020) No que se refere às normas da concordância verbal, observe as proposições.

- I. Contra a disseminação de notícias falsas, tramitam, no Congresso Nacional, inúmeras iniciativas amplamente debatidas.
- II. Nem o Congresso nem a justiça mensura os danos causados pelos boatos mentirosos e enganadores ao mundo corporativo.
- III. Durante muito tempo, acreditou-se, sem questionar, nos meios de comunicação de massa, principalmente, nos jornais impressos.
- IV. Hoje em dia, eu estou bem certo de que somos nós que devemos coibir a disseminação de notícias falsas em escala industrial.

As proposições que estão de acordo com as normas de concordância verbal são:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I, III e IV.
- d) III e IV.
- e) II, III e IV.

### Exercício 18

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

22 de maio

<sup>1</sup>Eu hoje estou triste. <sup>2</sup>Estou nervosa. <sup>3</sup>Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu

chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos.

<sup>4</sup>Cosinhei as batatas, eles comeram. <sup>5</sup>Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros.

Zanguei com ele. <sup>6</sup>Onde já se viu favelado com estas finezas?

... Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. <sup>7</sup>Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que <sup>8</sup>ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste <sup>9</sup>viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.

...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. <sup>10</sup>Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

<sup>11</sup>– Mamãe, <sup>12</sup>vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa.

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver meus filhos passar fome eu fui pedir auxílio ao <sup>13</sup>propalado Serviço Social. Foi lá que <sup>14</sup>eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver <sup>15</sup>os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. <sup>16</sup>A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, pp. 41 e 42.

(Udesc 2019) Relacione as duas colunas pautando a transgressão, quanto à língua formal culta, identificada no texto apresentado.

1. “Cosinhei as batatas” (ref. 4)
2. “Dura é a cama que dormimos” (ref. 7)
3. “vende eu para Dona Julita” (ref. 12)
4. “eu vi as lágrimas” (ref. 14)
5. “os dramas que ali se desenrola” (ref. 15)

- ( ) acentuação gráfica
- ( ) regência verbal
- ( ) concordância verbal
- ( ) ortografia
- ( ) emprego inadequado do pronome reto

Assinale a alternativa que contém a sequência **correta**, de cima para baixo.

- a) 4 – 5 – 2 – 1 – 3
- b) 5 – 2 – 3 – 1 – 4
- c) 2 – 1 – 4 – 3 – 5

d) 4 – 2 – 5 – 1 – 3

e) 4 – 5 – 2 – 3 – 1

## Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

<sup>1</sup>Recebi consulta de um amigo que tenta <sup>2</sup>deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. <sup>3</sup>Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância?

<sup>4</sup>Certamente, não se diz <sup>5</sup>“Pessoal, leia o livro X”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou <sup>6</sup>menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos; <sup>7</sup>exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, <sup>8</sup>nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece <sup>9</sup>aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, <sup>10</sup>mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

<sup>11</sup>Para tentar formular uma hipótese <sup>12</sup>mais clara para o problema apresentado, <sup>13</sup>talvez <sup>14</sup>se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) <sup>15</sup>é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal. <sup>16</sup>Exemplos <sup>17</sup>correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois <sup>18</sup>não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) <sup>19</sup>se <sup>20</sup>forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não <sup>21</sup>seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema <sup>22</sup>real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar <sup>23</sup>na frase, mas que atuam como se <sup>24</sup>lá estivessem.



(Ufrgs 2019) De acordo com o autor do texto, a explicação para a concordância verbal da frase ‘**Pessoal, leia o livro X**’ (ref. 5) está relacionada ao fato de a concordância verbal se fazer com um sujeito não expresso nem fonética nem ortograficamente.

Assinale a alternativa em que se encontra outro exemplo desse mesmo fenômeno gramatical de que trata o autor do texto.

- a) Meninos, vocês se comportem.
- b) Chegaram e saíram em seguida esses meninos.
- c) Gente, chegaram as pizzas!
- d) Gurizada, já terminaram a prova?
- e) Guria, tu já leu o livro que o professor indicou?

## Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### AS CRÔNICAS DE NÁRNIA



Viagens ao fim do mundo, criaturas fantásticas e batalhas épicas entre o bem e o mal – o que mais um leitor poderia querer de um livro? O livro que tem tudo isso é “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, escrito em 1949 por Clive Staples Lewis. Mas Lewis não parou por aí. Seis outros livros vieram depois e, juntos, ficaram conhecidos como “As Crônicas de Nárnia”.

Em um universo completamente mágico e original, C.S. Lewis conduz a terra de Nárnia desde a sua criação até o seu fim em sete livros incríveis. “As Crônicas de Nárnia” é um conjunto de histórias que abrangem diversas épocas dentro de um cenário repleto de castelos, membros da realeza, guerreiros, criaturas fantásticas, feiticeiras e uma mitologia bem extensa.

O autor buscou uma forma de elaborar a história da Bíblia em um contexto original e inspirado no livro sagrado, de modo que até mesmo quem não concorda com os seus preceitos e ensinamentos sinta interesse em iniciar a sua leitura. Além disso, há também referências claras às mitologias grega e nórdica e aos contos de fada, além da inserção de seres icônicos como o Papai Noel. Desde o Gênesis ao Apocalipse, Nárnia vivencia muitos períodos, nos quais questões muito diferentes são abordadas. Entretanto, há um elemento comum em todos os livros: os papéis principais são dados a crianças. São esses pequenos heróis que se descobrem grandes salvadores e se sentem no dever de lutar para proteger a terra que tanto amam e que depende deles.

A oposição entre Aslam e Tash começa a ganhar força no decorrer da cronologia dos livros, sempre camuflada em um contexto de conflitos por terras e guerras entre reinos. Em “A Última Batalha”, é citado que Aslam remete ao bem e Tash, ao mal. Qualquer um que estiver seguindo a um dos dois e praticar o bem estará, na verdade, seguindo a Aslam. Se for o oposto, estará seguindo a Tash. Ambos são os contrastes de atitudes boas e ruins que podem ser cometidas de acordo com o caráter, o comportamento e as escolhas de cada um.

No geral, os personagens de mais destaque em toda a obra são: Aslam, Digory Kirke, Polly Plummer, A Feiticeira Branca, Pedro Pevensie, Susana Pevensie, Edmundo Pevensie, Lucy Pevensie, Sr. Tumnus, Os Castores, Caspian X, Ripchip, Trumpkin, Shasta, Aravis, Eustáquio Mísero, Jill Pole, Brejeiro, Rilian, Confuso, Manhoso, Tirian e Tash. Cada um possui uma personalidade bastante distinta do outro e todos apresentam características que os tornam originais e clássicos em uma obra que é considerada essencial na vida de uma criança, mas que também pode ser apreciada por pessoas de qualquer faixa etária.

[...]

LIMA, Victor. Disponível em:  
<<https://nomeumundo.com/2016/08/17/as-cronicas-de-narnia/>>.  
Acesso em: 09 maio 2019 (adaptado).

(G1 - ifpe 2019) Analise alguns fragmentos do texto e marque a alternativa que contém uma afirmação VERDADEIRA.

a) Em “Viagens ao fim do mundo, criaturas fantásticas e batalhas épicas entre o bem e o mal – o que mais um leitor poderia querer de um livro? O livro que tem tudo isso é [...]” (1º parágrafo), o pronome destacado tem a função de retomar o trecho sublinhado.

b) Em “O livro que tem tudo isso é ‘O leão, a feiticeira e o guarda-roupa’, escrito em 1949 por Clive Staples Lewis.” (1º parágrafo), o emprego da vírgula, nas duas situações, se deve à mesma razão: separa termos de uma mesma função sintática.

c) Em “‘As Crônicas de Nárnia’ é um conjunto de histórias que abrange diversas épocas [...]” (2º parágrafo), há inadequações na concordância das palavras em destaque. Conforme a norma culta, deveria ser “são”, concordando com “Crônicas”, e “abrange”, combinando com “conjunto”.

d) Em “São esses pequenos heróis que se descobrem grandes salvadores e se sentem no dever de lutar para proteger a terra que tanto amam e que depende deles.” (3º parágrafo), o sujeito das formas verbais sublinhadas é o mesmo, o que pode ser comprovado pela adequada concordância verbal.

e) Em todo o quarto parágrafo, o autor focaliza o enredo de intrigas já anunciado no início do texto – “[...] batalhas épicas entre o bem e o mal”. O emprego de palavras como “oposição”, “conflitos” e “contrastes” comprova isso, embora, no quinto parágrafo, o autor mostre que os personagens são semelhantes entre si.

### Exercício 21

(Acafe 2018) Sobre concordância verbal e concordância nominal, assinale a afirmativa **correta**.

- a) Na frase “O governo brasileiro extinguiu a Renca (Reserva Nacional de Cobre e Associados) para que possa ser melhor exploradas nessa área os recursos naturais e outras fontes renováveis de energia”, a falta de concordância será sanada se a expressão “os recursos naturais” for substituída por “jazidas minerais”.
- b) Na frase “Os fatos apontados pelos órgãos de controle indicam que podem ter havido irregularidades na gestão dos projetos financiados com recursos públicos”, todos os verbos estão flexionados de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

c) A frase “Os ingredientes que encomendava era o mesmo semanalmente, razão por que seria de imaginar que fosse suficiente para a fermentação de cinquenta litros de cerveja” apresenta desvios da norma padrão quanto à concordância nominal, mas não há desvios da norma padrão quanto à concordância verbal.

d) Na frase “Estima-se que, em Portugal, cerca de dois terços dos cães tenham sido infectados com o parasita denominado *Leishmania infantum* nos últimos anos, embora muitos deles não manifestem a doença”, os verbos “tenham” e “manifestem” concordam com os respectivos sujeitos na terceira pessoa do plural.

### Exercício 22

(G1 - col. naval 2017) No que se refere à concordância verbal, observe as frases abaixo.

- I. Espera-se muitas novidades no campo da informática educacional este ano.
- II. Em todos os países, faz-se muitas promessas aos fabricantes de mídias digitais.
- III. Choveram reclamações sobre o novo celular disponibilizado nas lojas do ramo.
- IV. Houveram-se muito bem os expositores da Feira de Tecnologia do Anhembi.

Assinale a opção correta.

- a) Apenas as afirmativas I, II e IV estão de acordo com a norma culta.
- b) Apenas as afirmativas II, III e IV estão de acordo com a norma culta.
- c) Apenas as afirmativas I, III e IV estão de acordo com a norma culta.
- d) Apenas as afirmativas I e II estão de acordo com a norma culta.
- e) Apenas as afirmativas III e IV estão de acordo com a norma culta.

### Exercício 23

(G1 - ifce 2016) Em relação à norma culta da língua portuguesa, a concordância verbal está **incorreta** em

- a) Fui eu que pagou a conta.
- b) A maioria dos congressistas aprovaram o projeto.
- c) Alagoas impressiona pela beleza de suas praias.
- d) Tu e teus primos conduzireis a cerimônia.
- e) Havia muitas garotas na festa.

### Exercício 24

(G1 - cps 2016) A concordância verbal está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em

- a) O peão e o agricultor, por motivo de força maior, plantará o milho aqui.
- b) Falta setenta dias para começar a colheita do café nas encostas.
- c) O engenheiro ou arquiteto visitará o loteamento amanhã.
- d) São uma hora e quarenta e nove minutos precisamente.
- e) Vende-se terras extensas naquelas regiões longínquas.

### Exercício 25

(Acafe 2016) Sobre concordância verbal e nominal, assinale a alternativa **correta**.

- a) Salvo melhor juízo, não foi levada em consideração as disposições estabelecidas pelo regimento do curso.
- b) Listam-se, em anexo, todas as disciplinas do segundo semestre, entre as quais encaixam-se, no meu plano de formação, as duas primeiras.
- c) Nesse caso, lista-se primeiramente os 11 princípios de Goebbels conforme consta nas páginas mais recente do Guilherme Afif Domingos.
- d) Como cumpro todos os requisitos previstos no Art. 16, não fica claro os motivos pelos quais eu não recebi a bolsa.

### Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia este texto e responda à(s) questão(ões) a seguir.

Cientistas americanos apresentaram ontem resultados preliminares de uma vacina contra o fumo. O medicamento impede que a nicotina – componente do tabaco que causa dependência – chegue ao cérebro. Em ratos vacinados, até  da nicotina injetada deixou de atingir o sistema nervoso central.

*O Globo*, 18/12/99

(G1 - ifal 2016) Com relação à concordância verbal no último período do texto, é correto afirmar que

a) o verbo teria de ficar no plural concordando com o número percentual, que é núcleo do sujeito e está no plural.

b) é admissível a concordância no singular, porque o substantivo que especifica o número está no singular.

c) a concordância só é admitida no singular, haja vista “nicotina” ser o núcleo do sujeito.

d) a concordância no singular está errada, uma vez que o sujeito é “Em ratos vacinados”.

e) o verbo fica necessariamente no plural, independente da flexão do substantivo que o especifique, se o sujeito é um número percentual acima de 1%.

### Exercício 27

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

O desaparecimento dos livros na vida cotidiana e a diminuição da leitura é preocupante quando sabemos que os livros são dispositivos fundamentais na formação subjetiva das pessoas. Nos perguntamos sobre o que os meios de comunicação fazem conosco: da televisão ao computador, dos brinquedos ao telefone celular, somos formados por objetos e aparelhos.

Se em nossa época a leitura diminui vertiginosamente, ao mesmo tempo, cresce o elogio da ignorância, nossa velha conhecida. Há, nesse contexto, dois tipos de ignorância. Uma é a ignorância filosófica, aquela que em Sócrates se expunha na ironia do “sei-que-nada-sei”. Aquele que não sabe e quer saber pode procurar os livros, esses objetos que guardam tantas informações, tantos conteúdos, que podemos esperar deles muita coisa: perguntas e, até mesmo, respostas. A outra é a ignorância prepotente, à qual alguns filósofos deram o nome de “burrice”. Pela burrice, essa forma cognitiva impotente e, contudo, muito prepotente, alguém transforma o não saber em suposto saber, a resposta pronta é transformada em verdade. Nesse caso, os livros são esquecidos. Eles são desnecessários como “meios para o saber”. Cancelada a curiosidade, como sinal de um desejo de conhecimento, os livros tornam-se inúteis. Assim, a ignorância que nos permite saber se opõe à que nos deforma por estagnação. A primeira gosta dos livros, a segunda os detesta.

[...]

Para aprender a perguntar, precisamos aprender a ler. Não porque o pensamento dependa da gramática ou da língua formal, mas porque ler é um tipo de experiência que nos ensina a desenvolver raciocínios, nos ensina a entender, a ouvir e a falar para compreender. Nos ensina a interpretar. Nos ajuda, portanto, a elaborar questões, a fazer perguntas. Perguntas que nos ajudam a dialogar, ou seja, a entrar em contato com o outro. Nem que este outro seja, em um primeiro momento, apenas cada um de nós mesmos.

Pensar, esse ato que está faltando entre nós, começa aí, muitas vezes em silêncio, quando nos dedicamos a esse gesto simples e ao mesmo tempo complexo que é ler um livro. É lamentável que as pessoas sucumbam ao clima programado da cultura em que ler é proibido. Os meios tecnológicos de

comunicação são insidiosos nesse momento, pois prometem uma completude que o ato de ler um livro nunca prometeu. É que o ato da leitura nunca nos engana. Por isso, também, muitos afastam-se dele. Muitos que foram educados para não pensar, passam a não gostar do que não conhecem. Mas há quem tenha descoberto esse prazer que é o prazer de pensar a partir da experiência da linguagem – compreensão e diálogo – que sempre está ofertado em um livro. Certamente para essas pessoas, o mundo todo – e ela mesma – é algo bem diferente.

(TIBURI, Márcia. *Potência do pensamento: por uma filosofia política da leitura*. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br> – 31 jan. 2016 – com adaptações)

(G1 - col. naval 2016) Em “Há, nesse contexto, dois tipos de ignorância [...]” (2º) a concordância verbal, de acordo com a variedade padrão da língua, é feita na 3ª pessoa do singular. Em que opção isso também deve ocorrer?

a) Cresce, no mundo, os casos de rejeição à leitura e consequente valorização de outros meios.

b) Nas escolas, assiste-se a mudanças no que diz respeito ao prazer de pensar a partir da experiência da linguagem.

c) Devia existir mais programas de incentivo à leitura, uma vez que ela ensina a desenvolver raciocínios.

d) Do lado de fora da sala, ouvia-se os gritos dos alunos, extasiados com a história lida pela professora.

e) Já é comum, na vida cotidiana, os meios tecnológicos de comunicação.

### Exercício 28

(G1 - col. naval 2015) Em qual opção as normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas?

a) As atividades educacionais, muitas vezes criticadas por pais de alunos, tem sido alvo de análise para que se evite abusos.

b) É cada vez mais comum que alunos, cuja ascensão social depende de cursos feitos, sacrifique a vida pessoal.

c) Em certas situações, e uma reunião de pais é uma delas, é necessária paciência e perseverança.

d) O noticiário de jornais e revistas, especialmente os de educação, alertam para a precariedade dos cursos técnicos oferecidos.

e) Acredito que, quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar dos cidadãos, mesmo que não haja bastantes recursos para isso.

### Exercício 29

(Acafe 2014) Assinale a frase **correta** quanto à concordância verbal.

a) Passou pela minha cabeça as estradas de terra, as viagens de barcos pelos rios do Pará, as entrevistas com as pessoas

humildes, as histórias de vida (verdadeiras lições que não se aprende na escola).

b) Se vocês virem todos os detalhes do projeto com mais atenção, hão de concluir que ele não será ecologicamente sustentável, nem será tampouco viável economicamente.

c) Peço que seja mandado para mim, o mais breve possível, as informações que combinamos.

d) Gostaria também que fosse marcado nas plantas encaminhadas os espaços que foram inventariados pelo Patrimônio da União

### Exercício 30

(G1 - ifce 2014) De acordo com a norma culta padrão de concordância verbal, está **correta** a frase da opção

a) Deve existir outras formas de se conquistar um grande amor.

b) Aqui, precisam-se de vendedoras.

c) Vende-se casas de veraneio em Fortaleza.

d) Cada um de nós derramamos o café no vestido de Laura.

e) Os Estados Unidos ainda são uma nação poderosa.

### Exercício 31

(G1 - ifsc 2014) Segundo a regra geral de concordância verbal, o verbo deve concordar em número e pessoa com seu sujeito. Verbos impessoais, como os que indicam fenômenos naturais e tempo decorrido, pela ausência do sujeito, são normalmente conjugados na terceira pessoa do singular. Com base nessas informações, assinale a alternativa na qual o verbo está conjugado **CORRETAMENTE**, segundo a norma padrão.

a) Aconteceu alguns fatos curiosos em nossa última viagem.

b) Se houvessem meios de ajudá-lo, eu certamente o faria.

c) A inércia dos governantes trazem graves males à educação.

d) Quantos anos fazem que dona Eudóxia morreu?

e) Não poderia haver dúvidas quanto a sua inocência.

### Exercício 32

(G1 - ifsp 2016) Concordância é o mecanismo pelo qual as palavras alteram suas terminações para se adequarem harmonicamente na frase. Considerando o conceito de concordância e a norma padrão da Língua Portuguesa, associe as colunas indicando a alternativa que ordena corretamente as frases e a avaliação dos eventos de concordância:

I. Havia muitos problemas.

II. Existiam muitos problemas.

III. A garota e o menino simpáticas.

IV. A garota e o menino bonitos.

( ) a concordância verbal está correta.

( ) há um erro de concordância verbal.

( ) há um erro de concordância nominal.

( ) a concordância nominal está correta

a) I, II, III, IV.

b) II, III, I, IV.

c) IV, III, II, I.

d) II, I, III, IV.

e) III, IV, I, II.

### Exercício 33

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Vizinhos e internautas

*Estudiosos do comportamento humano na vida moderna constatam que um dos males de nossa época é a incomunicabilidade. Já foi tempo em que, mesmo nas grandes cidades, nos bairros residenciais, ao cair da tarde, era costume os vizinhos se darem boa noite, levarem <sup>4</sup>as cadeiras de vime para as calçadas e ficar falando da vida, da própria e da dos outros.*

<sup>6</sup>A densidade demográfica, os apartamentos, a <sup>3</sup>violência urbana, o rádio e mais tarde a TV ilharam cada indivíduo no casulo doméstico. Moro <sup>8</sup>há 18 anos num prédio da Lagoa; tirante os raros e inevitáveis cumprimentos de praxe no elevador ou na garagem, não falo com eles nem eles comigo. Não sou exceção. Nesse lamentável departamento, sou regra.

*Daí que não entendo a pressão que volta e meia me fazem para navegar na Internet. <sup>9</sup>Um dos argumentos que me dão é que posso falar com pessoas na Indonésia, saber como vão <sup>1</sup>as colheitas de arroz na China e como estão os melões na Espanha.*

*Uma de minhas filhas vangloria-se de ser internauta. Tem amigos na Pensilvânia e arranjou um admirador em Dublin, terra do Joyce, do Bernard Shaw e do Oscar Wilde. Para convencê-la de seus méritos, ele mandou uma foto em cor que foi impressa em alta resolução. É um jovem simpático, de bigode, cara honesta. Pode ser que tenha mandado a foto de um outro.*

*Lembro a correspondência sentimental das velhas revistas de antanho. Havia sempre <sup>7</sup>a promessa: “Troco fotos na primeira carta”. Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.*

*Para vencer a incomunicabilidade, acredito que o internauta deva primeiro aprender a se comunicar com o vizinho de porta, de prédio, de rua. Passamos uns pelos outros com o desdém de nosso silêncio, de nossa cara amarrada. Os suicidas se realizam porque, na hora do desespero, falta <sup>5</sup>o vizinho que lhe deseje <sup>2</sup>sinceramente uma boa noite.*

## VOCABULÁRIO

*tirante* – exceto por

*praxe* – costume

*(James) Joyce, Bernard Shaw e Oscar Wilde* – escritores

*antanho* – antigamente

(G1 - ifsc 2012) Considerando as regras de concordância verbal na norma padrão da língua portuguesa, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Na oração *A densidade demográfica, os apartamentos, a violência urbana, o rádio e mais tarde a TV ilharam cada indivíduo no casulo doméstico* (ref. 6), o verbo destacado poderia ser escrito no singular (*ilhou*) sem desrespeitar as regras de concordância verbal.

b) Se substituíssemos *a promessa* (ref. 7) por *as promessas*, o verbo *haver* precisaria continuar no singular: *Havia sempre promessas*.

c) Se o verbo *haver* fosse substituído por *fazer* na oração *Moro há 18 anos num prédio da Lagoa* (ref. 8), teríamos que escrever *Moro fazem 18 anos num prédio da Lagoa*.

d) No período *Um dos argumentos que me dão é que posso falar com pessoas na Indonésia [...] na Espanha* (ref. 9), caso substituíssemos *um dos argumentos* por *o argumento*, o verbo *dar* teria que ficar no singular (*dá*).

e) Se o termo *o vizinho* (ref. 5) fosse posto no plural, o período ficaria: *Os suicidas se realizam porque, na hora do desespero, falta os vizinhos que lhe desejem sinceramente uma boa noite*.

## Exercício 34

(G1 - ifsc 2011) Assinale a única alternativa na qual está correta a concordância verbal, segundo a norma padrão da língua portuguesa.

a) Aconteceu alguns fatos muito estranhos no ano passado.

b) Nem faziam dois meses que ela se fora.

c) A retirada das tropas levariam algum tempo ainda.

d) Foi conseguido muitas doações para os desabrigados.

e) Se houvesse interessados, ele venderia o barco.

## Exercício 35

(Ibmecsp 2009) Analise o emprego do verbo "fazer" nos excertos a seguir:

I - Seria excessivo dizer que hoje já não se fazem bons filmes, mas não é excessivo dizer que já não se fazem filmes como antigamente.

(Boris Fausto, "Folha de São Paulo", 28 de maio de 2006)

II - "Eu tinha apenas dezessete anos

No dia em que saí de casa

E não fazem mais de quatro semanas que eu estou na estrada"

("Primeira canção da estrada", Sá e Guarabyra).

III - Uma coisa é patente: não fazem mais espelhos como antigamente.

Indique V (verdadeiro) ou F (falso) em cada uma das alternativas a seguir:

( ) Nos três excertos, o sujeito de "fazem" tem a mesma classificação: é indeterminado.

( ) Em I, o verbo "fazer" está na voz passiva sintética, e o sujeito é simples.

( ) Em I, ocorre uma falha de concordância verbal, uma vez que o índice de indeterminação do sujeito "se" exige verbo no singular.

( ) Em II, ocorre oração sem sujeito, por isso, o verbo não poderia ser flexionado no plural.

( ) Em III, seria obrigatória a inclusão do índice de indeterminação do sujeito.

A sequência CORRETA é:

a) V - F - V - F - V.

b) F - F - V - V - F.

c) F - V - F - V - F.

d) V - F - V - F - F.

e) F - V - F - V - V.

## Exercício 36

(Espm 2007) Dada uma frase, assinale a continuação cuja CONCORDÂNCIA VERBAL transgrida o que preceitua a norma culta:

"Pesquisa Datafolha mostra que perfil conservador do brasileiro continua forte:

a) 47% do eleitorado diz ter posição política de direita."

b) 47% dos eleitores dizem ter posição política de direita."

c) 47% diz ter posição política de direita."

d) 47% dizem ter posição política de direita."

e) 1% dos eleitores não souberam responder à pesquisa."

## Exercício 37

(Espm 2005) Assinale o item que contenha transgressão às regras de concordância verbal segundo as normas gramaticais:

a) Pesquisa feita por psicólogos mostra que 83% dos alunos de cursinho apresentam sintomas de estresse.

b) Das vestibulandas estudadas, 90% tem estresse.

c) Mais de 1/3 dos eleitores admite mudar de candidato.

d) Ibope informa que 46% dos brasileiros só conseguem resolver problemas com apenas uma operação aritmética.

e) Ibope informa que 46% da população só consegue resolver problemas com apenas uma operação aritmética.

### Exercício 38

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

(...) publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler.

1 Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases; o algarismo não tem frases, nem retórica.

2 Assim, por exemplo, um homem, o leitor ou eu, querendo falar do nosso país, dirá:

3 - Quando uma Constituição livre pôs nas mãos de um povo o seu destino, força é que este povo caminhe para o futuro com as bandeiras do progresso desfraldadas. A soberania nacional reside nas Câmaras; as Câmaras são a representação nacional. A opinião pública deste país é o magistrado último, o supremo tribunal dos homens e das coisas. Peço à nação que decida entre mim e o Sr. Fidélis Teles de Meireles Queles; ela possui nas mãos o direito a todos superior a todos os direitos.

4 A isto responderá o algarismo com a maior simplicidade:

5 - A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não leem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles; é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber porque nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, - por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.

6 Replico eu:

7 - Mas, Sr. Algarismo, creio que as instituições...

8 - As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: "consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação"; mas - "consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%". A opinião pública é uma metáfora sem base; há só a opinião dos 30%. Um deputado que disser na Câmara: "Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30% nos ouvem..." dirá uma coisa extremamente sensata.

9 E eu não sei que se possa dizer ao algarismo, se ele falar desse modo, porque nós não temos base segura para os nossos discursos, e ele tem o recenseamento.

(ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aquilar, vol. III, 1969.)

(Uerj 2000) Observe a concordância verbal nos trechos abaixo:

70% da nossa população não sabem ler

9% não leem letra de mão (par.5)

70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram (par.5)

os 30% nos ouvem (par.8)

Sobre o assunto, assim se expressa Evanildo Bechara:

"Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica referência numérica."

(BECHARA, Evanildo. "Moderna gramática português".

Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.)

Considerando essa lição gramatical, pode-se concluir que também estaria adequada a seguinte construção:

a) 70% da nossa população

b) 9% não lê letra de mão

c) 70% dos cidadãos vota do mesmo modo que respira

d) os 30% nos ouve

### Exercício 39

(Ufes 1999) O texto que OBEDECE às regras de concordância verbal é

a) "Com a alta dos juros, o saldo devedor dos financiamentos habitacionais deverão aumentar cerca de 6% caso a TR permaneça elevada por seis meses. Isso significa que uma dívida de R\$62.867 aumentará para R\$66.432 no período de dozes meses."

O GLOBO - 13/9/98

b) "Dos dois mil eleitores de todo o país consultados pelo Ibope entre 6 e 10 de agosto, 22% disseram que costumam assistir ao programa até o fim e 30 %, algumas partes. Mas 33% desligam a TV e 9% mudam para o canal a cabo ou para o vídeo. Os maiores índices dos que assistem a todo o programa estão entre os de menor grau de instrução..."

A GAZETA - 16/7/98

c) A utilização competente destes instrumentos processuais têm permitido que o judiciário, principalmente nos casos de vícios presumíveis nos editais de venda e transferência de controle das empresas estatais para empresas privadas, decidam (pre)liminarmente pela suspensão dos editais ou de cláusulas específicas."

O GLOBO - 26/7/98

d) "O Ministério da Saúde lançou ontem, no Rio, o Programa de Combate ao Câncer de Colo Uterino, que pretende atingir pelo menos 4 milhões de mulheres este ano. Entre as metas do programa estão a redução de incidência da doença e do número de óbitos motivados principalmente pela falta de um diagnóstico precoce."

O ESTADO DE MINAS - 1/8/98

e) "A redução das alíquotas do IPI vinha sendo pleiteada pelas montadoras desde novembro passado, quando foram elevadas em cinco pontos, dentro do pacote de ajuste fiscal do governo. Na época havia estimativas de que o aumento do IPI dos carros, em cinco pontos percentuais, e das bebidas, em dez pontos, proporcionariam uma arrecadação extra de R\$800 milhões neste ano."

O ESTADO DE MINAS - 1/8/98

### Exercício 40

(Mackenzie 1997) Assinale a única alternativa INCORRETA quanto à concordância verbal.

- a) A causa da tristeza de Maria eram as ausências dele.
- b) Se não houvessem cometido muitos erros no passado, hoje não haveria tantos problemas.
- c) Nossos costumes provêm , em parte, da África.
- d) Se não existissem motoristas irresponsáveis, deveriam haver menos acidentes fatais.
- e) Quem de nós, na próxima reunião do Conselho Administrativo, apresentará as propostas?

### Exercício 41

(Cesgranrio 1995) Assinale a opção em que a concordância verbal CONTRARIA a norma culta da língua.

- a) Não se assistia a tais espetáculos por aqui.
- b) Podem-se respeitar essas convenções.
- c) Pode-se perdoar aos exilados.
- d) Há de se fazer muitas alterações.
- e) Não se trata de problemas graves.

### Exercício 42

(Cesgranrio 1992) Assinale a opção em que a NORMA CULTA admite SÓ UMA concordância verbal:

- a) A maioria dos jovens\_\_\_\_\_ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)
- b) Naquela guerra entre quadrilhas,\_\_\_\_\_ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)
- c) Fui eu quem\_\_\_\_\_ um manifesto contra as irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)
- d) \_\_\_\_\_ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)
- e) Quantos de nós\_\_\_\_\_ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

### Exercício 43

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

- 1 Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos - e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.
- 2 Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaratou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo,

picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

- 3 - Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.
- 4 Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.
- 5 Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:
- 6 - Você é um bicho, Fabiano.
- 7 Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.
- 8 Chegara naquela situação medonha - e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.
- 9 - Um bicho, Fabiano.
- (Graciliano Ramos, *VIDAS SECAS*. Rio de Janeiro, Martins Editora, 1960, p. 20-21)

(Cesgranrio 1991) Assinale a concordância verbal ERRADA:

- a) Já é uma hora da tarde e ele ainda não chegou.
- b) Fazia três anos que ele viajara para Belém.
- c) Na reunião só havia cinco representantes do Sindicato.
- d) Deve existir pelo menos mais três documentos guardados.
- e) Qual dos três cientistas ganhará o prêmio este ano?

### Exercício 44

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

#### Só o ensino superior salva

Sou do tipo que chora. Batizado, casamento\*, mas principalmente formatura. Como é bonita a chance e o cumprimento do estudo. Pra todo mundo, universal mesmo. <sup>1</sup>Imagina a oportunidade a quem só poderia se formar em escola pública. De arrepiar. Por isso comemoro aqui o diploma de mais 423 alunos da URCA, a Universidade Regional do Cariri, conforme leio no site “Miséria”, o jornal da minha aldeia universalíssima. A festa foi nesta quinta (08/08) e haja <sup>2</sup>orgulho na gente de pequenas cidades e da roça nos arredores da Chapada do Araripe. São 12,5 mil alunos nesta escola mantida pelo governo cearense. Sou do tipo que chora com o ensino público e gratuito e a chance para quem vem lá do mato. Na formatura da <sup>3</sup>URCA, haja primos, <sup>4</sup>pense num povo metido, né, <sup>5</sup>ave palavra, que orgulho enquadrado na parede. Pense numa “balbúrdia”, <sup>6</sup>esse povo “lá de nós”, como na bendita <sup>7</sup>linguagem caririense, <sup>8</sup>formada em Artes Visuais, Biologia, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Educação Física, Engenharia de Produção,

Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Teatro e Tecnologia da Construção Civil. Pense!

E mais orgulhosamente ainda <sup>9</sup>vos digo: a URCA, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), <sup>10</sup>viva o gênio Anísio Teixeira, tem a menor taxa de evasão universitária do Brasil, apenas 4,47%. Como a turma dá valor ao candeeiro iluminista sertões adentro. Choro um Orós inteiro e ainda derramo minhas lágrimas no Jaguaribe, rio <sup>11</sup>que constava nos meus livros didáticos como o “rio mais seco do mundo”. <sup>12</sup>Desculpa aí, hoje só <sup>13</sup>venho <sup>14</sup>com as grandezas. Hoje, se eu pudesse, faria você também refletir com um discurso na linha do David Foster Wallace (1962-2008). Aquela sua fala como paraninfo de uma turma de formandos americanos do Kenyon College, em 2005, Gambier, Ohio. Ele escreveu uma singularíssima fábula sobre — <sup>15</sup>repare só! — dois peixinhos e a água. Recomendo a leitura. O texto está no livro *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de* <sup>16</sup>tudo (Companhia das Letras).

De Ohio ao Cariri. Além da URCA, em 2013 conquistamos (nada é de graça) a UFCA, a brava Universidade Federal do Cariri. <sup>17</sup>Era um facho, uma fogueira, era um candeeiro, era uma lamparina, era uma luminária a gás butano, fez-se a luz, *pardon* matriz iluminista, perdão Paris, mas o mundo e o futuro <sup>18</sup>será de um certo Cariri que peleja, aprende a preservar e estuda, somos a própria ideia viva de Patrimônio Universal da Humanidade, só falta o referendo da Unesco — escuto os mestres do Reizado ao fundo, que batuque afro-indígena-futurista. [...]

Só deixo o meu Cariri, no último pau-de-arara. Qual o quê, corri léguas rodoviárias, rumo ao Recife, a bordo da viação Princesa do Agreste, ainda no comecinho dos anos 1980. Espírito *beatnik*, por desejo e necessidade, deixei Juazeiro — onde morava —, o Crato de nascença, a Santana (Sítio das Cobras) afetiva de infância e a Nova Olinda das primeiras letras. Seria o primeiro representante do clã (risos rurais amarcodianos) dos Sá-Menezes-Freire-Novais, família meio pernambucana meio cearense, a chegar ao ensino superior. Um Xicobrás, diria, 100% escolha pública, do primário ao *campus* da UFPE. Hoje tenho uma penca de primos a cada nova formatura, sem precisar sequer sair dos arredores de casa. E pensar que não havia a <sup>19</sup>ideia de universidade no meu terreiro. Nada disso do que hoje comemoro com os formandos da URCA e UFCA. [...].

Só nos resta defender [...]. Sem sequer o direito ao <sup>20</sup>VAR (olho no lance) da história. <sup>21</sup>jmmmmmmmmmmkk kll l çñççlllçlxsp. Eita, desculpa, caro leitor, pela incompreensão da escrita, é que minha filha Irene invadiu esta crônica — tentando ver a Pepa Pig — e dedilhou involuntariamente estas mal-traçadas linhas. [...]

Texto adaptado de Xico Sá, publicado em 10 ago. 2019.

Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440\\_001442.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440_001442.html)

Acesso em: 14 ago. 2019

\* Os termos sublinhados neste texto representam *hyperlinks* no texto original publicado no sítio eletrônico do jornal *El País*.

Conforme o dicionário *Michaelis*, *hyperlink* é, “no contexto da hipermídia e do hipertexto, endereço que aparece em destaque (geralmente sublinhado ou apresentado em uma cor diferente) e que, a um clique no *mouse*, permite a conexão com outro *site*”.

(S1 - ifsul 2020) Qual alternativa está correta quanto às sintaxes de concordância e de regência?

a) O termo formada (referência 8) está flexionado no feminino singular para concordar com linguagem (referência 7).

b) A expressão “com as grandezas” (referência 14) é o objeto indireto que complementa o verbo transitivo indireto vir (referência 13).

c) O substantivo ideia (referência 19) possui adequadamente o complemento nominal introduzido pela preposição de.

d) O verbo ser (referência 18) deveria ter sido flexionado no plural para concordar com o sujeito composto.

#### Exercício 45

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

#### O dono do livro

Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano Mia Couto. Ele disse que certa vez chegou em casa no fim do dia, já havia anoitecido, quando um garoto humilde de 16 anos o esperava sentado no muro. O garoto estava com um dos braços para trás, o que perturbou o escritor, que imaginou que pudesse ser assaltado.

Mas logo o menino mostrou o que tinha em mãos: um livro do próprio Mia Couto. Esse livro é seu? perguntou o menino. Sim, respondeu o escritor. Vim devolver. O garoto explicou que horas antes estava na rua quando viu uma moça com aquele livro nas mãos, cuja capa trazia a foto do autor.

O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais. Então perguntou para a moça: Esse livro é do Mia Couto? Ela respondeu: É. E o garoto mais que ligeiro tirou o livro das mãos dela e correu para a casa do escritor para fazer a boa ação de devolver a obra ao verdadeiro dono.

Uma história assim pode acontecer em qualquer país habitado por pessoas que ainda não estejam familiarizadas com os livros – aqui no Brasil, inclusive. De quem é o livro? A resposta não é a mesma de quando se pergunta: “Quem escreveu o livro?”.

O autor é quem escreve, mas o livro é quem lê, e isso de uma forma muito mais abrangente do que o conceito de propriedade privada – comprei, é meu. O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, mesmo que seja emprestado, mesmo que tenha sido encontrado num banco de praça.

O livro é de quem tem acesso às suas páginas e através delas consegue imaginar os personagens, os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam. São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo que é transmitido pelo autor, mas que reflete em quem lê de uma forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É o leitor o livro.



Dias atrás gravei um comercial de rádio em prol do Instituto Estadual do Livro em que falo aos leitores exatamente isso: os meus livros são os seus livros. E são, de fato. Não existe livro sem leitor. Não existe. É um objeto fantasma que não serve para nada.

Aquele garoto de Moçambique não vê assim. Para ele, o livro é de quem traz o nome estampado na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse. Não tem ideia de como se dá o processo todo, possivelmente nunca entrou numa livraria, nem sabe o que é tiragem.

Mas, em seu desengano, teve a gentileza de tentar colocar as coisas em seu devido lugar, mesmo que para isso tenha roubado o livro de uma garota sem perceber.

Ela era a dona do livro. E deve ter ficado estupefata. Um fã do Mia Couto afanou seu exemplar. Não levou o celular, a carteira, só quis o livro. Um danado de uma amante da literatura, deve ter pensado ela. Assim são as histórias escritas também pela vida, interpretadas a seu modo por cada dono.

Martha Medeiros. Jornal *ZERO HORA* – 06/11/11. Revista *O Globo*, 25 de novembro de 2012.

(Esc. Naval 2017) Ao discutir a questão sobre “quem é o dono do livro”, no texto, o verbo ser fica em evidência. Assinale a opção em que a concordância da forma verbal destacada está correta, de acordo com a norma-padrão.

- a) Quem seria os donos deste livro?
- b) O que há de bom neste livro é as histórias.
- c) O mais é discussões infundadas sobre o autor.
- d) Tudo é leituras, para quaisquer tipos de textos.
- e) A leitura de três livros, em um dia, ... não serão demais?!

#### Exercício 46

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
ESTAMOS CRESCENDO DEMAIS ?

O nosso "complexo de vira-lata" tem múltiplas facetas. Uma delas é o medo de crescer. Sempre que a economia brasileira mostra um pouco mais de vigor, ergue-se, sinistro, um coro de vozes falando em "excesso de demanda" "retorno da inflação" e pedindo medidas de contenção.

O IBGE divulgou as Contas Nacionais do segundo trimestre de 2007. Não há dúvidas de que a economia está pegando ritmo. O crescimento foi significativo, embora tenha ficado um pouco abaixo do esperado. O PIB cresceu 5,4% em relação ao segundo trimestre do ano passado. A expansão do primeiro semestre foi de 4,9% em comparação com igual período de 2006.(...)

Aturma da bufunfa não pode se queixar. Entre os subsetores do setor serviços, o segmento que está "bombando" é o de intermediação financeira e seguros - crescimento de 9,6%. O Brasil continua sendo o paraíso dos bancos e das instituições financeiras.

Não obstante, os porta-vozes da bufunfa financeira, pelo menos alguns deles, parecem razoavelmente inquietos. Há razões para esse medo? É muito duvidoso. Ressalva trivial: é claro que o governo e o Banco Central nunca podem descuidar da inflação. Se eu fosse cunhar uma frase digna de um porta-voz da bufunfa, eu diria (parafraseando uma outra máxima trivializada pela repetição): "O preço da estabilidade é a eterna vigilância".

Entretanto, a estabilidade não deve se converter em estagnação. Ou seja, o que queremos é a estabilidade da moeda nacional, mas não a estabilidade dos níveis de produção e de emprego.

A aceleração do crescimento não parece trazer grande risco para o controle da inflação. Ela não tem nada de excepcional. O Brasil está se recuperando de um longo período de crescimento econômico quase sempre medíocre, inferior à média mundial e bastante inferior ao de quase todos os principais emergentes.

O Brasil apenas começou a tomar um certo impulso. Não vamos abortá-lo por medo da inflação.

(Folha de S.Paulo, 13.09.2007. Adaptado)

(Fgv 2008) Assinale a alternativa em que as frases repetem a regra de concordância verbal da frase - ... O governo e o Banco Central nunca podem descuidar da inflação.

- a) Continuam bem comportadas as expectativas de inflação para 2007 e as taxas de juro./ Saem-se bem no Brasil os bancos e as instituições financeiras.
- b) O IBGE divulgou ontem as Contas Nacionais do segundo trimestre de 2007./ O Banco Central deveria impor regras rígidas aos bancos.
- c) Temos, ao mesmo tempo, aumento do grau de utilização da capacidade preexistente e aumento do estoque de capital./ O controle da inflação não pode correr riscos.
- d) Mas ainda estamos crescendo menos do que quase todos os outros países emergentes./ Aturma do bufunfa não pode se queixar.
- e) A aceleração de crescimento não parece trazer grande risco para o controle da inflação./ O crescimento do Brasil é inferior à média mundial.

#### Exercício 47

(Fuvest 2007) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

- a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.
- b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.
- c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

#### Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

INSTRUÇÃO: As questões seguintes estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se 3 lojas bem montadas tradicionais, nos melhores Pontos da Cidade. Ótima Oportunidade!

F: (\_\_\_) xxx-xxxxxx

(O Estado de S.Paulo, 15.08.2002)

(Unifesp 2003) No corpo do anúncio, a expressão "Vende-se 3 lojas bem montadas"

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma "Vendem-se" porque "se" é índice de indeterminação do sujeito, e "lojas" é o sujeito paciente.

b) não apresenta problema de concordância verbal porque "se" é índice de indeterminação do sujeito, e "lojas" é o objeto direto.

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma "Vendem-se" porque "se" é partícula apassivadora, e "lojas" é o sujeito paciente.

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque "se" é partícula apassivadora, e "lojas" é o sujeito paciente.

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma "Vendem-se" porque "se" é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e "lojas" é o objeto direto.

#### Exercício 49

(Ufpe 1996) Observe:

"Transmitem-se, nos meios de comunicação de massa, uma quantidade tão grande de informações, que é impossível apreender..."

No fragmento anterior há erro de:

a) Concordância Verbal;

b) Regência Nominal;

c) Pontuação;

d) Regência Verbal;

e) Concordância Nominal.

#### Exercício 50

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Responda à(s) questão(ões) com base no texto abaixo.

#### Uma revisão de dados recentes sobre a morte de línguas

Linguistas preveem que metade das mais de 6 mil línguas faladas no mundo desaparecerá em um século — uma taxa de extinção que supera as estimativas mais pessimistas quanto à extinção de espécies biológicas. (...)

Segundo a Unesco, 96% população mundial falam só 4% das línguas existentes. E apenas 4% da humanidade partilha o restante dos idiomas, metade dos quais se encontra em perigo de extinção. Entre 20 e 30 idiomas desaparecem por ano — uma média de uma língua a cada duas semanas. (...)

A perda de línguas raras é lamentável por várias razões. Em primeiro lugar, pelo interesse científico que despertam: algumas questões básicas da linguística estão longe de estar inteiramente resolvidas. E essas línguas ajudam a saber quais elementos da gramática e do vocabulário são realmente universais, isto é, resultantes das características do próprio cérebro humano. A ciência também tenta reconstruir o percurso de antigas migrações, fazendo um levantamento de palavras emprestadas, que ocorrem em línguas sem qualquer parentesco. Afinal, se línguas não aparentadas partilham palavras, então seus povos estiveram em contato em algum momento.

Um comunicado do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) diz que "o desaparecimento de uma língua e de seu contexto cultural equivale a queimar um livro único sobre a natureza". Afinal, cada povo tem um modo único de ver a vida. Por exemplo, a palavra russa *mir* significa igualmente "aldeia", "mundo" e "paz". É que, como os aldeões russos da Idade Média tinham de fugir para a floresta em tempos de guerra, a aldeia era para eles o próprio mundo, ao menos enquanto houvesse paz.

Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/116/a-morte-anunciada-355517-1.asp>> acesso em 28 set. 2015.

(G1 - ifpe 2016) Considere as análises relacionadas à sintaxe de concordância e conjugação verbal dos excertos do texto e assinale a única alternativa correta.

a) No trecho "96% da população mundial falam", segundo parágrafo, o verbo "falar" deveria ficar obrigatoriamente no singular, concordando com "população mundial".

b) No trecho "metade das mais de 6 mil línguas faladas no mundo desaparecerá", o verbo "desaparecer" poderia ir para o plural, concordando com "6 mil línguas faladas".

c) No trecho "ao menos enquanto houvesse paz", o sujeito da forma verbal "houvesse" é a palavra "paz", por isso a concordância no singular.

d) A leitura do quarto parágrafo e a percepção do contexto em que se insere a forma verbal "ocorrem" indicam que o sujeito desse verbo é "antigas migrações".

e) Em "A perda de línguas raras é lamentável por várias razões", há um erro de conjugação do verbo "perder", que teria como forma correta, nesse caso, "perca".

#### Exercício 51

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Por trás da “boa aparência”: o racismo em números no mercado.**

“Precisa-se de moça de boa aparência para auxiliar de dentista. Rua Boa Vista, 11, primeiro andar.” <sup>1</sup>O <sup>2</sup>anúncio publicado no Estado de São Paulo, em junho de 1914, <sup>3</sup>contém uma expressão de uso bastante comum até 2006, quando foi proibida por <sup>4</sup>viés discriminatório. Para 70% dos brasileiros, <sup>5</sup>“boa aparência” não é apenas um código para cabelos lisos e pele clara, é um sintoma da discriminação racial ainda presente no <sup>6</sup>país em que mais da metade da população se autodeclara negra.

“Precisamos refletir sobre o significado da compreensão de que vivemos em um país racialmente harmônico, que ainda está presente em nosso imaginário. Pela noção de democracia racial, dizemos que o racismo não existe e, se a população negra vive em desvantagem social, é porque não se esforçou o suficiente”, explica Giselle dos Anjos Santos, doutoranda em História Social pela USP e consultora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), organização pioneira na promoção da equidade racial e de gênero no mercado de trabalho no Brasil.

Na <sup>7</sup>área de recrutamento e seleção por quase uma década, a ex-recrutadora Marion Caruso vivenciou de perto as <sup>8</sup>inconsistências entre discurso e prática relacionadas \_\_1\_\_ aceitação racial dentro do mercado de trabalho. “Me pediam que não enviasse pessoas negras para as vagas porque tinham ‘cara de empregadinha’”. Com demandas como \_\_2\_\_ que Marion recebia, não é difícil imaginar por que a expectativa de que o Brasil alcance \_\_3\_\_ igualdade racial no mercado de trabalho é de 150 anos, <sup>9</sup>segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016.

Os números não param de alarmar. <sup>10</sup>Ainda de acordo com o Ethos, embora 54% da população brasileira seja negra, eles ocupam apenas 5% dos cargos de liderança nas maiores empresas do país. Quando se fala em mulheres pretas e pardas em altos cargos de chefia, esse índice chega a menos de 1%. O espaço para homens e mulheres negros vai se <sup>11</sup>afunilando conforme os cargos vão ficando cada vez mais altos: na base da pirâmide <sup>12</sup>corporativa, os aprendizes negros chegam a ultrapassar os brancos.

Giselle explica que, ao longo da história, a sociedade brasileira se construiu nas bases do racismo. Daí a desigualdade e falta de oportunidades. “Todos os indicadores sociais refletem \_\_4\_\_ desigualdades colocadas”, explica a estudiosa. A mulher negra tem 50% mais chances de estar desempregada do que qualquer outro grupo da nossa sociedade. <sup>13</sup>É fundamental que pensemos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.”

Mesmo que o número de estudantes negros nas universidades federais tenha triplicado na última década, garantindo a qualificação necessária para as vagas, a consultora e pesquisadora alerta que as barreiras começam muito antes do <sup>14</sup>recrutamento. “Existe uma lógica de rede de informação e contato. Quando perguntados nos censos desenvolvidos pelo CEERT em diferentes instituições como ficaram sabendo de determinada vaga, os profissionais brancos respondem que

souberam por parentes e amigos. <sup>15</sup>A realidade é diferente para pessoas negras, cujos familiares geralmente trabalharam a vida toda no setor informal.” [...]

Publicado em 23/08/19, por Nayara Fernandes, no portal de notícias R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/economia/por-tras-da-bou-aparencia-o-racismo-em-numeros-no-mercado-23082019>>. Acesso em: 25 ago. 2019 (Texto adaptado para fins didáticos).

(G1 - ifsul 2020) Releia o trecho a seguir, extraído da referência 13: “É fundamental que pensemos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.”

Em qual das opções abaixo as alterações nos tempos verbais das orações NÃO mantêm o sentido, a concordância e a correlação verbal adequada

- a) É fundamental que sejam pensadas ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.
- b) Seria fundamental que se pensasse em ações afirmativas que viessem no sentido de superar as desigualdades históricas.
- c) Será fundamental pensarmos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.
- d) Será fundamental quando pensarmos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.

## Exercício 52

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O resto é silêncio

Miriam Leitão\*

<sup>1</sup>Ouvi o silêncio e o que ele me disse foi devastador. <sup>2</sup>O silêncio é pior do que as palavras duras, porque é possível instalar nele todos os medos. É o nada e nele os temores desenham fantasias que podem nos aprisionar.

Prefiro palavras e que elas explicitem o rancor e os ressentimentos, e que façam cobranças, e que sejam implacáveis. O silêncio será pior porque ele é o terreno do desconhecido, do que se imagina, e do que se teme.

Tente ficar em silêncio por mais tempo que o descanso e veja que ele crescerá sobre você. Imagine o que é ser posto diante do silêncio: você e ele e nada mais. <sup>3</sup>Os minutos passam como se fossem horas. <sup>4</sup>As horas imitam os dias. O tempo se alonga, aprisiona e oprime.

Ele pode ser o som da calma, da paz e do descanso. Mas pense no silêncio da pergunta sem resposta, do carinho não correspondido, do <sup>5</sup>apelo sem clemência, da ofensa deliberada, da correspondência que não chega. Pense no silêncio como o avesso do diálogo, como um grande e vasto espelho no qual você vê suas impossibilidades e seus erros. E a espera sem data.

<sup>6</sup>Há silêncios libertadores. Ao fim de uma grande tensão, quando, em ambiente acolhedor, você entrega seus ouvidos à calma. <sup>7</sup>Há silêncios que aprisionam quando, em ambiente hostil, você tenta inutilmente buscar os sons que informem e situem. Bom é o silêncio que acolhe, acaricia e pacifica, mas tantas vezes é preciso lidar com o que nega, inquieta, rejeita.

<sup>8</sup>A noite apagou todos os sons, fez dormir as criaturas, acalmou o mundo, mas você inquieto acorda insone e tem como companhia para os ouvidos, o nada. Você vasculha o espaço em busca de algo e não há o que o socorra. É do que falo e o que temo: o nada áspero, o nada negativo, o nada nada. Fuja desse silêncio, porque ele desengana os apaixonados, inquieta os inseguros, adoece os aflitos.

Há o bom silêncio, como na manhã de um dia encapsulado no tempo, em que <sup>9</sup>o sol já iluminou a paisagem verde, você abre a janela sobre o vale, confere os telhados terrosos e descansa os olhos sobre a amplitude. <sup>10</sup>Talvez algum pássaro emita um som, mas isso só vai confirmar a paz que cerca, acaricia, acalma. O mesmo nada e abstrato pode ferir ou enternecer. Pode ser o descanso ou o desassossego. Eu escolheria para oferecer aos amigos que tenho o melhor dos silêncios, o da esperança da proteção contra os ruídos de um tempo sem trégua. E assim, juntos, ficaríamos em silêncio calmo à espera do recomeço.

\*Miriam Leitão é jornalista e escritora. Escreve crônicas aos sábados como colaboradora do Blog. Sábado, 27/08/2016, às 09:52.

(G1 - ifsc 2017) Em um texto se fazem muitas escolhas linguísticas, que incluem classes de palavras, tempos verbais, ortografia, regência, concordâncias verbais e nominais, entre outras. Com base nessas informações, assinale a alternativa CORRETA.

- a) As palavras “silêncio”, “possível”, “implacáveis” e “pássaro” são todas acentuadas segundo a mesma regra de acentuação.
- b) Se a oração “Há silêncios libertadores” (ref. 6) estivesse no passado imperfeito, seria escrita “Haviam silêncios libertadores”, sem que a norma padrão escrita da língua fosse violada.
- c) Na oração “A noite apagou todos os sons” (ref. 8), se o acento indicativo de crase fosse colocado sobre a palavra em destaque, não haveria alteração no sentido.
- d) Em “Há silêncios libertadores” (ref. 6), o verbo haver está no singular porque é impessoal, e a oração não tem sujeito.
- e) A oração “Talvez algum pássaro emita um som” (ref. 10) tem o mesmo sentido de “Talvez algum pássaro imita um som” pois, por equívoco, a autora mudou a escrita do vocábulo em destaque.

### Exercício 53

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Sucesso à brasileira

Muitas vezes ele depende de um gesto de ousadia

Ela queria sair de peito nu no Carnaval.

As meninas, três filhas, foram juntas ganhar a mãe. A mais velha fora frustrada no seu tempo, a segunda desejou e não ousou, agora davam força para a caçula, cujos olhos brilhavam de expectativa. A mãe até sorriu:

- Que é isso, gente? E seu pai? Seus irmãos? E os vizinhos? Os colegas de trabalho? Vão perder o respeito, a televisão mostra tudo.

Parecia que nem estava contra, era só juízo de mãe. O problema eram os outros. Problema? O pai não tinha forças. Anos de

alcoolismo haviam transformado sua capacidade de trabalho em aposentadoria precoce e reduzido sua opinião a insultos, resmungos e muxoxos. Para evitar palavrões, nem falaram com ele. Dos irmãos, um lavava as mãos se as mulheres achavam que estava certo:

- Eu não tenho peito, não entendo essa vaidade de mostrar.

O mais novo achava a irmã tão bonita que a Playboy ia se interessar e ela ia ficar famosa.

Com a vizinhança, sim, poderia haver complicações. Moravam em Cangaíba - que a irmã do meio, irônica, chamava de "Canga City" -, onde a vida alheia era parte do entretenimento. Tinham de neutralizar primeiro a "Lagartixa", sessentona sem-que-fazer que ficava o dia inteiro sentada numa cadeira, na calçada, e dava conta de tudo que acontecia num raio de 300 metros. Uma lata de goiabada abriu o coração da Lagartixa. Depois, uma conversa de passinhos miúdos. Que a menina ia desfilar no Carnaval (ah, pois então), ia sair na escola da Vila Matilde (ahn, é ótima e é perto, né?), mas havia um problema (dinheiro?), eles queriam que ela fosse destaque (isso é problema?), de peito nu.

- E o que é que tem?

Já não se fazem fofoqueiras como antigamente. Ela defendeu a opção da menina, e logo o bairro estava a favor. Esperavam que a garota ficasse famosa e um pouco da glória respingasse em todos. Os homens, com segundas intenções, queriam mais é ver ao vivo e em cores as graças secretas.

Quanto ao trabalho, estava disposta a encarar as consequências.

Sempre quis dançar, cantar, largar aquele emprego de telemarketing. O último obstáculo: o namorado.

- Se desfilar, está acabado.

Amadurecida na decisão, ofendida pelo tom machista, não hesitou em dizer que já estava acabado, mesmo sem desfile.

E partiu para a avenida.

Uma semana depois do sucesso no Sambódromo, cumprimentada com orgulho no bairro, estuda várias propostas, excetuadas as indecorosas: bailarina de um programa dominical de televisão, bailarina de um grupo de pagode, posar nua para duas revistas masculinas, recepcionista de feira para uma fábrica de automóveis, e casamento - duas. Uma delas do ex-namorado, que promete ser seu escravo para o resto da vida.

(Ivan Ângelo, Veja São Paulo, com adaptações.)

(Fatec 2003) Considere as seguintes afirmações feitas a partir da frase "Já não se fazem fofoqueiras como antigamente."

I. A concordância do verbo "fazer", no plural, justifica-se pela construção em voz passiva, análoga à que se encontra em "Eles se deram bem, enquanto durou a sociedade."

II. O verbo "fazer" na frase é sinônimo de "haver", sendo ambos verbos impessoais e, portanto, conjugados somente no singular.

III. O verbo "fazer" não é conjugado no plural quando indica tempo decorrido; por isso, deve-se dizer: "Faz muitos anos que trabalham juntos."

IV. A concordância dessa frase segue a mesma regra a que se sujeitam as frases: "Não se esperam medidas impopulares" e "Estudam-se soluções."

Dentre as afirmações acima, estão corretas apenas

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) I, III e IV.

#### Exercício 54

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - PCNs

Na perspectiva de uma didática voltada para a produção e interpretação de textos, a atividade metalinguística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no curso do ensino-aprendizagem.

Assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano - uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la. Deve-se ter claro, na seleção dos conteúdos de análise linguística, que a referência não pode ser a gramática tradicional. A preocupação não é reconstruir com os alunos o quadro descritivo constante dos manuais de gramática escolar (por exemplo, o estudo ordenado das classes de palavras com suas múltiplas subdivisões, a construção de paradigmas morfológicos, como as conjugações verbais estudadas de um fôlego em todas as suas formas temporais e modais, ou de pontos de gramática, como todas as regras de concordância, com suas exceções reconhecidas).

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos.

O modo de ensinar, por sua vez, não reproduz a clássica metodologia de definição, classificação e exercitação, mas corresponde a uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido. Isso implica, muitas vezes, chegar a resultados diferentes daqueles obtidos pela gramática tradicional, cuja descrição, em muitos aspectos, não corresponde aos usos atuais da linguagem, o que coloca a necessidade de busca de apoio em outros materiais e fontes.

[...] não se pode mais insistir na ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio. Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, não são objeto de avaliação negativa.

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma "correta" de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala "correta" é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso "consertar" a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a fala que identifica o aluno a sua comunidade, como se esta fosse formada de incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde a nenhuma de suas variedades, por mais prestígio que uma delas possa ter. Ainda se ignora um princípio elementar relativo ao desenvolvimento da linguagem: o domínio de outras modalidades de fala e dos padrões de escrita (e mesmo de outras línguas) não se faz por substituição, mas por extensão da competência linguística e pela construção ativa de subsistemas gramaticais sobre o sistema já adquirido.

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa - dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

(BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Fragmentos, p. 28, 29 e 31.)

(Ufv 2002) Marque a alternativa em que os vocábulos em destaque, formalmente idênticos, são verbos que se remetem a infinitivos distintos.

- a) Se os PCNs FOREM aplicados, as escolas tenderão a se tornarem melhores. / Se os PCNs "FOREM pro brejo", a expectativa é que não haverá mudanças.
- b) Se os PCNs DEREM certo, as escolas tenderão a se tornarem melhores. / Se os PCNs não DEREM certo, as escolas tenderão a permanecer deficientes.
- c) Se a nova metodologia FIZER a revolução que esperamos, as escolas tenderão a se tornarem melhores. / Se a nova metodologia não FIZER a revolução que desejamos, a expectativa é que não haverá mudanças para melhor.
- d) Se você VIER a conhecer profundamente os PCNs, entenderá o alcance da proposta. / Se a proposta VIER a ser implantada, as mudanças para melhor virão.
- e) Se o Governo QUISE sucesso na escola, precisa pagar dignamente aos professores. / Se QUISE... é que, no Brasil, parece que quem quer não pode ou quem pode não quer.

#### Exercício 55

(Acafe 2021) Assinale a frase em que ocorre uma forma verbal inadequada a contextos formais, em especial na escrita.

- a) Se os empresários da rede hoteleira quiserem, alguns parlamentares estarão dispostos a interpor recursos contra o projeto de regulação ambiental em áreas costeiras.
- b) Ainda que fosse muito tarde para iniciar a obra, se houvesse vontade política em melhorar a qualidade da água na baía norte, ainda haveria recursos para esse empreendimento.
- c) Os servidores da prefeitura municipal de Curitiba só aprovam o acordo se o prefeito retirar a proposta de reforma administrativa, suspender os vetos à lei de implantação da carreira e repor as perdas salariais de 2018.
- d) Quando ele reteve uma parcela do que nos devia, o judiciário interveio imediatamente.

### Exercício 56

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto e a charge de Alberto Montt para responder à(s) questão(ões).

Charles Baudelaire, poeta do século XIX, é autor do livro *As Flores do Mal*. Nele, seus poemas abordam temas que questionam as convenções morais da sociedade francesa, sendo, por isso, tachado como obsceno, como um insulto aos bons costumes da época. A partir dele, originaram-se na França os chamados “poetas malditos”.



<<https://tinyurl.com/ycuzcs6h>> Acesso em: 27.10.2018. Original colorido.

(G1 - cps 2019) Leia os trechos seguintes:

- I. “Quando te escreverem uma mensagem, visualize, mas não responda.”
- II. “Assista às maratonas de séries nos dias úteis.”
- III. “Coma bacon.”

Sobre as frases apresentadas, é correto afirmar que

- a) o primeiro apresenta um desvio da norma culta, pois utiliza a terceira pessoa nos verbos “visualize” e “responda”, mas utiliza o pronome da segunda pessoa, “te”, sendo, contudo, adequado ao ambiente informal.
- b) o segundo seria adequado ao diálogo formal das \_ ores com o poeta se fosse “Que as maratonas sejam assistidas nos dias

úteis!”, devido ao teor religioso das falas.

- c) o terceiro apresenta o conteúdo adequado a hábitos de vida saudável para a personagem, representando a necessidade de abstenção de atitudes agradáveis.
- d) os três apresentam análises críticas sobre o comportamento humano, utilizando a variedade culta da linguagem para expressar o discurso típico da poesia.
- e) os três apresentam verbos conjugados no subjuntivo para expressar desejos do poeta que só podem ser verbalizados pelas Flores do Mal.

### Exercício 57

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

#### Onde mora sua muiteza?

A infância é um lugar complexo. Para quem já cresceu, foi aquele espaço em que moramos quando ainda não tínhamos muita memória. Aqueles dias e noites que se sucediam sem grandes planos em um corpo que mudava diariamente. Muito grande. Muito pequeno. Muito alto. Muito baixo.

Quando criança, entediada, <sup>1</sup>Alice seguiu um coelho até sua toca e lá se viu em um espaço totalmente novo. Um espaço onírico que reproduzia suas ansiedades e ensinava-lhe a buscar dentro de si mesma recursos que lhe permitissem seguir em frente. Tentando fazer sentido do espaço onde se encontrava, Alice foi protagonista de uma experiência fantástica de descoberta. Ela descobriu que viver não é fácil, às vezes a vida é um jogo, mas mesmo assim vale a pena.

<sup>2</sup>Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo patético, Alice se deixa conduzir novamente a esse espaço que lhe é familiar, mas do qual não lembra quase nada. <sup>3</sup>É um lugar que fica no jardim, no buraco de uma árvore e, pasmem, onde mora um coelho de cartola e relógio!

<sup>4</sup>É lá que ela, lembrando aos poucos de que já os conhecia, encontra velhos amigos que são rápidos em tecer críticas a seu respeito, dizendo, inclusive, que ela é a Alice “errada”. <sup>5</sup>Mas é a crítica do Chapeleiro Maluco que a atinge em cheio: você não é a mesma de antes, você era muito mais “muita”, <sup>6</sup>você perdeu sua muiteza. Lá dentro. Falta alguma coisa. De todas as coisas que Alice esqueceu de compreender desse lugar, talvez essa seja a que faça mais sentido. <sup>7</sup>Talvez isso explique tudo. Talvez tenha sido isso que ela fora até lá buscar.

A criança que fomos ocupa um espaço dentro de nós, nesse acúmulo de experiências que é a vida. <sup>8</sup>É nesse espaço que guardamos os joelhos ralados, as descobertas, os medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente. Há espaços mais sombrios, outros mais claros. Muitos de nós já esqueceram o caminho para esse lugar. Estamos ocupados demais com as coisas grandes para tentar encontrar uma toca de coelho que nos leve para dentro da terra. Então vivemos assim, sempre muito ocupados, sempre muito atrasados, com coisas sérias e importantes a fazer. E vagamos. <sup>9</sup>Vagamos pelo mundo com alguma coisa faltando. Lá dentro. É na infância que mora a nossa muiteza. E é para lá que devemos voltar para encontrá-la, sempre que essa pantomima a qual



chamamos de vida adulta nos puxa e empurra forte demais.

LHULLIER, Luciana. Onde mora sua muiteza? In: No coração da floresta (blog). 08 out. 2013 (adaptado). Original disponível em: <<https://contesdesfee.wordpress.com/page/2/>>.

Acesso: 05 ago. 2016.

Vocabulário:

Onírico: de sonho e/ou relativo a sonho.

Pantomima: representação teatral baseada na mímica (ou seja, em gestos corporais); por extensão, situação falsa, representação, ilusão, fraude.

Patético: que provoca sentimento de piedade ou tristeza; indivíduo digno da piedade alheia.

(G1 - ifsul 2017) Observe que, no trecho abaixo, retirado do texto, as formas verbais destacadas apresentam uma correlação, entre os tempos e modos verbais, adequada à norma culta: “Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo patético, Alice se deixa conduzir novamente a esse espaço que lhe é familiar, mas do qual não lembra quase nada.” (referência 2)

Agora, atente para o fato de que o mesmo trecho poderia ser reescrito, estabelecendo-se outra correlação verbal, igualmente adequada à norma culta:

Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo patético, Alice se deixou conduzir novamente a esse espaço que lhe \_\_\_\_\_ familiar, mas do qual não \_\_\_\_\_ quase nada.

As formas verbais que preenchem corretamente as lacunas são

- a) era – lembrava
- b) foi – lembrou
- c) seria – lembraria
- d) fosse – lembraria

### Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

### Encontros e Desencontros

Hoje, jantando num pequeno restaurante aqui perto de casa, pude presenciar, ao vivo, uma cena que já me tinham descrito. Um casal de meia idade se senta à mesa vizinha da minha. Feitos os pedidos ao garçom, o homem, bem depressinha, tira o celular do bolso, e não mais o deixa, a merecer sua atenção exclusiva. A mulher, certamente de saber feito, não se faz de rogada e apanha um livro que trazia junto à bolsa. Começa a lê-lo a partir da página assinalada por um marcador. Espichando o meu pescoço inconveniente (nem tanto, afinal as mesas eram coladinhas) deu para ver que era uma obra da Martha Medeiros.

Desse modo, os dois iam usufruindo suas gulodices, sem comentários, com algumas reações dele, rindo com ele mesmo com postagens que certamente ocorriam em seu celular. Até dois

estranhos, postos nessa situação, talvez acabassem por falar alguma coisa. Pensei: devem estar juntos há algum tempo, sem ter mais o que conversar. Cada um sabia tudo do outro, nada a acrescentar, nada de novo ou surpreendente. E assim caminhava, decerto, a vida daquele casal.

O que me choca, mesmo observando esta situação, como outras que o dia a dia me oferece, é a ausência de conversa. Sem conversa eu não vivo, sem sua força agregadora para trocar ideias, para convencer ou ser convencido pelo outro, para manifestar humor, para desabafar sobre o que angustia a alma, em suma, para falar e para ouvir. A conversa não é a base da terapia? Sei não, mas, atualmente, contar com um amigo para jogar conversa fora ou para confessar aquele temor que lhe está roubando o sossego talvez não seja fácil. O tempo também, nesta vida corre-corre, tem lá outras prioridades. Mia Couto é contundente: “Nunca o nosso mundo teve ao seu dispor tanta comunicação. E nunca foi tão dramática a nossa solidão.” Até se fala muito, mas ouvir o outro? Falo de conversas entre pessoas no mundo real.

Vive-se hoje, parece, mais no mundo digital. Nele, até que se conversa muito; porém, é tão diferente, mesmo quando um está vendo o outro. O compartilhamento do mesmo espaço, diria, é que nos proporciona a abrangência do outro, a captação do seu respirar, as batidas de seu coração, o seu cheiro, o seu humor... Desse diálogo é que tanta gente está sentindo falta. Até por telefone as pessoas conversam, atualmente, bem menos. Pelo WhatsApp fica mais fácil, alega-se. Rapidinho, rapidinho. Mas e a conversa? Conversa-se, sim, replicam. Será? Ou se trocam algumas palavras? Quando falo em conversa, refiro-me àquelas que se esticam, sem tempo marcado, sem caminho reto, a pularem de assunto em assunto. O WhatsApp é de graça, proclamam. Talvez um argumento que pode ser robusto, como se diz hoje, a favor da utilização desse instrumento moderno. Mas será apenas por isso? Um amigo me lembra: no WhatsApp se trocam mensagens por escrito. Eu sei. Entretanto, língua escrita é um outra modalidade, outro modo de ativar a linguagem, a começar pela não copresença física dos interlocutores. No telefone, não há essa copresença física, mas esse meio de comunicação não é impeditivo de falante e ouvinte, a cada passo, trocarem de papéis e até mesmo de falarem ao mesmo tempo, configurando, pois, características próprias da modalidade oral. Contudo, não se respira o mesmo ar, ainda que já se possa ver o outro. As pessoas passaram a valer-se menos do telefone, e as conversas também vão, por isso, tornando-se menos frequentes. Gosto, mesmo, é de conversas, de preferência com poucos companheiros, sem pauta, sem temas censurados, sem se ter de esmerar na linguagem. Conversa sem compromisso, a não ser o de evitar a chatice. Com suas contundências, conflitos de opiniões e momentos de solidariedade. Conversa que é vida, que retrata a vida no seu dia a dia. No grupo maior, há de tudo: o louco, o filósofo, o depressivo, o conquistador de garganta, o saudosista... Nem sempre, é verdade, estou motivado para participar desses grupos. Porém, passado um tempo, a saudade me bate. Aqueles bate-papos intimistas com um amigo tantas afinidades, merecedores que nos tornamos da confiança um do outro, esses não têm nada igual. A apreensão abrangente do amigo, de seu psiquismo, dos seus sentimentos, das dificuldades mais íntimas por que passa, faz-no sentir, fortemente, a nossa natureza humana, a maior valia da vida.

Esses momentos vão se tornando, assim me parece, uma cena menos habitual nestes tempos digitais. A pressa, os problemas a se multiplicarem, as tarefas a se diversificarem, como encontrar uma brecha para aquela conversa, que é entrega, confiança, despojamento? Conversa que exige respeito: um local calminho, sem gritos, vozes esganiçadas, garçons serenos. Sim, umas tulipas estourando de geladas e uns tira-gostos de nosso paladar a exigirem nova pedida. Não queria perder esses encontros. Afinal, a vida está passando tão depressa...

Adaptado de: UCHOA, Carlos Eduardo. Disponível em: <http://carloseduardouchoa.com.br/blog/>.

(G1 - col. naval 2017) Marque a opção em que a forma verbal destacada apresenta os mesmos tempo e modo que a destacada em “Contudo, não se respira o mesmo ar, ainda que já se possa ver o outro.” (5º parágrafo)

- a) “[...] postos nessa situação, talvez acabassem por falar alguma coisa.” (2º parágrafo)
- b) “[...] pude presenciar, ao vivo, uma cena que já me tinham descrito.” (1º parágrafo)
- c) “[...]merecedores que nos tornamos da confiança um do outro, [...]” (7º parágrafo)
- d) “[...] aquele temor que lhe está roubando o sossego talvez não seja fácil.” (3º parágrafo)
- e) “[...] compartilhamento do mesmo espaço, diria, é que nos proporciona [...]” (3º parágrafo)

#### Exercício 59

(Fac. Pequeno Príncipe - Medici 2016) Os verbos em -iar, em geral, têm conjugação regular: O som distante de um carrilhão **principia** a bater / As companhias aéreas **premiar** seus passageiros fiéis com viagens de graça e outras vantagens. Apenas cinco verbos (e seus compostos) recebem **E** nas formas rizotônicas, isto é, nas formas que têm a sílaba tônica no radical. Nessas formas, eles se conjugam, pois, como se fossem verbos em -ear. São eles: **ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar** [...].

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: UNESP, 2012. p. 415.

Nas frases a seguir, foram usados os cinco verbos citados no final texto anterior, um em cada frase. De acordo com a regra apresentada pela autora, em qual alternativa aparece uma forma verbal que necessita de correção?

- a) A gangue do bairro ao lado incendiou três supermercados neste mês.
- b) Para o casamento, chamaremos o juiz que sempre media as cerimônias da família.
- c) O jovem estudante ansiava por entrar logo na universidade.
- d) Sempre que chega dezembro, eu me lembro de como odeio o verão.
- e) Era preciso que se remediasses todos os erros cometidos na matéria.

#### Exercício 60

(G1 - ifsul 2016) Preencha os espaços vazios nas sentenças abaixo, empregando a forma verbal mais adequada dos verbos entre parênteses.

- I. Se os alunos \_\_\_\_\_ apenas bom uso dos celulares, talvez as coisas fossem diferentes. (fazer)
- II. Caso \_\_\_\_\_ a proibição do uso de celulares em sala de aula, os alunos terão que mudar de comportamento. (manter-se)
- III. Quando o professor \_\_\_\_\_ empregar didaticamente o celular em aula, as proibições poderão ser revogadas. (saber)

As formas verbais que preenchem corretamente as lacunas são:

- a) fazerem – se manter – saber
- b) fizessem – se manter – souber
- c) fazerem – se manter – saber
- d) fizessem – se manter – souber

#### Exercício 61

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

#### Português no topo das línguas mais importantes



A língua portuguesa é a segunda língua mais importante no mundo dos negócios, pelo menos para quem tem o inglês como língua materna. Quem o diz é Ofer Shoshan, um colaborador da revista norte-americana *Entrepreneur*, num artigo divulgado esta semana.

Espanhol, português e chinês são, na opinião do autor do artigo, as línguas que “todos os diretores executivos de empresas globais devem aprender”. A lista refere um total de 6 línguas, incluindo o russo, o árabe e o alemão.

“A língua portuguesa já é a quarta língua mais traduzida, na nossa empresa, o que reflete o seu crescimento nos últimos anos”, diz Ofer, que é o diretor executivo da empresa de traduções One Hour Translations.

O autor admite, contudo, que este aumento da ‘procura’ da língua portuguesa está ligado ao Brasil e não a Portugal, já que “a economia brasileira está a deixar de ser emergente para passar a ser uma das mais ricas do mundo, com uma população gigantesca, vastos recursos naturais e uma forte comunidade tecnológica”.



Ofer Shoshan recorda que o próprio Bill Gates assumiu, recentemente, um dos seus maiores arrependimentos: não falar uma segunda língua para além do inglês.

Por outro lado, o autor refere o momento em que o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, “mostrou um impressionante domínio da língua chinesa, durante uma visita, em outubro passado, a uma universidade de Pequim”.

“Ao aprender chinês, Zuckerberg demonstrou que dominar a língua local é fundamental para aprofundar relações de negócio e conquistar a alma e o coração dos mercados”, diz Ofer Shoshan.

Disponível em: <https://iilp.wordpress.com/2015/05/06/portugues-no-topo-das-linguas-mais-importantes>  
Acesso em: 23/05/2015. Adaptado.

(Upe-ssa 1 2016) Considerando algumas formas verbais empregadas no texto, marque a alternativa CORRETA.

- a) O tempo e o modo da forma verbal empregada no trecho: “A língua portuguesa é a segunda língua mais importante no mundo dos negócios” expressam a incerteza do autor em relação à afirmação que ele faz.
- b) Na variante brasileira do português, o fato de os verbos “ter” e “haver” serem, às vezes, empregados como equivalentes, pode ser exemplificado no trecho “para quem tem o inglês como língua materna”.
- c) No trecho: “Ofer Shoshan recorda que o próprio Bill Gates assumiu, recentemente, um dos seus maiores arrependimentos”, a variação presente/passado das formas verbais destacadas resulta em incorreção no texto.
- d) Com a forma verbal selecionada no trecho: “Mark Zuckerberg mostrou um impressionante domínio da língua chinesa”, o autor pretendeu indicar uma ação iniciada no passado e ainda não concluída.
- e) No trecho: “Ao aprender chinês, Zuckerberg demonstrou que [...]”, diz Ofer Shoshan”, a forma verbal destacada, embora esteja no presente, indica uma ação do passado.

## Exercício 62

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Em agosto de 2005, a *Revista Língua* fez uma entrevista com Millôr Fernandes, o escritor escolhido para ser o homenageado da FLIP 2014. Eis, aqui, alguns trechos dessa entrevista.

**Língua** – Fazer humor é levar a sério as palavras ou brincar com elas?

**Millôr** – Humor, você tem ou não tem. Pode ser do tipo mais profundo, mais popular, mas tem de ter. <sup>1</sup>Você vai fazendo e, sem querer, a coisa sai engraçada. Dá para perceber quando a construção é forçada. Tenho uma capacidade muito natural de perceber bobagem e destruir a coisa.

**Língua** – Com que língua você mais gosta de trabalhar?

**Millôr** – Não aprendi línguas até hoje (risos). <sup>3</sup>Gosto de trabalhar com o português, embora inglês seja a que eu mais leio. Nunca tive temor de nada. Deve-se julgar as obras pelo que elas têm de qualidade, não por serem de fulano ou beltrano. Shakespeare fez muita besteira, mas tem três ou quatro obras perfeitas, e *Macbeth* é uma delas.

**Língua** – Na sua opinião, quais vantagens o português possui em comparação a outras línguas que você conhece?

**Millôr** – A principal vantagem é a de ser a minha língua. Ninguém fala duas línguas. Essa ideia de um espião que fala múltiplas línguas não passa de mentira. Vai lá no meio do jogo dizer “salame mingauê, um sorvete colorê...” ou “velho guerreiro”. Os modismos da língua, as coisas ocasionais, não são acessíveis a quem não é nativo. Toda pessoa tem habilidade só no seu idioma. Você pode aprender uma, dez, sei lá quantas expressões de outra língua, mas ainda existirão outras mil – <sup>4</sup>como é que se vai fazer? A língua portuguesa tem suas particularidades. Como outras também. Aprendi desde cedo a ter o cuidado de não rimar ao escrever uma frase. Sobre tudo em “-ão”.

**Língua** – Quais as normas mais loucas ou mais despropositadas da língua portuguesa?

**Millôr** – Toda pesquisa de linguagem é perigosa porque tem o caráter de induzir o sentido. Não tenho nenhum carinho especial por gramáticos. Na minha vida inteira sempre fui violento [no ataque às regras do idioma], porque a língua é a falada, a outra é apenas uma forma de você registrar a fala. Se todo mundo erra na crase é a regra da crase que está errada, como aliás está. Se você vai a Portugal, pode até encontrar uma reverberação que indica a crase. Não aqui. Aqui, no Brasil, a crase não existe.

**Língua** – Mas a fala brasileira é mutante e díspar, cada região tem sua peculiaridade. Como romper regras da língua sem cair no vale-tudo?

**Millôr** – <sup>5</sup>Se não houver norma, não há como transgredir. A língua tem variantes, mas temos de ensinar a escrever o padrão. Quem transgredir tem nome ou peito, que o faça e arque com as consequências. Mas insisto que a escrita é apenas o registro da língua falada. De Machado de Assis pra cá, tudo mudou. A língua alemã fez reforma ortográfica há 50 anos, correta. Aqui, na minha geração, já foram três reformas do gênero, uma mais maluca que a outra. <sup>6</sup>Botaram acento em “boemia”, escreveram “xeque” quando toda língua busca lembrar o árabe shaik, insistiram que o certo é “veado” quando o Brasil inteiro pronuncia “viado”. Como chegaram a tais conclusões? Essas coisas são idiotas e cabe a você aceitar ou não. Veja o caso da crase. A crase, na prática, não existe no português do Brasil. Já vi tábuas de mármore com crase errada. Se todo mundo erra, a crase é quem está errada. Se vamos atribuir crase ao masculino “dar àquele”, por que não fazer o mesmo com “dar alguém”? <sup>2</sup>Não podemos.

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/97/millor-fernandes-senhor-das-palavras-247893-1.asp>. Acesso em: 13/06/2014. Adaptado.

(Upe 2015) Acerca da flexão de alguns dos verbos empregados no texto, marque a alternativa CORRETA.

- a) Nos trechos: “Você vai fazendo” (ref. 1) e “Não podemos” (ref. 2), as formas verbais sublinhadas indicam que os processos verbais expressos foram concluídos.
- b) No trecho: “Gosto de trabalhar com português, embora inglês seja a que eu mais leio.” (ref. 3), o modo indicativo da forma verbal sublinhada é requerido pela conjunção “embora”.
- c) No trecho: “Como é que se vai fazer?” (ref. 4), percebe-se o emprego de dois verbos (sublinhados) para indicar um tempo situado em momento futuro.

d) Em: “Se não houver norma, não há como transgredir.” (ref. 5), a forma verbal sublinhada assinala uma afirmação categórica, ou seja, expressa uma certeza.

e) Em: “Botaram acento em ‘boemia’, escreveram ‘xeque’” (ref. 6), a maneira como estão pluralizadas as formas verbais destacadas indica uma ação ainda por acontecer.

### Exercício 63

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### PORTÃO

O portão fica bocejando, aberto  
para os alunos retardatários.

Não há pressa em viver  
nem nas ladeiras duras de subir,

<sup>1</sup>quanto mais para estudar a insípida cartilha.

Mas se o pai do menino é da oposição,

à <sup>2</sup>ilustríssima autoridade municipal,

prima por sua vez da <sup>3</sup>sacratíssima  
autoridade nacional,

<sup>4</sup>ah, isso não: o vagabundo

ficará mofando lá fora

e leva no boletim uma galáxia de zeros.

A gente aprende muito no portão  
fechado.

ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Carlos Drummond de Andrade: Poesia e Prosa*. Editora Nova Aguilar:1988. p. 506-507.

(Uece 2014) Observe a metáfora que inicia o poema – “O portão fica bocejando” – e o que se diz sobre ela.

I. Essa metáfora empresta ao portão faculdades humanas, constituindo, também uma prosopopeia ou personificação. Por outro lado, essa expressão aceita, ainda, a seguinte leitura: o portão representa metonimicamente a escola, com seus valores criticáveis e seus preconceitos.

II. O emprego da locução verbal de gerúndio “fica bocejando”, no lugar da forma simples **boceja**, dá à ação expressa pelo verbo **bocejar** um caráter de continuidade, de duração.

III. O gerúndio realça a própria semântica do verbo bocejar.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I e II apenas.

### Exercício 64

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir focaliza(m) uma passagem de um artigo de José Francisco Botelho e uma das ilustrações de Carlo Giovani a esse artigo.

#### Compaixão

Considerada a maior de todas as virtudes por religiões como o budismo e o hinduísmo, a compaixão é a capacidade humana de compartilhar (ou experimentar de forma parcial) os sentimentos alheios — principalmente o sofrimento. Mas a onipresença da miséria humana faz da compaixão uma virtude potencialmente paralisante. Afogados na enchente das dores alheias, podemos facilmente cair no desespero e na inação. Por isso, a piedade tem uma reputação conturbada na história do pensamento: se alguns a apontaram como o alicerce da ética e da moral, outros viram nela uma armadilha, um mero acréscimo de tristeza a um Universo já suficientemente amargo. Porém, vale lembrar que as virtudes, para funcionarem, devem se encaixar umas às outras: quando aliado à temperança, o sentimento de comiseração pelas dores do mundo pode ser um dos caminhos que nos afastam da cratera de Averno\*. Dosando com prudência uma compaixão potencialmente infinita, é possível sentirmos de forma mais intensa a felicidade, a nossa e a dos outros — como alguém que se delicia com um gole de água fresca, lembrando-se do deserto que arde lá fora. Isso tudo pode parecer estranho, mas o fato é que a denúncia da compaixão segue um raciocínio bastante rigoroso.

O sofrimento — e todos concordam — é algo ruim. A compaixão multiplica o sofrimento do mundo, fazendo com que a dor de uma criatura seja sentida também por outra. E o que é pior: ao passar a infelicidade adiante, ela não corrige, nem remedia, nem alivia a dor original. Como essa infiltração universal da tristeza poderia ser uma virtude? No século 1 a.C., Cícero escreveu: “Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem”.

\* Os romanos consideravam a cratera vulcânica de Averno, situada perto de Nápoles, como entrada para o mundo inferior, o mundo dos mortos, governado por Plutão.



(Vida Simples, janeiro de 2014. Adaptado.)

(Unesp 2014) Devido a um problema de revisão, aparece no artigo uma forma verbal em desacordo com a chamada norma padrão. Trata-se do emprego equivocado de

- a) *corrige* em vez de corrije.
- b) *remedia* em vez de remedeia.
- c) *experimentar* em vez de exprimentar.

- d) *alivia* em vez de *alvía*.  
e) *encaixar* em vez de *incaixar*.

### Exercício 65

(Insper 2013) Se na frase

“Quando a **encontrar**, dê o seguinte recado a ela: seu marido **acreditou** que se **prendesse** o animal, este não **desejaria** mais ficar com a família”,

os verbos destacados fossem substituídos, respectivamente por “ver”, “crer”, “deter” e “querer”, mantendo o tempo verbal, teríamos:

- a) Quando a **ver**, dê o seguinte recado a ela: seu marido **crêu** que se **detesse** o animal, este não **quereria** mais ficar com a família.  
b) Quando a **ver**, dê o seguinte recado a ela: seu marido **creu** que se **detivesse** o animal, este não **quereria** mais ficar com a família.  
c) Quando a **vir**, dê o seguinte recado a ela: seu marido **creu** que se **detivesse** o animal, este não **quereria** mais ficar com a família.  
d) Quando a **ver**, dê o seguinte recado a ela: seu marido **creou** que se **detesse** o animal, este não **queria** mais ficar com a família.  
e) Quando a **vir**, dê o seguinte recado a ela: seu marido **crêu** que se **detivesse** o animal, este não **queria** mais ficar com a família.

### Exercício 66

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A língua e o poeta



Hoje eu peço *vênia*<sup>1</sup> para discrepar do grande Ferreira Gullar, que, no domingo, escreveu um artigo defendendo o “modo correto” de usar a língua portuguesa.

Longe de mim propor que o poeta, eu e o leitor comecemos a dizer “nós vai” ou “debateu sobre as alternativas”, mas não dá para comparar violações à norma culta com um erro conceitual como afirmar que tuberculose não é doença, para ficar nos exemplos de Gullar. Fazê-lo é passar com um “bulldozer”<sup>3</sup> sobre o último meio século de pesquisas, em especial os trabalhos de Noam Chomsky, que conseguiram elevar a linguística de uma disciplina entrincheirada nos departamentos de humanidades a uma ciência capaz de fazer previsões e articular-se com outras, como psicologia, biologia, computação. Chomsky mostra que a capacidade para a linguagem é inata. É só lançar uma criança no meio de uma comunidade que ela absorve o idioma local. O fenômeno das línguas crioulas revela que grupos expostos a «pidgins» (jargões comerciais que misturam vários idiomas, geralmente falados em portos) desenvolvem, no espaço de uma geração, uma gramática completa para essa nova

linguagem. Mais do que de facilidade para o aprendizado, estamos falando aqui de uma gramática universal que vem como item de fábrica em cada ser humano. Foi a resposta que a evolução deu ao problema da comunicação entre caçadores-coletores.

Nesse contexto, o único critério para decidir entre o linguisticamente certo e o errado é a compreensão da mensagem transmitida. Uma frase ambígua é mais “errada” do que uma que fira as caprichosas regras de colocação pronominal.

Na verdade, as prescrições estilísticas que decoramos na escola e que nos habituamos a chamar de gramática são o que há de menos essencial e mais aborrecido no fenômeno da linguagem. Estão para a linguística assim como a pesquisa da etiqueta está para o estudo da história.

(HÉLIO SCHWARTSMAN, Folha de S.Paulo, 27 de março de 2012)

<sup>1</sup>vênia = licença, permissão

<sup>2</sup>discrepar = divergir de opinião, discordar

<sup>3</sup>bulldozer = (inglês) escavadeira

(Espm 2013) Em relação ao trecho: “Longe de mim propor que o poeta, eu e o leitor comecemos a dizer ‘nós vai’...”. Se na formação do sujeito composto substituíssemos o pronome “eu” por “tu”, a forma verbal seria:

- a) começas  
b) comecem  
c) comeceis  
d) comeces  
e) começais

### Exercício 67

A PIPOCA

Rubem Alves

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras que com as panelas. Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de “culinária literária”. Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nóbis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoadada, suflês, sopas, churrascos. Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme *A festa de Babette*, que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo – porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento. As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu. A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha

mente aconteceu. Minhas ideias começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível. A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela.

Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem. Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas. Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido. Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista do tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a ideia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecessem e pudessem ser comidos. Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado. Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa – voltar a ser crianças!

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: pum! – e ela aparece como uma outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro. “Morre e transforma-te!” – dizia Goethe.

Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. Meu amigo William, extraordinário professor-pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia as explicações científicas não valem. Por exemplo: em Minas “piruá” é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: “Fiquei piruá!” Mas acho que o poder metafórico dos piruás é muito maior. Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o dito de Jesus: “Quem preservar a sua vida perdê-la-á.” A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo. Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

Disponível em [http://www.releituras.com/rubemalves\\_pipoca.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp). Acesso em 31 de mai. 2016.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

(Efomm 2017) É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro. “Morre e transforma-te!” – dizia Goethe.

Nessa passagem, o autor, tratando da transformação, cita a fala de um filósofo alemão, que utiliza a segunda pessoa do singular.

Se Goethe tivesse usado o tratamento de **você**, teríamos, então:

- a) Morre e transforme-se!
- b) Morra e transforme-se!

- c) Morra e transforma-te!
- d) Morrem e transformam-se!
- e) Morre e transforma-se!

### Exercício 68

#### O anjo Rafael

Machado de Assis

Cansado da vida, descrente dos homens, desconfiado das mulheres e aborrecido dos credores, <sup>1</sup>o dr. Antero da Silva determinou um dia despedir-se deste mundo.

Era pena. O dr. Antero contava trinta anos, tinha saúde, e podia, se quisesse, fazer uma bonita carreira. Verdade é que para isso fora necessário proceder a uma completa reforma dos seus costumes. Entendia, porém, o nosso herói que o defeito não estava em si, mas nos outros; cada pedido de um credor inspirava-lhe uma apóstrofe contra a sociedade; julgava conhecer os homens, por ter tratado até então com alguns bonecos sem consciência; pretendia conhecer as mulheres, quando apenas havia praticado com meia dúzia de regateiras do amor.

O caso é que o nosso herói determinou matar-se, e para isso foi à casa da viúva Laport, comprou uma pistola e entrou em casa, que era à rua da Misericórdia.

Davam então quatro horas da tarde.

O dr. Antero disse ao criado que pusesse o jantar na mesa.

– A viagem é longa, disse ele consigo, e eu não sei se há hotéis no caminho.

Jantou com efeito, tão tranquilo como se tivesse de ir dormir a sesta e não o último sono. <sup>2</sup>O próprio criado reparou que o amo estava nesse dia mais folgazão que nunca. Conversaram alegremente durante todo o jantar. No fim dele, quando o criado lhe trouxe o café, Antero proferiu paternalmente as seguintes palavras:

<sup>3</sup>– Pedro, tira de minha gaveta uns cinquenta mil-réis que lá estão, são teus. Vai passar a noite fora e não voltes antes da madrugada.

– Obrigado, meu senhor, respondeu Pedro.

– Vai.

Pedro apressou-se a executar a ordem do amo.

O dr. Antero foi para a sala, estendeu-se no divã, abriu um volume do Dicionário filosófico e começou a ler.

Já então declinava a tarde e aproximava-se a noite. A leitura do dr. Antero não podia ser longa. Efetivamente daí a algum tempo levantou-se o nosso herói e fechou o livro.

Uma fresca brisa penetrava na sala e anunciava uma agradável noite. Corria então o inverno, aquele benigno inverno que os fluminenses têm a ventura de conhecer e agradecer ao céu.

<sup>4</sup>O dr. Antero acendeu uma vela e sentou-se à mesa para escrever. <sup>5</sup>Não tinha parentes, nem amigos a quem deixar carta; entretanto, não queria sair deste mundo sem dizer a respeito dele a sua última palavra. Travou da pena e escreveu as seguintes linhas:

Quando um homem, perdido no mato, vê-se cercado de animais ferozes e traiçoeiros, procura fugir se pode. De ordinário a fuga é impossível. Mas estes animais meus semelhantes tão traiçoeiros e ferozes como os outros, tiveram a inépcia de inventar uma arma, mediante a qual um transviado facilmente lhes escapa das unhas. É justamente o que vou fazer.

Tenho ao pé de mim uma pistola, pólvora e bala; com estes três elementos reduzirei a minha vida ao nada. Não levo nem deixo saudades. Morro por estar enjoado da vida e por ter certa curiosidade da morte.

Provavelmente, quando a polícia descobrir o meu cadáver, os jornais escreverão a notícia do acontecimento, e um ou outro fará a esse respeito considerações filosóficas. Importam-me bem pouco as tais considerações.

Se me é lícito ter uma última vontade, quero que estas linhas sejam publicadas no Jornal do Commercio. Os rimadores de ocasião encontrarão assunto para algumas estrofes.

O dr. Antero releu o que tinha escrito, corrigiu em alguns lugares a pontuação, fechou o papel em forma de carta, e pôs-lhe este sobrescrito: Ao mundo.

Depois carregou a arma; e, para rematar a vida com um traço de impiedade, a bucha que meteu no cano da pistola foi uma folha do Evangelho de S. João.

Era noite fechada. O dr. Antero chegou-se à janela, respirou um pouco, olhou para o céu, e disse às estrelas:

– Até já.

E saindo da janela acrescentou mentalmente:

– Pobres estrelas! Eu bem quisera lá ir, mas com certeza não de impedir-me os vermes da terra. Estou aqui, e estou feito um punhado de pó. É bem possível que no futuro século sirva este meu invólucro para macadamizar a rua do Ouvidor. Antes disso; ao menos terei o prazer de ser pisado por alguns pés bonitos. Ao mesmo tempo que fazia estas reflexões, lançava mão da pistola, e olhava para ela com certo orgulho.

<sup>6</sup>– Aqui está a chave que me vai abrir a porta deste cárcere, disse ele.

<sup>7</sup>Depois sentou-se numa cadeira de braços, pôs as pernas sobre a mesa, à americana, firmou os cotovelos, e segurando a pistola com ambas as mãos, meteu o cano entre os dentes.

Já ia disparar o tiro, quando ouviu três pancadinhas à porta.

Involuntariamente levantou a cabeça. Depois de um curto silêncio repetiram-se as pancadinhas. O rapaz não esperava ninguém, e era-lhe indiferente falar a quem quer que fosse. Contudo, por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais.

O dr. Antero pôs a pistola sobre a mesa e foi abrir a porta.

(G1 - ifce 2016) Na frase “O dr. Antero acendeu uma vela e sentou-se à mesa para escrever” (referência 4), como o verbo grifado, todos abaixo podem também ser pronominais, **exceto**:

- a) arrepende.
- b) morrer.
- c) queixar.
- d) dedicar.
- e) banhar.

### Exercício 69

(Espcex (Aman) 2015) Marque a alternativa cujo período está de acordo com a norma culta da Língua.

- a) Precisa-se vendedores.
- b) Cercou-se as cidades.
- c) Corrigiu-se o decreto.

- d) Dominou-se muitos.
- e) Aclamaram-se a rainha.

### Exercício 70

O melro veio com efeito às três horas. Luísa estava na sala, ao piano.

– Está ali o sujeito do costume – foi dizer Juliana.

Luísa voltou-se corada, escandalizada da expressão:

– Ah! meu primo Basílio? Mande entrar.

E chamando-a:

– Ouça, se vier o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre.

Era o primo! O sujeito, as suas visitas perderam de repente para ela todo o interesse picante. A sua malícia cheia, enfunada até aí, caiu, engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo!

Subiu à cozinha, devagar, — lograda.

– Temos grande novidade, Sra. Joana! O tal peralta é primo. Diz que é o primo Basílio.

E com um risinho:

– É o Basílio! Ora o Basílio! Sai-nos primo à última hora! O diabo tem graça!

– Então que havia de o homem ser se não parente? – observou Joana.

Juliana não respondeu. Quis saber se estava o ferro pronto, que tinha uma carga de roupa para passar! E sentou-se à janela, esperando. O céu baixo e pardo pesava, carregado de eletricidade; às vezes uma aragem súbita e fina punha nas folhagens dos quintais um arrepio trêmulo.

– É o primo! – refletia ela. – E só vem então quando o marido se vai. Boa! E fica-se toda no ar quando ele sai; e é roupa-branca e mais roupa-branca, e roupão novo, e tipoia para o passeio, e suspiros e olheiras! Boa bêbeda! Tudo fica na família! Os olhos luziam-lhe. Já se não sentia tão lograda. Havia ali muito “para ver e para escutar”. E o ferro estava pronto? Mas a campainha, embaixo, tocou.

(Eça de Queirós. O primo Basílio, 1993.)

(Unifesp 2014) O excerto do texto reescrito sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical encontra-se em:

- a) – Ouça, caso vêm o Sr. Sebastião, ou alguém, que entre. (6.º parágrafo)
- b) E sentou-se na janela enquanto esperava. (13.º parágrafo)
- c) – Ah! meu primo Basílio? Mande-lhe entrar. (4.º parágrafo)
- d) [...] engelhou-se tal como uma vela para a qual faltasse o vento. (7.º parágrafo)
- e) Os olhos luziam para Juliana. (15.º parágrafo)

### Exercício 71

#### O Outro Marido

<sup>14</sup>Era conferente da Alfândega – mas isso não tem importância. Somos todos alguma coisa fora de nós; o eu irredutível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliem pela casca. <sup>9</sup>Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem.

Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). <sup>3</sup>Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário. <sup>10</sup>Santos doía-se de ser um objeto aos olhos de Dona Laurinha. Se ela também era um objeto aos olhos dele? Sim, mas com a diferença de que Dona Laurinha não procurava fugir a essa simplificação, nem reparava; era de fato, objeto. Ele, Santos, sentia-se vivo e desagradado.

<sup>1</sup>Ao aparecerem nele as primeiras dores, Dona Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do casal. Santos parecia <sup>6</sup>comprazer-se em estar doente. <sup>11</sup>Não propriamente em queixar-se, mas em alegar que ia mal. A doença era para ele ocupação, emprego suplementar. O médico da Alfândega dissera-lhe que certas formas reumáticas levam anos para ser dominadas, exigem adaptação e disciplina. Santos começou a cuidar do corpo como de uma planta delicada. E mostrou a Dona Laurinha a nevoenta radiografia da coluna vertebral com certo orgulho de estar assim tão afetado.

– Quando você ficar bom...

– Não vou ficar. Tenho doença para o resto da vida.

Para Dona Laurinha, a melhor maneira de curar-se é tomar remédio e entregar o caso à alma de Padre Eustáquio, que vela por nós. <sup>2</sup>Começou a fatigar-se com a importância que o reumatismo assumira na vida do marido. E não se amolou muito <sup>12</sup>quando ele anunciou que ia internar-se no hospital Gaffré e Guinle.

– Você não sentirá falta de nada – assegurou-lhe Santos. – Tirei licença com ordenado integral. Eu mesmo virei aqui todo começo de mês trazer o dinheiro. Hospital não é prisão.

– Vou visitar você todo domingo, quer?

– É melhor não ir. Eu descanso, você descansa, cada qual no seu canto.

Ela também achou melhor, e nunca foi lá. Pontualmente, Santos trazia-lhe o dinheiro da despesa, ficaram até um pouco amigos nessa breve conversa a longos intervalos. <sup>4</sup>Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava. A visita não era de todo desagradável, desde que a doença deixara de ser assunto. Ela notou como a vida de hospital pode ser distraída: os internados sabem de tudo cá de fora.

– Pelo rádio – explicou Santos.

Um dia, ela se sentiu tão nova, apesar do tempo e das separações fundamentais, que imaginou uma alteração: por que ele não ficava até o dia seguinte, só essa vez?

– <sup>5</sup>É tarde – respondeu Santos. E ela não entendeu se ele se referia à hora ou a toda a vida passada sem compreensão. É certo que vagamente o compreendia agora, e recebia dele mais que a mesada: uma hora de companhia por mês.

Santos veio um ano, dois, cinco. Certo dia não veio. <sup>13</sup>Dona Laurinha preocupou-se. Não só lhe faziam falta os cruzeiros; ele também fazia. Tomou o ônibus, foi ao hospital pela primeira vez, em alvoroço. Lá ele não era conhecido. Na Alfândega informaram-lhe que Santos falecera havia quinze dias, a senhora quer o endereço da viúva?

– Sou eu a viúva – disse Dona Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecia muito bem a viúva do Santos, Dona Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na Ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos.

Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo, <sup>7</sup>a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

– Desculpe, foi engano. <sup>8</sup>A pessoa a que me refiro não é esta – disse Dona Laurinha, despedindo- se.

(Carlos Drummond de Andrade)

(Espcex (Aman) 2011) O verbo "comprazer-se" (ref.6), de forma geral, é classificado como

- a) defectivo e só se usa nas formas nominais, ou seja, infinitivo, gerúndio e particípio.
- b) abundante, havendo as formas "comprazera-me e comprouve-me".
- c) essencialmente pronominal como pentear-se, queixar-se e matar-se.
- d) transitivo e só se usa com dois objetos: um direto e outro indireto.
- e) regular com conjugação completa em todos os tempos do modo Indicativo e Subjuntivo.

## Exercício 72

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Palmada fora-da-lei

A maioria das pessoas encara com naturalidade o gesto de bater nos filhos, como se a violência física fosse um instrumento legítimo (e até necessário) para a educação das crianças. É um hábito <sup>1</sup>tão arraigado em nossa cultura <sup>2</sup>que não é raro ouvirmos o argumento de que "os filhos já não respeitam mais seu pai <sup>3</sup>porque não apanham". <sup>4</sup>Mas essa agressão não deveria ser vista com tanta naturalidade, <sup>5</sup>já que é uma violência proibida por lei em países como Finlândia, Suécia, Dinamarca, Chipre, Letônia, Áustria, Croácia e Noruega. E eles não são uma exceção. Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Itália, Irlanda, Escócia, Israel e Bulgária estão caminhando na mesma direção, criando leis para proibir os pais de bater em seus filhos.

No Brasil, antes da chegada dos portugueses, os índios não tinham o costume de castigar fisicamente as crianças. Diversos relatos de padres no início da colonização revelam que, entre os índios, nem pai nem mãe agrediam seus filhos. Foram os jesuítas e os capuchinhos que introduziram o castigo físico como forma de "disciplinar" as crianças no Brasil. Durante esses 500 anos, os menores sofreram surras aplicadas com os mais inóspitos instrumentos: varas de marmelo e de açaí, rabo de tatu, chicote, cintos, tamancos, chinelos, palmatórias e as próprias mãos paternas e maternas, cocres na cabeça, puxões de orelha, palmadas...

Além da covardia que está presente no ato de bater em alguém mais fraco, a violência não é, definitivamente, um bom

instrumento de disciplina. Ela perde o seu efeito a longo prazo e a criança, aos poucos, teme menos a agressão física. Com o tempo, a tendência dos pais é ainda bater mais, na busca dos efeitos que haviam conseguido anteriormente. O resultado desse aumento da violência pode trazer sequelas físicas e psicológicas permanentes para as crianças. Os filhos também vão se afastando gradualmente de seus pais, pois a agressão física, em vez de fazer a criança pensar no que fez, desperta-lhe a raiva contra aquele que a agrediu.

Ao ser punida fisicamente, a criança tem a sua auto-estima comprometida - passa a se enxergar como alguém que não tem valor. Esse sentimento pode comprometer a imagem que faz de si pelo resto da vida, influenciando negativamente sua atitude durante a adolescência até a vida profissional. Como a criança pode se sentir tranquila quando sua segurança depende de uma pessoa que facilmente perde o controle e a agride? Ela também passa a omitir dos pais os seus erros, com medo da punição, e sente-se como se tivesse pago por seu erro - e acredita que por isso pode cometê-lo novamente.

Enfim, não é preciso enumerar todos os problemas que são causados pela violência familiar. Bater nos filhos é um atestado de fracasso dos pais, uma prova de que perderam o controle da situação. Por mais inofensiva que possa parecer uma "pequena palmada", é importante saber que a força física empregada pelo adulto é necessariamente desproporcional. É verdade que os castigos imoderados e cruéis estão proibidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990. Mas como definir claramente o que é castigo imoderado? Há vários casos de crianças que morreram depois de ter sido castigadas "cruelmente". Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo: utilização da força e do poder.

Por trás da violência física está a ideia implícita de que os pais têm total direito sobre a vida e a integridade física da criança. A maioria dos adultos com que tenho contato foram educados com surras e palmadas e reproduzem esse modelo, pois acreditam que o tapa tem a capacidade de modificar comportamentos. A meu ver, a proibição por lei de qualquer castigo físico eliminaria a violência familiar e ajudaria a formar pessoas melhores. A lei não precisa ter caráter punitivo (os pais não deveriam ser presos depois de uma palmada, a história mostra que não se deve tratar violência com violência). Mas eles deveriam ser advertidos caso fossem reincidentes, podendo até perder a posse da criança. Seriam obrigados a participar de um programa de educação, semelhante aos que já existem na legislação de trânsito. Estamos conscientes de que a lei, sozinha, não seria suficiente para impedir o comportamento violento dos pais. Somente um trabalho educativo poderia trazer a consciência de que o amor e o carinho são fundamentais para formarmos cidadãos capazes, seres humanos de verdade.

(PARANHOS, C. Palmada fora-da-lei. *Superinteressante*, São Paulo, ano 15, n. 2, p. 90, fev. 2001.)

(Ufrn 2002) ... a agressão física, em vez de fazer a criança pensar no que fez, desperta-lhe a raiva contra aquele que a agrediu.

No trecho reproduzido acima, pluralizando-se a expressão A CRIANÇA, obtém-se, de acordo com a norma culta da língua escrita:

a) ... a agressão física, em vez de fazer as crianças PENSAREM no que FIZERAM, DESPERTAM-LHES a raiva contra aquele que AS AGREDIU.

b) ... a agressão física, em vez de fazer as crianças PENSAREM no que FIZERAM, DESPERTA-LHES a raiva contra aquele que AS AGREDIU.

c) ... a agressão física, em vez de fazer as crianças PENSAREM no que FIZERAM, DESPERTA-LHES a raiva contra aquele que AS AGREDIRAM.

d) ... a agressão física, em vez de fazer as crianças PENSAREM no que FIZERAM, DESPERTAM-LHES a raiva contra aquele que AS AGREDIRAM.

### Exercício 73

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

#### Laivos de memória

“... e quando tiverem chegado, vitoriosamente,  
ao fim dessa primeira etapa,  
mais ainda se convencerão de que  
abraçaram uma carreira difícil,  
árdua, cheia de sacrifícios,  
mas útil, nobre e, sobretudo bela.”

(NOSSA VOGA, Escola Naval, Ilha de Villegagnon, 1964)

Há quase 50 anos, experimentei um misto de angústia, tristeza e ansiedade que meu jovem coração de adolescente soube suportar com bravura. Naquela ocasião, despedia-me dos amigos de infância e da família e deixava para trás bucólica cidadezinha da região serrana fluminense. A motivação que me levava a abandonar gentes e coisas tão caras era, naquele momento, suficientemente forte para respaldar a decisão tomada de dar novos rumos à minha vida. Meu mundo de então se tornara pequeno demais para as minhas aspirações. Meus desejos e sonhos projetavam horizontes que iam muito além das montanhas que circundam minha terra natal.

Como resistir à sedução e ao fascínio que a vida no mar desperta nos corações dos jovens?

Havia, portanto, uma convicção: aquelas despedidas, ainda que dolorosas – e despedidas são sempre dolorosas – não seriam certamente em vão. Não tinha dúvidas de que os sonhos que acalentavam meu coração pouco a pouco iriam se converter em realidade.

Em março de 1962, desembarcávamos do Aviso Rio das Contas na ponte de atracação do Colégio Naval, como integrantes de mais uma Turma desse tradicional estabelecimento de ensino da Marinha do Brasil.

Ainda que a ansiedade persistisse oprimindo o peito dos novos e orgulhosos Alunos do Colégio Naval, não posso negar que a tristeza, que antes havia ocupado espaço em nossos corações, era naquele momento substituída pelo contentamento peculiar dos vitoriosos. E o sentimento de perda, experimentado por ocasião das despedidas, provara-se equivocado: às nossas caras famílias de origem agregava-se uma nova, a Família Naval, composta pelos recém-chegados companheiros; e às respectivas cidades de nascimento, como a minha bucólica Bom Jardim, juntava-se, naquele instante, a bela e graciosa enseada Batista das Neves em Angra dos Reis, como mais tarde se agregaria à histórica Villegagnon em meio à sublime baía de Guanabara.

Ao todo foram seis anos de companheirismo e feliz convivência, tanto no Colégio como na Escola Naval. Seis anos de aprendizagem científica, humanística e, sobretudo, militar-naval. Seis anos entremeados de aulas, festivais de provas, práticas esportivas, remo, vela, cabo de guerra, navegação, marinharia, ordem-unida, atividades extraclasses, recreativas, culturais e sociais, que deixaram marcas indeléveis.

Estes e tantos outros símbolos, objetos e acontecimentos passados desfilam hoje, deliciosa e inexoravelmente distantes, em meio a saudosos devaneios.

Ainda como alunos do Colégio Naval, os contatos preliminares com a vida de bordo e as primeiras idas para o mar – a razão de ser da carreira naval.

Como Aspirantes, derrotas mais longas e as primeiras descobertas: Santos, Salvador, Recife e Fortaleza!

Fechando o ciclo das Viagens de Instrução, o tão sonhado embarque no Navio-Escola. Viagem maravilhosa! Nós, da Turma Míguens, Guardas-Marinha de 1967, tivemos a oportunidade ímpar e rara de participar de um cruzeiro ao redor do mundo em 1968: a Quinta Circum-navegação da Marinha Brasileira.

Após o regresso, as platinas de Segundo-Tenente, o primeiro embarque efetivo e o verdadeiro início da vida profissional – no meu caso, a bordo do cruzador Tamandaré, o inesquecível C-12. Era a inevitável separação da Turma do CN-62/63 e da EM-64/67. Novamente um misto de satisfação e ansiedade tomou conta do coração, agora do jovem Tenente, ao se apresentar para servir a bordo de um navio de nossa Esquadra. Após proveitosos, mas descontraídos estágios de instrução como Aspirante e Guarda-Marinha, quando as responsabilidades eram restritas a compromissos curriculares, as platinas de Oficial começariam, finalmente, a pesar forte em nossos ombros. Sobre essa transição do status de Guarda-Marinha para Tenente, o notável escritor-marineiro Gastão Penalva escrevera com muita propriedade: “... é a fase inesquecível de nosso ofício. Coincide exatamente com a adolescência, primavera da vida. Tudo são flores e ilusões...

Depois começam a despontar as responsabilidades, as agruras de novos cargos, o acúmulo de deveres novos”.

E esses novos cargos e deveres novos, que foram se multiplicando a bordo de velhos e saudosos navios, deixariam agradáveis e duradouras lembranças em nossa memória. Com o passar dos tempos, inúmeros Conveses e Praça d' Armas, hoje saudosas, foram se incorporando ao acervo profissional-afetivo de cada um dos integrantes daquela Turma de Guardas-Marinha de 1967.

Ah! Como é gratificante, ainda que melancólico, repassar tantas lembranças, tantos termos expressivos, tanta gíria maruja, tantas



tradições, fainas e eventos tão intensamente vividos a bordo de inesquecíveis e saudosos navios...

E as viagens foram se multiplicando ao longo de bem aproveitados anos de embarque, de centenas de dias de mar e de milhares de milhas navegadas em alto mar, singrando as extensas massas líquidas que formam os grandes oceanos, ou ao longo das águas costeiras que banham os recortados litorais, com passagens, visitas e arribadas em um sem-número de enseadas, baías, barras, angras, estreitos, furos e canais espalhados pelos quatro cantos do mundo, percorridos nem sempre com mares bonançosos e ventos tranquilos e favoráveis.

Inúmeros foram também os portos e cidades visitadas, não só no Brasil como no exterior, o que sempre nos proporciona inestimáveis e valiosos conhecimentos, principalmente graças ao contato com povos diferentes e até mesmo de culturas exóticas e hábitos às vezes totalmente diversos dos nossos, como os ribeirinhos amazonenses ou os criadores de serpentes da antiga Taprobana, ex-Ceilão e hoje Sri Lanka.

Como foi fascinante e delicioso navegar por todos esses cantos. Cada novo mar percorrido, cada nova enseada, estreito ou porto visitado tinha sempre um gosto especial de descoberta... Sim, pois, como dizia Câmara Cascudo, “o mar não guarda os vestígios das quilhas que o atravessam. Cada marinheiro tem a ilusão cordial do descobrimento”.

(CÉSAR, CMG (RM1) William Carmo. Laivos de memória. In: *Revista de Villegagnon*, Ano IV, nº 4, 2009. p. 42-50. Texto adaptado)

(Esc. Naval 2016) Assinale a opção em que a concordância do verbo ser justifica-se pela mesma regra observada em: “[...] Tudo são flores e ilusões [...]” (13º parágrafo)

- a) Dez anos velejando sempre será muito tempo de viagem.
- b) O que aconteceu de importante na viagem foram os desafios.
- c) O navio já atracou, o mais seriam especulações sem sentido.
- d) Eram quase vinte horas quando os tripulantes desembarcaram.
- e) Durante uma perigosa travessia, todo ele é olhos e ouvidos.

#### Exercício 74

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

##### Palavras sem fronteiras

Empréstimo de termos estrangeiros pode evitar “autismo” linguístico de um idioma.

Muito se combate a penetração de palavras estrangeiras na nossa língua. Se até certo ponto esse combate se justifica, todo radicalismo, como exigir o banimento puro e simples de todo e qualquer termo estrangeiro do idioma, cheira a preconceito xenófobo, fanatismo cego e, mais ainda, ignorância da real dinâmica das línguas.

Antes de lançar ao fogo do inferno tudo o que vem de fora, é preciso tentar compreender sem paixões por que os estrangeirismos existem. Se olharmos atentamente para todas as

línguas, veremos que nenhuma tem se mantido pura ao longo dos séculos: intercâmbios comerciais, contatos entre povos, viagens, grandes ondas migratórias, disseminação de fatos culturais, tudo isso tem feito com que as línguas compartilhem palavras e expressões. Até o islandês, que, para muitos, é a língua mais pura do mundo, sem nenhum termo de origem estrangeira, é na verdade um idioma altamente influenciado por línguas mais centrais e hegemônicas. O que ocorre é que o islandês traduz os vocábulos que lhe chegam de fora, usando material nativo. No islandês, os estrangeirismos estão apenas camuflados. (...)

Afinal, em viagens pelo mundo, é reconfortante reconhecer vocábulos familiares como “telefone”, “hotel”, “restaurante”, “táxi”, “hospital”, ainda que ligeiramente modificados pela fonética e ortografia do país que visitamos.

Portanto, quando se trata de discutir uma política de proteção do idioma contra uma suposta “invasão bárbara”, é preciso, em primeiro lugar, compreender que nenhuma língua natural passa incólume às influências de outras línguas, e que isso, na maioria das vezes, é benéfico tanto para quem exporta quanto para quem importa palavras. Toda língua se vê enriquecida com contribuições externas, que sempre trazem novas visões de mundo, por vezes simplificam a comunicação e, sobretudo, tiram o idioma de uma situação de “autismo” linguístico.

Dando por assentada a questão de que o empréstimo de palavra estrangeira é um fenômeno legítimo da dinâmica das línguas e, acima de tudo, inevitável, cabe então distinguir quando um empréstimo é necessário ou não, quando é oportuno ou inoportuno. Afinal, uma coisa é a introdução em nossa sociedade de um novo conceito (por exemplo, uma nova tecnologia, um fato social inédito, uma nova moda) que, por ser originário de outro país, chegue até nós acompanhado do nome que tem na língua de origem. Foi assim com o whisky (ou uísque), a pizza, o futebol (e os nomes das posições dos jogadores, depois traduzidas para o português), a informática, e assim por diante. Outra coisa é dar nomes estrangeiros a objetos que já têm nome em português. (...) Os empréstimos oportunos acabam algumas vezes traduzidos ou aportuguesados, outras vezes não. Mas, se eles existem na nossa língua, é porque somos grandes importadores de objetos e fatos culturais inventados por outros povos. Ou seja, importamos palavras mais do que exportamos porque, no fundo, somos pouco criativos em matéria de tecnologia. (...)

Ora, em questões de língua, como em tudo mais na vida, a virtude está no meio: nem tanto ao mar, nem tanto a terra. Portanto, não se deve adotar nem uma postura de servilismo ao que é estrangeiro nem uma atitude chauvinista em relação ao que é nacional. Afinal, o purismo linguístico é algo tão irritantemente pedante quanto o estrangeirismo mercadológico.

Aldo Bizzocchi. Revista *Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Segmento. Adaptado.

(Upe 2011) As normas da concordância verbo-nominal constituem um padrão privilegiado para o que se considera ‘o português culto’. De acordo com tais normas:

I. o sujeito – simples ou composto, singular ou plural – quando vem posposto, deixa o verbo no singular, como em: “Falta

políticas de proteção do idioma contra a entrada injustificada de palavras estrangeiras.”

II. se o núcleo do sujeito é um pronome indefinido singular, seguido de um complemento no plural, o verbo fica no plural, como em: “Nenhum dos empréstimos oportunos acabaram por ser traduzidos ou aportuguesados”.

III. o verbo haver, no sentido de existir, é impessoal, mas em alguns contextos admite a concordância no plural, como em: “Ao longo dos séculos, houveram intercâmbios comerciais, contatos entre povos, viagens, grandes ondas migratórias, disseminação de fatos culturais”.

IV. em alguns casos, o verbo ser pode concordar com o predicativo e não com o sujeito, como em: “O empréstimo de palavras estrangeiras são fenômenos legítimos da dinâmica das línguas”.

V. a concordância do verbo é, fundamentalmente, com o núcleo do sujeito, como em: “Até hoje, a experiência das crianças mostra como é fácil fazer gestos virarem desenhos quando elas aprendem a escrever”.

As observações são aceitáveis, do ponto de vista da correção gramatical, apenas nas afirmativas

a) I, II e III.

b) II, III e V.

c) I, II e IV.

d) III e IV.

e) IV e V.

### Exercício 75

(G1 1996) Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo ser:

a) Os responsáveis \_\_\_\_\_ nós. Nós \_\_\_\_\_ a equipe de futebol da escola.

b) Agora \_\_\_\_\_ seis horas da manhã.

c) Hoje \_\_\_\_\_ dia 24 de agosto.

### Exercício 76

(Uemg 2015) Considerando a análise de aspectos linguísticos dos trechos abaixo, extraídos da obra “Você Verá”, marque (V) para os comentários verdadeiros e (F) para os falsos. Em seguida, assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA.

( ) Em “*Acho a astrologia a ciência dos tolos, e, até prova em contrário, não me considero um deles.*” Houve um desvio da norma padrão, que prescreve como certa a expressão “até provem o contrário”, em substituição à expressão sublinhada.

( ) Em “*Foi um morticínio, uma coisa que ninguém na região nunca vira(...)*”, a palavra *morticínio* significa *assassinato em série*.

( ) O que aconteceu com o nome do narrador do conto *Bem - Stanislaw > Lauro > Lau > Stan* - é um fenômeno linguístico semelhante ao ocorrido com o pronome de tratamento *Vossa Mercê - Vosmecê > você > cê*.

( ) Em “(...) *que direito tinha o Bem de se tornar milionário?*”, o pronome sublinhado aparece anteposto ao verbo (próclise), uma vez que a preposição o atrai, segundo a norma padrão.

( ) Em “(...) quando a mãe a levava à matinê.” e “(...) pois ainda escutava em mim as risadas”, os pronomes sublinhados são classificados, respectivamente, como *oblíquo átono e oblíquo tônico*.

( ) Em “*Minha mãe sempre dizia: 'Deus protege quem trabalha'*”, a regência do verbo *proteger* não está de acordo com a norma padrão, uma vez que ele é transitivo indireto e, por isso, rege preposição, como em: ‘Deus protege a quem trabalha’”.

A sequência correta é

a) F- F- V- V- V- F

b) V- F- F- V- F- V

c) F- F- F- V- V- F

d) V- V- V- F- F- V

### Exercício 77

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões) a seguir.

#### Projeto ajuda a interromper ciclo de violência contra mulheres

Em Sergipe, um projeto tem ajudado a interromper o ciclo de violência contra mulheres. Foram 16 anos sofridos em silêncio até que ela resolveu dar um basta. “Quando eu saí de casa, fui para a casa de minha mãe. Ele me ligou, esculhambou de tudo, falou que estava indo para a casa da minha mãe para me bater, para quebrar meus dentes, para fazer o que ele queria. Foi nessa hora que resolvi ir para a delegacia e prestei queixa”, disse a mulher.

A queixa virou um acordo entre o casal. Ao invés de responder a um inquérito, uma vez por semana, o ex-marido frequenta um grupo só para homens. Antes do primeiro empurrão, do tapa, geralmente existe a agressão verbal seguida de ameaça. Os homens que foram denunciados por esse tipo de agressão estão no grupo para aprender a enxergar a mulher com outros olhos, com respeito. Uma mudança de comportamento que fez romper o ciclo da violência doméstica.

“A ideia do grupo é uma mudança de atitude, de comportamento, mesmo que você não concorde. Está na lei”, diz a psicóloga aos homens. Sandra Aiaish Menta, doutora em psicologia da Universidade Federal de Sergipe, tem um papel fundamental. “Quando eles chegam ao grupo, a gente tem que sensibilizá-los de que aquilo que eles fizeram é algo que é uma agressão ao outro”, disse.

A cada encontro, novas descobertas. Um homem que sequer admitia que era agressor está na sexta reunião e já mudou de atitude. “Reconheço sim, reconheço que errei com ela. O grupo ajudou muito, graças a Deus”, disse. Mas se ele voltar a ser violento, não tem acordo.

“A gente vai trabalhando numa escalada: para os crimes mais simples, oferecendo a mediação. Houve descumprimento, a gente vai para investigação com medida protetiva. Se ele descumprir, a gente pede a prisão”, disse a delegada Ana Carolina Machado Jorge.

O projeto é uma parceria da Universidade Federal de Sergipe com a prefeitura e delegacia da cidade de Lagarto. Começou há seis anos e, nesse tempo, foi registrado apenas um caso de feminicídio na cidade. Pelo grupo já passaram mais de 300 homens e muitas foram as lições. “Estou aprendendo várias coisas. Se eu pudesse não errar, voltava para trás”, disse o homem.

Adaptado de: g1.globo.com

(Uel 2020) Acerca do último parágrafo “O projeto é uma parceria da Universidade Federal de Sergipe com a prefeitura e delegacia da cidade de Lagarto. Começou há seis anos e, nesse tempo, foi registrado apenas um caso de feminicídio na cidade. Pelo grupo já passaram mais de 300 homens e muitas foram as lições. ‘Estou aprendendo várias coisas. Se eu pudesse não errar, voltava para trás’, disse o homem”, considere as afirmativas a seguir.

I. O trecho “um caso de feminicídio” é complemento verbal nesse período.

II. O sujeito do verbo “começou” foi citado anteriormente: “projeto”.

III. O verbo “passaram” concorda com o sujeito “mais de 300 homens”.

IV. A expressão “as lições” é sujeito do verbo “foram”.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmativas I e II são corretas.

b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.

c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.

d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

### Exercício 78

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

FOLHA – Seus estudos mostram que, entre os mais escolarizados, há maior preocupação com a corrupção.

O acesso à educação melhorou no país, mas a aversão à corrupção não parece ter aumentado. Não se vê mais mobilizações como nos movimentos pelas Diretas ou no Fora Collor. Como explicar?

ALMEIDA – Esta questão foi objeto de grande controvérsia nos Estados Unidos. Quanto maior a escolarização, maior a participação política. Mas a escolaridade também cresceu lá, e não se viu aumento de mobilização. O que se discutiu, a partir da literatura mais recente, é que, para acontecerem grandes mobilizações, é necessária também a participação atuante de uma elite política. No caso das Diretas-Já, por exemplo, essa mobilização de cima para baixo foi fundamental. O governador de

São Paulo na época, Franco Montoro, estava à frente da mobilização. No Rio, o governador Leonel Brizola liberou as catracas do metrô e deu ponto facultativo aos servidores. No caso de Collor, foi um fenômeno mais raro, pois a mobilização foi mais espontânea, mas não tão grande quanto nas Diretas. Porém, é preciso lembrar que Collor atravessava um momento econômico difícil. Isso ajuda a explicar por que ele caiu com os escândalos da época, enquanto Lula sobreviveu bem ao mensalão. Collor não tinha o apoio da elite nem da classe média ou pobre. Já Lula perdeu apoio das camadas mais altas, mas a população mais pobre estava satisfeita com o desempenho da economia. Isso fez toda a diferença nos dois casos. A preocupação de uma pessoa muito pobre está muito associada à sobrevivência, ao emprego, à saúde, à própria vida. Para nós, da elite, jornalistas, isso já está resolvido e outras questões aparecem como mais importantes. São dois mundos diferentes.

(Adaptado de: GOIS, Antonio. *Mais conscientes, menos mobilizados*. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2607200914.htm>>.

Acesso em: 26 jul. 2009).

(Uel 2010) Observe o seguinte período: “O que se discutiu, a partir da literatura mais recente, é que, para acontecerem grandes mobilizações, é necessária também a participação atuante de uma elite política.”.

a) Do ponto de vista da norma culta, há um problema de concordância, pois a forma correta de se grafar a expressão seria “é necessário”.

b) Há um problema de pontuação, pois não se deve usar vírgula para separar o sujeito “grandes mobilizações” do predicado “é necessária também”.

c) A expressão grifada destaca um erro de concordância com o sujeito “grandes mobilizações”.

d) A expressão grifada aparece flexionada em gênero e número, pois concorda com o sujeito posposto “a participação atuante”.

e) Do ponto de vista da norma culta, pode-se dizer que há uma inadequação, pois o autor usou a expressão “é necessária” no lugar da expressão “é precisa”.

### Exercício 79

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Por trás da “boa aparência”: o racismo em números no mercado.**

“Precisa-se de moça de boa aparência para auxiliar de dentista. Rua Boa Vista, 11, primeiro andar.” <sup>1</sup>O <sup>2</sup>anúncio publicado no Estado de São Paulo, em junho de 1914, <sup>3</sup>contém uma expressão de uso bastante comum até 2006, quando foi proibida por <sup>4</sup>viés discriminatório. Para 70% dos brasileiros, <sup>5</sup>“boa aparência” não é apenas um código para cabelos lisos e pele clara, é um sintoma da discriminação racial ainda presente no <sup>6</sup>país em que mais da metade da população se autodeclara negra.

“Precisamos refletir sobre o significado da compreensão de que vivemos em um país racialmente harmônico, que ainda está presente em nosso imaginário. Pela noção de democracia racial, dizemos que o racismo não existe e, se a população negra vive em desvantagem social, é porque não se esforçou o suficiente”, explica Giselle dos Anjos Santos, doutoranda em História Social pela USP e consultora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), organização pioneira na promoção da equidade racial e de gênero no mercado de trabalho no Brasil.

Na <sup>7</sup>área de recrutamento e seleção por quase uma década, a ex-recrutadora Marion Caruso vivenciou de perto as <sup>8</sup>inconsistências entre discurso e prática relacionadas \_\_1\_\_ aceitação racial dentro do mercado de trabalho. “Me pediam que não enviasse pessoas negras para as vagas porque tinham ‘cara de empregadinha’”. Com demandas como \_\_2\_\_ que Marion recebia, não é difícil imaginar por que a expectativa de que o Brasil alcance \_\_3\_\_ igualdade racial no mercado de trabalho é de 150 anos, <sup>9</sup>segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016.

Os números não param de alarmar. <sup>10</sup>Ainda de acordo com o Ethos, embora 54% da população brasileira seja negra, eles ocupam apenas 5% dos cargos de liderança nas maiores empresas do país. Quando se fala em mulheres pretas e pardas em altos cargos de chefia, esse índice chega a menos de 1%. O espaço para homens e mulheres negros vai se <sup>11</sup>afunilando conforme os cargos vão ficando cada vez mais altos: na base da pirâmide <sup>12</sup>corporativa, os aprendizes negros chegam a ultrapassar os brancos.

Giselle explica que, ao longo da história, a sociedade brasileira se construiu nas bases do racismo. Daí a desigualdade e falta de oportunidades. “Todos os indicadores sociais refletem \_\_4\_\_ desigualdades colocadas”, explica a estudiosa. A mulher negra tem 50% mais chances de estar desempregada do que qualquer outro grupo da nossa sociedade. <sup>13</sup>É fundamental que pensemos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.”

Mesmo que o número de estudantes negros nas universidades federais tenha triplicado na última década, garantindo a qualificação necessária para as vagas, a consultora e pesquisadora alerta que as barreiras começam muito antes do <sup>14</sup>recrutamento. “Existe uma lógica de rede de informação e contato. Quando perguntados nos censos desenvolvidos pelo CEERT em diferentes instituições como ficaram sabendo de determinada vaga, os profissionais brancos respondem que souberam por parentes e amigos. <sup>15</sup>A realidade é diferente para pessoas negras, cujos familiares geralmente trabalharam a vida toda no setor informal.” [...]

Publicado em 23/08/19, por Nayara Fernandes, no portal de notícias R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/economia/por-tras-da-boa-aparencia-o-racismo-em-numeros-no-mercado-23082019>>. Acesso em: 25 ago. 2019 (Texto adaptado para fins didáticos).

(G1 - ifsul 2020) Se o período “O anúncio publicado no Estado de São Paulo, em junho de 1914, contém uma expressão de uso

bastante comum até 2006, quando foi proibida por viés discriminatório”. (referência 1), fosse passado para o plural, sem alteração de sentido, qual das reformulações abaixo estaria correta?

a) Os anúncios publicados no Estado de São Paulo, em junho de 1914 contém expressões de usos bastantes comuns até 2006, quando foram proibidas por vieses discriminatórios.

b) Os anúncios publicados no Estado de São Paulo, em junho de 1914, contém expressões de uso bastante comum até 2006, quando foram proibidas por viés discriminatório.

c) Os anúncios publicados no Estado de São Paulo, em junho de 1914, contém expressões de uso bastante comum até 2006, quando foram proibidas por vieses discriminatórios.

d) Os anúncios publicados no Estado de São Paulo, em junho de 1914, contém expressões de uso bastante comum até 2006, quando foram proibidas por viés discriminatório.

### Exercício 80

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### **Bruxas não existem**

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona, que morava numa casinha caindo aos pedaços, no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de “bruxa”. Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão. Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando “bruxa, bruxa!”. Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

– Vamos logo – gritava o João Pedro –, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último. E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar, mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe,

ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

– Está quebrada – disse por fim. – Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa.

“Chame uma ambulância”, disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

Moacyr Scliar. Disponível em:

<http://novaescola.org.br/fundamental-1/bruxas-nao-existem-689866.shtml>. Acesso em: 11/07/2016.

(Upe-ssa 2 2017) Considerando alguns dos aspectos formais do texto “Bruxas não existem”, analise as proposições a seguir.

a) No enunciado: “os cabelos pareciam palha” (2º parágrafo), a inversão do sujeito exigiria a concordância com o predicativo: “Parecia palha, os cabelos.”.

b) Para o trecho: “A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos” (4º parágrafo), a regência verbal também estaria correta na seguinte construção: “De quem fora esse animal, nós não sabíamos”.

c) Para o trecho: “No momento exato em que conseguíamos introduzir o bode” (5º parágrafo), a regência verbal também estaria correta em: “No momento exato pelo qual conseguíamos introduzir o bode”.

d) No trecho: “Não se preocupe, sei fazer isso.” (8º parágrafo), a presença da vírgula anula o sentido de explicação que existe entre as duas orações.

e) A concordância verbal está em conformidade com a norma-padrão vigente, no seguinte enunciado: “Eu não acredito que hajam bruxas, mas há quem acredite que elas existem.”

### Exercício 81

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto a seguir foi extraído de uma crônica de Affonso Romano de Sant’Anna, cronista e poeta mineiro. Professor universitário e jornalista, escreveu para os maiores jornais do País. “Com uma produção diversificada e consistente, pensa o Brasil e a cultura do seu tempo, e se destaca como teórico, como poeta, como cronista, como professor, como administrador cultural e como jornalista.”

#### Porta de colégio

Passando pela porta de um colégio, me veio a sensação nítida de que aquilo era a porta da própria vida. Banal, direis. Mas a sensação era tocante. Por isso, parei, como se precisasse ver melhor o que via e previa.

Primeiro há uma diferença de <sup>1</sup>clima entre <sup>6</sup>aquele bando de adolescentes espalhados pela calçada, sentados sobre carros, em torno de carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles que transitam pela rua. Não é só o uniforme. Não é só a idade. É toda uma <sup>2</sup>atmosfera, como se estivessem ainda dentro de uma <sup>8</sup>redoma ou aquário, numa bolha, resguardados do mundo. Talvez não estejam. Vários já sofreram a pancada da separação dos pais. <sup>7</sup>Aprenderam que a vida é também um exercício de separação. <sup>9</sup>Um ou outro já transou droga, e com isso deve ter se sentido (equivocadamente) muito adulto. Mas há uma sensação de pureza angelical misturada com palpitação sexual, que se exhibe nos gestos sedutores dos adolescentes.

Onde estarão <sup>4</sup>esses meninos e meninas dentro de dez ou vinte anos?

<sup>5</sup>Aquele ali, moreno, de cabelos longos corridos, que parece gostar de esporte, vai se interessar pela informática ou economia; <sup>5</sup>aquela de cabelos louros e crespos vai ser dona de boutique; <sup>5</sup>aquela morena de cabelos lisos quer ser médica; a gorduchinha vai acabar casando com um gerente de multinacional; <sup>5</sup>aquela esguia, meio bailarina, achará um diplomata. Algumas estudarão Letras, se casarão, largarão tudo e passarão parte do dia levando filhos à praia e à praça e pegando-os de novo à tardinha no colégio. [...] Estou olhando aquele bando de adolescentes com evidente ternura. Pudessem passava a mão nos seus cabelos e contava-lhes as últimas histórias da carochinha antes que o <sup>3</sup>lobo feroz as assaltasse na esquina. Pudessem lhes diria daqui: aproveitem enquanto estão no aquário e na redoma, enquanto estão na porta da vida e do colégio. O destino também passa por aí. E a gente pode às vezes modificá-lo.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Affonso Romano de Sant’Anna: seleção e prefácio de Letícia Malard*. Coleção Melhores Crônicas. p. 64-66.

(Uece 2014) No trecho, “Primeiro há uma diferença de clima entre aquele bando de adolescentes espalhados pela calçada, sentados sobre carros, em torno de carrocinhas de doces e refrigerantes, e aqueles que transitam pela rua” existe um caso de concordância verbal curioso. No trecho “aquele bando de adolescentes espalhados pela calçada, sentados sobre carros”, há um sintagma nominal cujo núcleo é **bando**, um substantivo coletivo que vem seguido de uma expressão no plural que o especifica: **de adolescentes**.

Observe o que é dito a seguir.

I. Em casos como esse, a regra geral da gramática normativa é a seguinte: com o substantivo coletivo, a concordância se faz no singular. Por essa ótica, no texto, deveríamos ter a seguinte estrutura: aquele **bando** de adolescentes **espalhado** pela calçada e **sentado** sobre carros.

II. A gramática faculta a seguinte possibilidade: se o coletivo vier seguido de uma expressão no plural que o especifique, o adjetivo ou o partícipio que forma essa expressão pode ir para o plural ou ficar no singular: aquele **bando** de adolescentes **espalhados** pela calçada, **sentados** sobre carros.

III. Empregar o singular ou o plural nesses casos fica a critério do usuário da língua. Esses dois tipos de concordância variam livremente, independente de possíveis motivações.

Está correto o que se afirma em

a) I e II apenas.

b) I, II e III.

c) I e III apenas.

d) II e III apenas.

### Exercício 82

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A NOVA (DES)ORDEM

Em tempos de globalização de mercados, <sup>21</sup>os países <sup>9</sup>desenvolvidos passam por <sup>22</sup>um processo perverso: o crescimento de uma riqueza é acompanhado por uma diminuição no nível de <sup>10</sup>emprego. Atribui-se o encolhimento do <sup>12</sup>mercado de trabalho à escalada dos padrões de qualidade e produtividade das empresas.

A <sup>6</sup>revolução tecnológica é um processo sem volta. A cada inovação, <sup>4</sup>levas de trabalhadores vão sendo privadas do <sup>5</sup>relacionamento diário com o relógio de ponto.

Estudo do Ipea registra algo <sup>23</sup>de que <sup>24</sup>já se suspeitava: <sup>26</sup>a modernização do <sup>7</sup>modelo <sup>11</sup>produtivo, fenômeno recente entre nós, <sup>2</sup>assusta também o <sup>27</sup>trabalhador brasileiro.

<sup>1</sup>A <sup>14</sup>exemplo do <sup>28</sup>que <sup>29</sup>ocorre no <sup>13</sup>chamado <sup>8</sup>Primeiro Mundo, a maior vítima do <sup>20</sup>avanço tecnológico e gerencial é a mão de obra menos qualificada. <sup>31</sup>O <sup>3</sup>novo mercado tende a desprezar o funcionário formado à moda antiga, <sup>17</sup>adestrado para executar tarefas específicas.

Na economia emergente são valorizados trabalhadores de formação educacional mais densa, pessoas com maior capacidade de raciocínio. "De maneira crescente é exigido menor grau de habilidades <sup>15</sup>manipulativas e maior grau de abstração no desempenho do trabalho produtivo", diz o estudo do Ipea. "Torna-se importante o desenvolvimento da capacidade de adquirir e processar intelectualmente novas <sup>16</sup>informações, de superar hábitos tradicionais, de gerenciar-se" a si próprio.

No contexto desse novo modelo, o grau de instrução do trabalhador passa a ser sua principal <sup>18</sup>ferramenta. Os números disponíveis no Brasil a esse respeito são desoladores. Conforme pesquisa nacional feita pelo IBGE em 90, cerca de 33 milhões de trabalhadores brasileiros (53% do mercado de trabalho) tinham no máximo cinco anos de estudo.

<sup>25</sup>A experiência mundial, ainda de acordo com o trabalho do Ipea, indica que são necessários pelo menos <sup>19</sup>oito anos de

estudos para que uma pessoa esteja em condições de receber treinamentos específicos.

O maior desafio do Brasil de hoje é, portanto, educar sua gente. Destruído como está, o conserto do modelo educacional do país é tarefa para duas décadas. Até lá, <sup>30</sup>a horda de marginalizados vai inchar.

Josias de Souza. *Folha de S. Paulo*, 20 out. 1995.

(G1 - cftce 2006) Em "... são necessários pelo menos OITO ANOS de estudo..." (ref. 19), o termo destacado (sujeito) levou o verbo para o plural. A concordância verbal só NÃO está dentro dos padrões da norma culta na opção:

a) Mais de um brasileiro ganhou medalha de ouro.

b) Os Estados Unidos são o carrasco do mundo.

c) Qual de nós estaremos na competição?

d) Está havendo muitos problemas na competição.

e) Somos nós quem fica com o prejuízo.

### Exercício 83

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O preto Henrique tomou o caneco das mãos da preta velha e bebeu dois tragos.

- Ainda tá quente, meu filho? É o restinho...

- <sup>1</sup>Tá, tia. Bota mais.

Quando acabou, disse:

- Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia?

- Que histórias?

- Essas histórias de escravidão...

- O que é que tem?

- <sup>2</sup>Você vai esquecer elas todas.

- Quando?

- No dia em que nós for dono disso...

- Dono de quê?

- Disso tudo... Da Bahia... do Brasil...

- Como é isso, meu filho?

- <sup>3</sup>Quando a gente não quiser mais ser escravo dos ricos, titia, e acabar com eles...

- Quem é que vai fazer feitiço tão grande <sup>4</sup>pros ricos ficar tudo pobre?

- Os pobres mesmo, titia.

- Negro é escravo. Negro não briga com branco. Branco é senhor dele.

- O negro é liberto, tia.

- Eu sei. Foi a Princesa Isabel, no tempo do Imperador. Mas negro continua a respeitar o branco...

- Mas a gente agora livra o preto de vez, velha.

- <sup>5</sup>Você sabe qual é a coisa mais melhor do mundo, Henrique?

- Não.

- Não sabe o que é? É cavalo. Se não fosse cavalo, branco montava em negro...

Adap. AMADO, Jorge. *Suor*. Rio de Janeiro: Record, 1984, 43ª ed., p.43/44.

(Ufrj 2005) O texto encontra-se repleto de expressões próprias do padrão coloquial. A passagem que apresenta inadequação ao padrão culto da língua, quanto à concordância verbal, é:

a) "Tá, tia. Bota mais." (ref. 1).

b) "Você vai esquecer elas todas." (ref. 2).

c) "Quando a gente não quiser mais ser escravo dos ricos (...)" (ref. 3).

d) "(...) pros ricos ficar tudo pobre?" (ref. 4).

e) "Você sabe qual é a coisa mais melhor do mundo?" (ref. 5).

#### Exercício 84

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que há uma diferença bastante significativa entre responsabilidade social e ação social. Enquanto o primeiro compreende uma série de itens nos quais a empresa deve ter comprometimento ético, com fornecedores, acionistas, empregados e o meio ambiente, por exemplo, o segundo se dá exclusivamente na relação da empresa com a comunidade. Entender essas definições é de fundamental importância para as empresas que já desenvolveram, vêm desenvolvendo ou querem desenvolver alguma atividade na área social. (...)

Há várias explicações para esse processo de conversão de pensamento das empresas. A mais difundida delas é justamente a mais simples e também a mais lógica: com a redemocratização, as relações tomaram-se mais transparentes. E, na era das comunicações, com a sociedade tomando conhecimento de movimentos como "Ação pela Cidadania Contra a Fome e a Miséria", de eventos como a "Rio 92" e com o crescimento de ONGs, ao redor do Brasil, nasceu uma cobrança de postura. Cobrança essa que é de todos e recai na área social, pela percepção dos problemas, como pobreza, fome, violência. Logo, ficaria difícil criar "ilhas de prosperidade" no meio dos problemas. (Jornal do Commercio: 21/07/2002. Fragmento)

(Ufpe 2003) A concordância verbal e a nominal estão de acordo com a norma padrão em:

a) Houveram implicações boas e más naquelas atitudes dos empresários de Pernambuco.

b) Propostas, o mais adequadas possíveis, em termos de qualidade, foi apresentada aos trabalhadores.

c) Quaisquer deslizes perante o consumidor, nessa área, provoca problemas para a empresa.

d) É necessário paciência para poderem os trabalhadores conseguirem seus plenos direitos.

e) A ação social, um dos temas mais discutidos atualmente, faz os interessados repensarem a política fiscal.

#### Exercício 85

(Uel 1999) A concordância verbal está plenamente respeitada na frase:

a) Nem mesmo um vestígio dos livros que lhe emprestamos há dez dias foram encontrados.

b) Entre todas as obras expostas, impressionou-nos mais a que vocês trouxeram.

c) Ainda não havia chegado nem os tios, nem os primos, quando a festa começou.

d) Se fôssemos para levar em conta tudo o que ela diz, ficaríamos ofendidos o tempo todo.

e) Acho que qualquer uma dessas roupas poderiam me servir.

#### Exercício 86

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Trecho da peça teatral *A raposa e as uvas*, escrita por Guilherme de Figueiredo. A cena ocorre na cidade de Samos (Grécia antiga), na casa de Xantós, um filósofo grego, que recebe o convidado Agnostos, um capitão ateniense. O jantar é servido por Esopo e Melita, escravos de Xantós.

(Entra Esopo, com um prato que coloca sobre a mesa. Está coberto com um pano. Xantós e Agnostos se dirigem para a mesa, o primeiro faz ao segundo um sinal para sentarem-se.)

**XANTÓS** (Descobrimo o prato) – Ah, língua! (Começa a comer com as mãos, e faz um sinal para que Melita sirva Agnostos.

<sup>1</sup>Este também começa a comer vorazmente, dando grunhidos de satisfação.) Fizeste bem em trazer língua, Esopo. <sup>2</sup>É realmente uma das melhores coisas do mundo. (Sinal para que sirvam o vinho. Esopo serve, Xantós bebe.) Vês, estrangeiro, de qualquer modo é bom possuir riquezas. Não gostas de saborear <sup>3</sup>esta língua e <sup>4</sup>este vinho?

**AGNOSTOS** (A boca entupida, comendo) – Hum.

**XANTÓS** – Outro prato, Esopo. (Esopo sai à esquerda e volta imediatamente com outro prato coberto. <sup>5</sup>Serve, Xantós de boca cheia.) Que é isto? Ah, língua de fumeiro! É bom língua de fumeiro, hein, amigo?

**AGNOSTOS** – Hum. (Xantós serve-se de vinho) /.../ **XANTÓS** (A Esopo) Serve outro prato. (Serve) Que trazes aí?

**ESOPO** – Língua.

**XANTÓS** – <sup>6</sup>Mais língua? Não te disse que trouxesse o <sup>7</sup>que há de melhor para meu hóspede? Por que só trazes língua? Queres

expor-me ao ridículo?

**ESOPO** – Que há de melhor do que a língua? A língua é o que nos une todos, quando falamos. Sem a língua nada poderíamos dizer. A língua é a chave das ciências, o órgão da verdade e da razão. Graças à língua dizemos o nosso amor. Com a língua <sup>8</sup>se ensina, <sup>9</sup>se persuade, <sup>10</sup>se instrui, <sup>11</sup>se reza, <sup>12</sup>se explica, <sup>13</sup>se canta, <sup>14</sup>se descreve, <sup>15</sup>se elogia, <sup>16</sup>se mostra, <sup>17</sup>se afirma. É com a língua que dizemos sim. É a língua que ordena os exércitos à vitória, é a língua que desdobra os versos de Homero. A língua cria o mundo de Ésquilo, a palavra de Demóstenes. Toda a Grécia, Xantós, das colunas do Partenon às estátuas de Pídiás, dos deuses do Olimpo à glória sobre Tróia, da ode do poeta ao ensinamento do filósofo, toda a Grécia foi feita com a língua, a língua de belos gregos claros falando para a eternidade.

**XANTÓS** (Levantando-se, entusiasmado, já meio ébrio) – Bravo, Esopo. Realmente, tu nos trouxeste o que há de melhor. (Toma outro saco da cintura e atira-o ao escravo) Vai agora ao mercado, e traze-nos o que houver de pior, pois quero ver a sua sabedoria! (Esopo retira-se à frente com o saco, Xantós fala a Agnostos.) Então, não é útil e bom possuir um escravo assim?

**AGNOSTOS** (A boca cheia) – Hum. /.../ (Entra Esopo com prato coberto)

**XANTÓS** – <sup>18</sup>Agora que já sabemos o que há de melhor na terra, vejamos o que há de <sup>19</sup>pior na opinião deste horrendo escravo! Língua, <sup>20</sup>ainda? Mais língua? <sup>21</sup>Não disseste que língua era o que havia de melhor? Queres ser espancado?

**ESOPO** – A língua, senhor, é o que há de pior no mundo. É a fonte de todas as intrigas, o início de todos os processos, a mãe de todas as discussões. É a língua que usam os maus poetas que nos fatigam na praça, é a língua que usam os filósofos que não sabem pensar. É a língua que mente, que esconde, que tergiversa, que blasfema, que insulta, que se acovarda, que se mendiga, que impreca, que <sup>22</sup>bajula, que <sup>23</sup>destrói, que <sup>24</sup>calunia, que vende, que seduz, é com a língua que dizemos morre e canalha e corja. É com a língua que dizemos não. Com a língua Aquiles mostrou sua cólera, com a língua a Grécia vai tumultuar os pobres cérebros humanos para toda a eternidade! Aí está, Xantós, porque a língua é a pior de todas as coisas!

(FIGUEIREDO, Guilherme. *A raposa e as uvas – peça em 3 atos*. Cópia digitalizada pelo GETEB – Grupo de Estudos e Pesquisa em Teatro Brasileiro/UFSJ. Disponível para fins didáticos em [www.teatroparatodosufsjs.com.br/download/guilherme-figueiredo-araposa-e-as-uvas-2/](http://www.teatroparatodosufsjs.com.br/download/guilherme-figueiredo-araposa-e-as-uvas-2/) Acesso em 13/03/2019.)

(Epcar (Afa) 2020) Leia o trecho abaixo e responda à questão a seguir.

“Mais língua? Não te disse que trouxesse o que há de melhor para meu hóspede? Por que só trazes língua? Queres expor-me ao ridículo?” (referência 6)

Em relação à análise morfosintática desse fragmento, assinale a alternativa correta.

- a) Em “Não te disse que trouxesse (...)?”, é possível perceber o coloquialismo no uso concomitante de 2ª e 3ª pessoas gramaticais.
- b) Em “Por que só trazes língua?”, o pronome interrogativo, deslocando-se para o final da oração, seria grafado junto e com acento.
- c) Em “Queres expor-me ao ridículo?”, o pronome oblíquo poderá, de acordo com a norma padrão da Língua, vir antes do verbo ‘querer’.
- d) Em “(...) o que há de melhor para meu hóspede?”, o pronome demonstrativo exerce a função sintática de sujeito da oração.

### Exercício 87

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

### MOVIMENTOS SOCIAIS: BREVE DEFINIÇÃO

Em linhas gerais, o conceito de movimento social se refere à ação coletiva de um grupo organizado que objetiva alcançar mudanças sociais por meio do embate político, conforme seus valores e ideologias, dentro de uma determinada sociedade e de um contexto específicos, <sup>1</sup>permeados por tensões sociais. Os movimentos sociais podem objetivar a mudança, a transição ou mesmo a revolução de uma realidade hostil a certo grupo ou classe social. Constroem uma identidade para a defesa de seus interesses, sejam eles a luta por um algum ideal ou o questionamento de uma realidade que se caracterize como impeditivo à realização de seus anseios. Tornam-se porta-vozes de um grupo de pessoas que se encontra numa mesma situação, seja social, econômica, política, religiosa, entre outras. Gianfranco Pasquino, em sua contribuição ao *Dicionário de Política* (2004), organizado por ele, Norberto Bobbio e Nicolau Mateucci, <sup>2</sup>afirma que os movimentos sociais constituem tentativas – pautadas em valores comuns àqueles que compõem o grupo – de definir formas de ação social para se alcançar determinados resultados. Por outro lado, conforme aponta Alain Touraine, na obra *Em defesa da Sociologia* (1976), para se compreender os movimentos sociais, mais do que pensar em valores e crenças comuns para a ação social coletiva, seria necessário considerar as estruturas sociais nas quais os movimentos se manifestam. Cada sociedade ou estrutura social <sup>3</sup>teriam como cenário um contexto histórico (ou historicidades) <sup>4</sup>no qual, assim como também apontava Karl Marx, estaria posto um conflito entre classes, terreno das relações sociais, a depender dos modelos culturais, políticos e sociais. Assim, os movimentos sociais fariam explodir os conflitos já postos pela estrutura social (geradora por si só da contradição entre as classes), sendo uma ferramenta fundamental para a ação com fins de intervenção e mudança dessa estrutura. Dessa forma, para além das instituições democráticas como os partidos, as eleições e o parlamento, a existência dos movimentos sociais <sup>5</sup>é de fundamental importância para a sociedade civil enquanto meio de manifestação e reivindicação. Podemos citar



como alguns exemplos de movimentos: o da causa operária, o movimento negro (contra racismo e segregação racial), o movimento estudantil, o movimento de trabalhadores do campo, o movimento feminista, os movimentos ambientalistas, os da luta contra a homofobia, os separatistas, os movimentos marxista, socialista, comunista, entre outros. Alguns desses movimentos possuem atuação centralizada em algumas regiões (como no caso de movimentos separatistas na Europa). Outros, porém, com a expansão do processo de globalização (tanto do ponto de vista econômico como cultural) e a disseminação de meios de comunicação e veiculação da informação, rompem fronteiras geográficas em razão da natureza de suas causas, ganhando adeptos por todo o mundo, a exemplo do Greenpeace, movimento ambientalista de forte atuação internacional.

A existência de um movimento social requer uma organização muito bem desenvolvida, o que demanda a mobilização de recursos e pessoas muito <sup>6</sup>engajadas. Os movimentos sociais não se limitam a manifestações públicas esporádicas, mas trata-se de organizações que sistematicamente atuam para alcançar seus objetivos políticos, o que significa haver uma luta constante e de longo prazo, dependendo da natureza da causa. Em outras palavras, os movimentos sociais possuem uma ação organizada de caráter permanente por uma determinada <sup>7</sup>bandeira.

RIBEIRO, Paulo Silvino. *Movimentos sociais*: breve definição.

Brasil Escola. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/movimentos-sociais-breve-definicao.htm>>. Acesso em: 22 set. 2018 (adaptado).

(G1 - ifpe 2019) Analise alguns fragmentos do texto e marque a alternativa que contém uma afirmação verdadeira sobre o fenômeno da concordância verbo-nominal presente em cada um deles.

- a) No trecho “Cada sociedade ou estrutura social teriam como cenário um contexto histórico” (ref. 3 – segundo parágrafo), o verbo sublinhado poderia ser flexionado no singular, já que a conjunção “ou” implica na ideia de exclusão de um dos núcleos nominais do sujeito.
- b) No trecho “afirma que os movimentos sociais constituem tentativas” (ref. 2 – primeiro parágrafo), o verbo sublinhado concorda com um sujeito elíptico.
- c) No trecho “o que demanda a mobilização de recursos e pessoas muito engajadas” (ref. 6 – quarto parágrafo), o adjetivo sublinhado vai para o feminino plural, concordando com os núcleos nominais “mobilização” e “pessoas”.
- d) No trecho “a existência dos movimentos sociais é de fundamental importância para a sociedade civil” (ref. 5 – terceiro parágrafo), o verbo admite o plural, concordando com o adjunto adnominal “dos movimentos sociais”.
- e) No trecho “dentro de uma determinada sociedade e de um contexto específicos, permeados por tensões sociais” (ref. 1 – primeiro parágrafo), o adjetivo sublinhado vai para o masculino

plural, concordando com os núcleos nominais “sociedade” e “contexto”.

### Exercício 88

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

### COMPUTADORES PROVOCAM ACIDENTES DO TRABALHO?

Durante muito tempo, a segurança do trabalho foi vista como um tema que se relacionava apenas ao uso de capacetes, botas, cintos de segurança e uma série de outros equipamentos de proteção individual contra acidentes. No entanto, a evolução tecnológica se fez acompanhar de novos ambientes de trabalho e de riscos profissionais a eles associados. Muitos desses novos riscos são pouco ou nada conhecidos e demandam pesquisas cujos resultados só se apresentam após a exposição prolongada dos trabalhadores a ambientes nocivos a sua saúde e integridade física. Hoje, o setor de segurança e saúde no trabalho é multidisciplinar e tem como objetivo principal a prevenção dos riscos profissionais. O conceito de acidente é compreendido por um maior número de pessoas que já identificam as doenças profissionais como consequências de acidentes do trabalho. A relação homem-máquina, que já trouxe enormes benefícios para a humanidade, também trouxe um grande número de vítimas. Entre as máquinas das novas relações profissionais, os computadores pessoais têm uma característica ímpar: nunca, na história da humanidade, uma mesma máquina esteve presente na vida profissional de um número tão grande e diversificado de trabalhadores.

Diante desses fatos, muitas dúvidas têm sido levantadas sobre os riscos de acidentes no uso de computadores; entre eles, destacam-se os chamados riscos ergonômicos. A Ergonomia é uma ciência que estuda a adequação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores de modo a proporcionar o máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente. Entre os riscos ergonômicos, aqueles que têm maior relação com o uso de computadores são: exigência de postura inadequada, utilização de mobiliário impróprio, imposição de ritmos excessivos, trabalho em turno noturno, jornadas de trabalho prolongadas, monotonia e repetitividade.

A exposição do trabalhador ao risco gera o acidente, cuja consequência, nesses casos, tem efeito mediato, ou seja, ela se apresenta ao longo do tempo por ação cumulativa desses eventos sucessivos. É como se, a cada dia de exposição ao risco, um pequeno acidente, imperceptível, estivesse ocorrendo. As consequências dos acidentes do trabalho desse tipo são as doenças profissionais ou ocupacionais.

Já para os profissionais que têm o computador como instrumento de um trabalho diário, a prevenção dos riscos ergonômicos relacionados ao seu uso deverá ser motivo de atenção e interesse, observando, entretanto, que a legislação e as normas técnicas estão inseridas no contexto maior de uma avaliação completa do ambiente de trabalho. O bem-estar físico e psicológico dos trabalhadores reflete no seu desempenho profissional e é resultado de uma política global de investimento em segurança, saúde e meio ambiente. O fundamental para os usuários de computadores é saber que há procedimentos básicos para se evitar acidentes no trabalho, mesmo quando esse trabalho se

concentra em uma relação homem-máquina aparentemente amigável e isenta de riscos, desenvolvida em escritórios ou mesmo em casa.

MATTOS, Ricardo Pereira de. Adaptado. Disponível em: <<http://www.ricardomattos.com/artigo.htm#saude>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

(G1 - ifpe 2016) Quanto ao emprego dos termos destacados, relacionados à concordância, analise as afirmativas a seguir.

I. No trecho “Hoje, o setor de segurança e saúde no trabalho **é** multidisciplinar” (1º parágrafo), a palavra destacada deveria ter sido grafada no plural, para haver concordância com a expressão “segurança e saúde”.

II. No trecho “um maior número de pessoas que já **identificam** as doenças profissionais” (1º parágrafo), o verbo destacado poderia estar no singular, concordando com a expressão partitiva “um maior número”.

III. Em “os computadores pessoais **têm** uma característica ímpar” (2º parágrafo), a forma verbal encontra-se acentuada, pois está no plural para concordar com o sujeito “os computadores”, que também está pluralizado.

IV. Em “proporcionar o máximo de conforto, segurança e desempenho **eficiente**” (3º parágrafo), o vocábulo destacado está corretamente flexionado no singular, concordando, apenas, com o termo que o antecede.

V. Em “O bem-estar físico e psicológico dos trabalhadores **reflete** no seu desempenho profissional” (5º parágrafo), o verbo poderia ter sido grafado no plural para concordar com o sujeito composto que o antecede.

Assinale a alternativa que contém os itens analisados corretamente.

- a) I, II e V.
- b) I, II e III.
- c) III, IV e V.
- d) I, IV e V.
- e) II, III e IV.

#### Exercício 89

(G1 - ifal 2011) Texto.

**Em Alagoas, 24% da população vive à revelia da leitura e da escrita.**

[...]

Nesse “universo paralelo” dos que vivem à revelia da leitura e da escrita, <sup>1</sup>restam o mercado informal como sobrevivida, e o distanciamento exponencial de uma sociedade cada vez mais gráfica, onde a necessidade de se <sup>2</sup>decifrar os velhos e os novos códigos da língua, como a informática, por exemplo, vem transformando a educação formal, ao longo dos tempos, num

verdadeiro funil de acesso ao mundo sócio, econômico e culturalmente ativo.

*O Jornal*, de 17/10/2010, seção Cidades, pág. A17.

Com relação à concordância verbal, apenas uma alternativa está errada. Marque-a.




- a) O verbo pode ficar no singular, concordando com o termo preposicionado “da população”, após a expressão numérica na manchete.
- b) Segundo a norma gramatical, o verbo, ainda nessa manchete, poderia ficar no plural, concordando com o número percentual, que é o núcleo do sujeito.
- c) A concordância do verbo “viver”, nesse trecho, está correta, o que se pode justificar com o seguinte exemplo: “Somente 1% dos objetos roubados foi recuperado.”
- d) O verbo “restar” (ref. 1) poderia ficar no singular, concordando com o sujeito mais próximo: “o mercado informal”.
- e) O verbo “decifrar” (ref. 2) deveria estar no plural, concordando com o sujeito composto: “os velhos e os novos códigos da língua”.

#### Exercício 90



TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### **Geração Z mudará o mundo**

<sup>1</sup>Acabou o egoísmo, o narcisismo *selfie*, a obsessão pelo consumo e a passividade que isso acarreta. Há uma <sup>2</sup>geração que quer salvar o mundo, mas ainda não sabe como. Nasceu ou cresceu em plena recessão, em um mundo fustigado pelo terrorismo, índices de desemprego galopantes e uma sensação apocalíptica provocada pelas mudanças climáticas. <sup>3</sup>São mais realistas que seus irmãos mais velhos, indicam todas as consultorias de marketing (sempre preocupadas com seus futuros consumidores). São a geração Z, o grupo demográfico nascido entre 1994 e

2010, que representa  da população mundial. Os especialistas já analisam todos os traços de sua personalidade. Deixando de lado os riscos e a evidente frivolidade de atribuir uma letra e um só rosto a um espectro de dois bilhões de pessoas, há alguns elementos que podem ser extraídos das múltiplas pesquisas. Especialmente em contraposição a seus predecessores, os chamados *millennials* (ou Geração Y), que as marcas ainda vivem obcecadas em decifrar. Fundamentalmente porque são um grupo de  milhões de pessoas nos EUA e pouco mais de oito milhões na Espanha, que em 2025 representará – de acordo com prognóstico da consultoria Deloitte –  da força de trabalho do mundo. O potencial produtivo e de consumo dos *millennials* já é algo tangível (somente nos EUA têm uma capacidade de compra equivalente a 112 bilhões de reais). <sup>4</sup>Para as empresas, no entanto, a aventura com seus irmãos mais novos consiste agora em decodificá-los no laboratório.

<sup>5</sup>A teoria do consumo diz que o segmento populacional dos 18 aos 24 anos é o mais influente. As gerações anteriores e as posteriores sempre querem se parecer com ele. É a referência estética. Os Z – assim chamados por virem depois das gerações X e Y – começam a posicionar-se no topo dessa pirâmide de influência, e em cinco anos a terão dominado.

Essa geração <sup>6</sup>já não se conforma em ser sujeito passivo de marcas e publicações, deseja produzir seus conteúdos. E consegue através do YouTube, onde as novas celebridades surgidas nessa mídia já <sup>7</sup>são mais populares do que as da indústria do entretenimento tradicional  contra  segundo o Cassandra Report, um dos relatórios mais utilizados pelas grandes empresas para sondar os gostos da juventude). Ou <sup>8</sup>por meio de aplicativos como o Vine (para vídeos em loop) e <sup>9</sup>plataformas on-line como o Playbuzz, a guinada do popular site de histórias virais BuzzFeed, onde agora os conteúdos são postados pelos usuários, que já somam 80 milhões por mês, segundo o Google Analytics.

O tempo livre está cada vez mais direcionado para as vocações profissionais (blogs, desenho de moda, fotografia...) e as comunidades se formam em torno disso. <sup>10</sup>A escritora Luna Miguel destaca esse modo de trabalhar em rede, apesar de alertar para o fato de ser cedo para analisar uma geração que ainda compartilha muitos códigos com a anterior. “São figuras importantes, mas ajudam os demais e criam comunidade. A solidariedade será um valor importante. <sup>11</sup>Não querem mais ser o artista jovem e incomum. Até os ‘nativos da Internet’ soam como algo velho, é uma questão quase genética. Um exemplo seria Tavi Gevinson, que desde os 13 anos tem um dos blogs mais importantes do mundo”, afirma, referindo-se à multifacetada e influente blogueira e editora norte-americana, nascida em 1996, um dos ícones da geração Z.

A tendência também se estende à educação e aos novos canais de acesso. Para Anne Boysen, consultora em estratégia e especialista em questões geracionais da empresa After the Millennials, grande parte da aprendizagem se dá fora da sala de aula. “Essa geração usa o YouTube de forma periódica para sua lição de casa, o que indica que quer um maior grau de personalização na educação. <sup>12</sup>Se não gostam do enfoque de seu professor, ou não o entendem, buscarão alguém online que o explique melhor”, afirma. O mundo, tal qual deixaram seus antecessores, não lhes parece um lugar habitável.

VERDÚ, Daniel. Disponível em:

<[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/02/sociedad/1430576024\\_684493.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/02/sociedad/1430576024_684493.html)>

[Adaptado].

(Ufsc 2017) Considere os trechos abaixo, retirados do texto:

I. “Acabou o egoísmo, o narcisismo *selfie*, a obsessão pelo consumo e a passividade que isso acarreta. Há uma geração que quer salvar o mundo, mas ainda não sabe como.” (referência 1)

II. “A teoria do consumo diz que o segmento populacional dos 18 aos 24 anos é o mais influente.” (referência 5)

III. “Se não gostam do enfoque de seu professor, ou não o entendem, buscarão alguém online que o explique melhor.” (referência 12)

IV. “Para as empresas, no entanto, a aventura com seus irmãos mais novos consiste agora em decodificá-los no laboratório.” (referência 4)

De acordo com a variedade padrão escrita da língua portuguesa, é correto afirmar que:

01) no trecho I, a forma verbal “Acabou” poderia ser substituída por “Acabaram”, em concordância com o sujeito posposto que está no plural.

02) nos trechos I, II e III, o vocábulo “que” exerce a mesma função nas três ocorrências sublinhadas: introduz oração subordinada que retoma um antecedente.

04) no trecho III, os pronomes “seu”, “o” e “o” remetem ao mesmo referente.

08) nos trechos I e IV, os termos “o mundo” e “no laboratório”, respectivamente, desempenham a mesma função sintática, remetendo à ideia de lugar.

16) no trecho IV, a expressão “no entanto” introduz uma ideia de contraste, podendo ser substituída por “entretanto”, sem prejuízo de sentido à frase.

### Exercício 91

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### TRABALHO ESCRAVO É AINDA UMA REALIDADE NO BRASIL

Esse tipo de violação não prende mais o indivíduo a correntes, mas acomete a liberdade do trabalhador e o mantém submisso a uma situação de exploração.

O trabalho escravo ainda é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil. A sua existência foi assumida pelo governo federal perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995, o que fez com que se tornasse uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea em seu território. Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão em atividades econômicas nas zonas rural e urbana. Mas o que é trabalho escravo contemporâneo? O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil. Essa violação de direitos humanos não prende mais o indivíduo a correntes, mas compreende outros mecanismos, que acometem a dignidade e a liberdade do trabalhador e o mantêm submisso a uma situação extrema de exploração.

Qualquer um dos quatro elementos abaixo é suficiente para configurar uma situação de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO: o indivíduo é obrigado a se submeter a condições de trabalho em que é explorado, sem possibilidade de deixar o local seja por causa de dívidas, seja por ameaça e violências física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o intervalo entre as jornadas é insuficiente para a reposição de energia. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho. Esses itens são cobrados de forma abusiva e descontados do salário do trabalhador, que permanece sempre devendo ao empregador.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: um conjunto de elementos irregulares que caracterizam a precariedade do trabalho e das condições de vida sob a qual o trabalhador é submetido, atentando contra a sua dignidade.

Quem são os trabalhadores escravos? Em geral, são migrantes que deixaram suas casas em busca de melhores condições de vida e de sustento para as suas famílias. Saem de suas cidades atraídos por falsas promessas de aliciadores ou migram forçadamente por uma série de motivos, que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas. No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também podem ser migrantes internacionais de países latino-americanos – como a Bolívia, Paraguai e Peru –, africanos, além do Haiti e do Oriente Médio. Essas pessoas podem se destinar à região de expansão agrícola ou aos centros urbanos à procura de oportunidades de trabalho.

Tradicionalmente, o trabalho escravo é empregado em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária, a produção de carvão e os cultivos de cana-de-açúcar, soja e algodão. Nos últimos anos, essa situação também é verificada em centros urbanos, principalmente na construção civil e na confecção têxtil. No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens. Os dados oficiais do Programa Seguro-Desemprego de 2003 a 2014 indicam que, entre os trabalhadores libertados, 72,1% são analfabetos ou não concluíram o quinto ano do Ensino Fundamental.

Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração, colocando a sua vida em risco. Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a órgãos governamentais ou organizações da sociedade civil para denunciar a violação que sofreu. Diante disso, o governo brasileiro tem centrado seus esforços para o combate desse crime, especialmente na fiscalização de propriedades e na repressão por meio da punição administrativa e econômica de empregadores flagrados utilizando mão de obra escrava. Enquanto isso, o trabalhador libertado tende a retornar à sua cidade de origem, onde as condições que o levaram a migrar permanecem as mesmas. Diante dessa situação, o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador para além do âmbito da repressão do crime. Por isso, a erradicação do problema passa também pela adoção de políticas públicas de assistência à vítima e prevenção para reverter a situação de pobreza e de vulnerabilidade de comunidades.

Adaptado.SUZUKI, Natalia; CASTELI, Thiago. *Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil*. Disponível em:  
<<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/fundamental->

2/trabalho-escravo-e-ainda-uma-realidade-no-brasil/>. Acesso:  
19 mar. 2017.

(G1 - ifpe 2017) No que diz respeito à sintaxe de concordância e à de regência, assinale a opção CORRETA.

a) Em “Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador [...]” (9º parágrafo), o verbo sublinhado está corretamente flexionado em concordância ao sujeito posposto.

b) Em “[...] mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão[...]” (1º parágrafo), a locução verbal grifada foi pluralizada por concordar o termo “trabalhadores”, mas seria correto flexioná-la no singular em concordância com a expressão de quantidade “mais de”.

c) Em “No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens” (6º parágrafo), o verbo sublinhado foi pluralizado para concordar com o substantivo “pessoas”, mas estaria correto flexioná-lo no singular em concordância com a porcentagem.

d) Em “Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração [...]” (7º parágrafo), a regência do termo grifado também estaria correta se exercida pela preposição “com”.

e) Em “No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados [...]” (4º parágrafo), houve incorreção no uso da preposição. A fim de respeitar a regência verbal, nesse contexto, deveria ser realizada pela preposição “a”.

## Exercício 92

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões).

Acauã

Luiz Gonzaga

Acauã, acauã vive cantando  
Durante o tempo do verão  
No silêncio das tardes agourando  
Chamando a seca pro sertão  
Chamando a seca pro sertão  
Acauã,  
Acauã,  
Teu canto é penoso e faz medo  
Te cala acauã,  
Que é pra chuva voltar cedo  
Que é pra chuva voltar cedo  
Toda noite no sertão  
Canta o João Corta-pau  
A coruja, mãe da lua  
A peitica e o bacurau  
Na alegria do inverno  
Canta sapo, gia e rã  
Mas na tristeza da seca  
Só se ouve acauã

Só se ouve acauã  
Acauã, Acauã...

(G1 - ifpe 2016) Julgue as proposições, a seguir, quanto às relações sintático-semânticas estabelecidas tanto dentro de um mesmo período quanto entre os períodos constantes no texto.

- I. No trecho “Te cala acauã” (nono verso), deveria ser acrescentada uma vírgula antes de “acauã”, uma vez que essa palavra desempenha o papel de vocativo.
- II. No verso “A coruja, mãe da lua”, a vírgula foi utilizada, justamente, para isolar o aposto “mãe da lua”.
- III. Por se tratar de sujeito posposto, seria provocado um erro de concordância se, em “Canta o João Corta-pau / A coruja, mãe da lua / A peitica e o bacurau”, fosse pluralizado verbo.
- IV. Em “Na alegria do inverno / Canta sapo, gia e rã”, deveria ser acrescentada uma vírgula depois de “inverno” para isolar um adjunto adverbial.
- V. No verso “Mas na tristeza da seca”, a conjunção foi utilizada para estabelecer uma relação de concessão com os dois versos anteriores.

São verdadeiras as afirmativas

- a) II, IV e V.
- b) I, III e V.
- c) I, II e IV.
- d) II, III e IV.
- e) I, II, III, IV e V.

### Exercício 93

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### POR QUE TODO MUNDO NÃO FALA A MESMA LÍNGUA?

Porque as línguas foram surgindo nas várias regiões do mundo de forma independente. Algumas têm a mesma origem, como o hindu, o sueco, o inglês e o português. Elas vieram de uma grande língua comum, chamada proto-indo-europeu, que há milhares de anos era falada na Ásia.

Esse idioma deu origem a quase todas as línguas ocidentais e algumas orientais. “Supõe-se que o indo-europeu tenha sido uma língua só, que foi se diferenciando com o tempo”, explica o professor de linguística Paulo Chagas de Souza, da Universidade de São Paulo.

É que as línguas são vivas – elas se transformam com o uso. Mesmo as que vieram de uma raiz comum foram sendo modificadas pouco a pouco pela prática de cada grupo falante, que seleciona os termos adequados ao seu ambiente e à sua cultura. Os esquimós, por exemplo, criaram palavras capazes de descrever 40 tons de branco. Esses termos não fazem o menor sentido para um povo que mora no deserto, concorda?

O Império Romano teve uma forte função na difusão e na construção de muitas das línguas que são faladas hoje. Naquela época, na região de Roma, falava-se o latim, uma língua derivada do proto-indo-europeu que floresceu na região do Lácio.

À medida que o império avançava, conquistando novos territórios, esse idioma foi sendo imposto aos povos dominados, mas não sem sofrer influência das línguas locais, com mudanças de pronúncia e enxertos de palavras. Com o enfraquecimento do domínio dos césares, essas diferenças foram se intensificando e construindo dialetos, que se transformaram em idiomas próprios. Foi assim que surgiu o português, o italiano e o francês, por exemplo.

Hoje, são faladas 7.099 línguas ao redor do mundo, segundo o compêndio Ethnologue, um livro que cataloga os idiomas do nosso planeta desde 1950. Mas a gente não ouve a maioria delas: mais de 90% dessas línguas estão na boca de apenas 6% dos habitantes da Terra. O restante da população mundial usa menos de 400 idiomas.

OLIVEIRA, Fábio. *Por que todo mundo não fala a mesma língua?* Disponível em: <http://super.abril.com.br/sociedade/por-que-todo-mundo-nao-fala-a-mesma-lingua/amp/>>. Acesso em: 04 maio 2019.

(G1 - ifpe 2019) As afirmativas a seguir apresentam reflexões sobre a sintaxe de concordância da língua portuguesa. Analise-as e marque a única que faz uma avaliação CORRETA sobre a sintaxe de concordância do texto.

a) Em “Mas a gente não ouve a maioria delas” (7º parágrafo), o verbo foi registrado no singular para concordar com a expressão “a gente”, continuaria, portanto, conjugado na terceira pessoa do singular se o sujeito da frase fosse o pronome “nós”.

b) Em “Naquela época, na região de Roma, falava-se o latim” (4º parágrafo), o sujeito do verbo “falar” é indeterminado e o “-se” é índice de indeterminação, por isso o verbo foi corretamente conjugado na terceira pessoa do singular.

c) Em “esse idioma foi sendo imposto aos povos dominados” (5º parágrafo), a locução verbal também poderia estar no plural para concordar com o referente “povos dominados”.

d) Em “Foi assim que surgiu o português, o italiano e o francês, por exemplo” (6º parágrafo), houve um deslize na concordância, pois o sujeito da oração é composto (“o português, o italiano e o francês”), e o verbo, deveria, portanto, estar no plural para estabelecer concordância.

e) Em “há milhares de anos era falada na Ásia” (1º parágrafo), o verbo grifado está conjugado de forma adequada, pois o verbo “haver” indicando tempo passado é impessoal, não devendo ser pluralizado, portanto.

### Exercício 94

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto que segue é para a(s) questão(ões) a seguir.

Deda, meu amigo, estou aqui. Podes me ouvir? Já faz algum tempo que não conversamos. Poderíamos arrancar a malvada saudade de nosso peito, o que achas então? Teu rosto está envelhecido. Tua carne, envilecida. Teu corpo treme. Tuas débeis mãos fremem. O que terá acontecido contigo, meu velho? Ah, já não és mais bravo e guerreiro, moço e vigoroso: és, sim, pó espectral. Logo te ajuntarás ao barro da terra. Logo a terra abrirá a fecunda e profunda boa para te tragar. Oleiro. Logo, meu velho. Logo. Lembras-te que eras tão bom na pontaria, que não erravas uma formiga na mira da tua espingarda, que ficavas a escorar-te em qualquer pilastra por onde pousavas e passavas, em varandas de casebres e casas grandes? Lembras-te, meu velho, que eras tão bom na composição de versos, nos improvisos de belos repentres? Tuas pernas já não suportam o peso de teu corpo, mesmo que tu queiras: magro, seco feito imbaúba. Triste é sofrer. O tempo passou devagar, voraz, amigo. O tempo não espera que o acompanhem. Segue sozinho os caminhos da vida e vai a todos os lugares e direções: atalhos.

(LOURENÇO, Rosival. *Pelos engenhos*. Maceió: Edufal, 2011, p. 12)

(G1 - ifal 2018) Considerando as relações de coerência e coesão, bem como as relações sintáticas de concordância do português, assinale a alternativa que apresenta uma afirmação errada quanto ao trecho a que se refere.

a) “Já faz algum tempo que não conversamos” / se o sujeito do primeiro verbo fosse plural, a forma verbal deveria permanecer no singular, de acordo com o português culto.

b) “Tuas débeis mãos fremem” / as concordâncias nominal e verbal obedecem à norma padrão do português escrito.

c) “eras tão bom na composição de versos, nos improvisos de belos repentres” / os adjetivos concordam adequadamente com os nomes a que se ligam, observando-se o padrão da língua portuguesa.

d) “Segue sozinho os caminhos da vida e vai a todos os lugares e direções” / os dois verbos não estão adequados na sua flexão número-pessoal, pois deveriam flexionar-se na segunda pessoa do singular.

e) “Tuas pernas já não suportam o peso de teu corpo, mesmo que tu queiras” / no português padrão, o último verbo não deve ser flexionado na terceira pessoa do singular, embora isso seja aceito em situação de coloquialidade.

### Exercício 95

(G1 - ifsp 2017) Leia o trecho abaixo para responder à questão.

“Tu não percebes o drama dos meninos carvoeiros nas ruas do Recife, teu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-te.”

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e com a gramática normativa e tradicional, se o pronome **tu** do trecho

acima fosse substituído por **Vossa Senhoria**, ter-se-ia o disposto em uma das alternativas abaixo. Assinale-a.

a) Vossa Senhoria não percebe o drama dos meninos carvoeiros nas ruas do Recife, seu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-lhe.

b) Vossa Senhoria não percebe o drama dos meninos carvoeiros nas ruas do Recife, vosso pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-vos.

c) Vossa Senhoria não percebeis o drama dos meninos carvoeiros nas ruas do Recife, seu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-lhe.

d) Vossa Senhoria não percebeis o drama dos meninos carvoeiros nas ruas do Recife, vosso pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-vos.

e) Vossa Senhoria não percebe o drama dos meninos carvoeiros nas ruas do Recife, seu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-te.

### Exercício 96

(G1 - utfpr 2017) Assinale a alternativa que está inteiramente de acordo com a norma padrão.

a) Hoje já são vinte de novembro. Como o ano passou rápido!

b) "Vossas Excelências ireis renunciar?", perguntou com ingenuidade a jornalista.

c) Deixou-me em lágrimas quando afirmou: "entre eu e ti não pode haver compromissos!"

d) As aulas do período matutino encerram pontualmente ao meio dia e meio.

e) Quais de vocês vão conosco amanhã? E quem vai conosco mesmos no domingo?

### Exercício 97

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Em 2008, o Brasil celebra a memória de Joaquim Maria Machado de Assis, o *Bruxo do Cosme Velho*, que morreu há cem anos, no dia 29 de setembro, já reconhecido como o maior escritor brasileiro. Revisitar a obra de Machado pensada em seu conjunto é redescobrir um dos estilos mais originais e modernos da literatura universal.

Esse texto é o último capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, obra que inaugura uma segunda etapa da produção de Machado.

Capítulo CLX - DAS NEGATIVAS

[...]

<sup>1</sup>Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplastro, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas,

<sup>2</sup>coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do



meu rosto. Mais; não padeci a morte de dona Plácida, nem a semidemência de Quincas Borba. <sup>3</sup>Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve minguagem nem sobra, consequentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque <sup>4</sup>ao chegar a esse outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - <sup>9</sup>Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

(*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis)

(Ibmecrj 2009) Das alterações efetuadas em "... não houve minguagem nem sobra...", assinale a única que transgredir a regra de concordância verbal.

- a) Pode existir muitas sobras.
- b) Não de existir muitas sobras.
- c) Pode haver muitas sobras.
- d) Há de haver muitas sobras.
- e) Devem existir muitas sobras.

#### Exercício 98

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
QUEM É O CRIMINOSO?

"Outro dia, durante uma conversa despretensiosa, um dos líderes da Central Única de Favela (Cufa), entidade surgida no Rio de Janeiro para representar os favelados do país, descrevia uma cena que presenciou durante anos a fio em sua vida: 'É o bacana da Zona Sul estacionar seu Mitsubishi no pé do morro e comprar cocaína de um garotinho de 12 anos'. Em seguida, fez uma pergunta perturbadora: 'Quem é o criminoso? O bacana da Zona Sul ou o garoto de 12 anos?'. E deu a resposta: 'Para vocês, o garoto de 12 anos tem de ser preso porque ele é um traficante de drogas. Para nós, tem de prender o bacana da Zona Sul porque ele está aliciando menores para o crime'. Não resta dúvida de que a situação retrata um dilema poderoso: de um lado, tem-se uma vítima do vício induzida ao crime de comprar drogas e, de outro, tem-se uma vítima da pobreza e da desigualdade <sup>5</sup>induzida ao crime de vendê-las. Na cegueira legal em que vivemos, a solução é simples: prendem-se vendedor e comprador.

(...)

Começa agora a surgir uma alternativa mais realista com a intenção do governo federal de implantar a chamada <sup>1</sup>'política de redução de danos'. Ou seja: em vez de punir os <sup>3</sup>usuários, tratando-os como criminosos, passa-se a encará-los como doentes e atendê-los de modo a reduzir os riscos a que estão <sup>4</sup>expostos - como a overdose, aids, hepatite e outras doenças. É mais realista porque <sup>6</sup>a repressão do uso de drogas é uma política bem-intencionada, na qual se pretende a purificação pela via da punição, mas que tem se mostrado sistematicamente falha. A ideia brasileira - já em uso em outros países, e não apenas na

Holanda - é um pedaço de bom senso e humildade. <sup>2</sup>Encarar um viciado como doente é um enfoque justo e generoso."

André Petry. Revista *VEJA*, 24 de novembro de 2004, p. 50.

(G1 - cftce 2007) Independente do contexto, o número de palavras que podem ir para o plural, no 1<sup>o</sup>. período do 2<sup>o</sup>. parágrafo do texto, é:

- a) 14
- b) 15
- c) 10
- d) 12
- e) 16

#### Exercício 99

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O Salman Rushdie era para ser a estrela da terceira Festa Literária Internacional de Parati e foi. Só <sup>5</sup>se decepcionou quem esperava que ele <sup>6</sup>se comportasse como estrela. É um homem <sup>1</sup>..... e afável, e <sup>7</sup>sua participação foi um dos pontos altos de um acontecimento que <sup>10</sup>de tantos pontos altos pareceu uma cordilheira. A começar pelo <sup>15</sup>começo, uma bela homenagem a Clarice Lispector, <sup>11</sup>seguida de um <sup>18</sup>magnífico <sup>13</sup>show de Paulinho da Viola que acabou com todo <sup>2</sup>..... sambando <sup>30</sup>- <sup>24</sup>até, <sup>25</sup>não duvido, o Salman Rushdie.

Outro <sup>34</sup>pico do evento foi a palestra do Ariano Suassuna, cujo tema era para ser "Brasil, arquipélago de culturas", mas no fim foi o espetáculo de Ariano Suassuna sendo <sup>16</sup>Ariano Suassuna, outro show inesquecível. Das outras mesas (que eu vi, esqueci a <sup>26</sup>ubiquidade em casa e não pude <sup>27</sup>ir a tudo), destaque para o israelense David Grossman e o sri-landês, <sup>28</sup>se é assim que se diz, Michael Ondaatje falando sobre <sup>39</sup>suas obras, a <sup>20</sup>crítica argentina Beatriz Sarlo e o Roberto Schwartz - na mesa em que foi servida a <sup>35</sup>iguaria intelectual mais fina da festa - , João Soares e Isabel Lustosa falando de humor com muito humor, o "rapper" e sociólogo <sup>36</sup>espontâneo MV Bill, com Luiz Eduardo Soares e <sup>31</sup>Arnaldo Jabor, no que foi certamente a <sup>3</sup>..... mais <sup>17</sup>emocional e emocionante de <sup>32</sup>todas, e o americano John Lee Anderson e o <sup>22</sup>português Pedro Rosa Mendes <sup>12</sup>falando de suas <sup>21</sup>experiências como repórteres de guerra no Iraque e em Angola, <sup>29</sup>respectivamente.

Eu falei para um grande grupo de crianças na Flipinha, um programa paralelo dirigido a escolares da região, e uma das perguntas que <sup>40</sup>vieram da plateia foi: "O senhor sabe ler?" Pergunta <sup>19</sup>básica e perfeita e mais importante do que imaginava a pequena autora. Ela <sup>4</sup>checava as minhas credenciais para ser escritor e estar ali mandando todos <sup>41</sup>lerem. Saber ler não significa apenas ser <sup>37</sup>alfabetizado ou interpretar um texto como faz o Salman Rushdie, que lê como o ator frustrado que

<sup>8</sup>confessou ser. Também significa saber ler a realidade à <sup>9</sup>sua volta, como fazem David Grossman, que vive em Jerusalém e tenta se manter racional e humano em meio <sup>42</sup>aos ódios dos dois lados, <sup>33</sup>ou MV Bill, que nasceu na Cidade de Deus e sobreviveu e hoje faz a leitura mais certa do que é ser negro e pobre no Brasil. E aprender a ler também significa descobrir escritores, como se faz na Flip. <sup>23</sup>Saí de Parati <sup>38</sup>decidido a ler <sup>14</sup>tudo que encontrar do Grossman e da Beatriz Sarlo, por exemplo. Poderia ter respondido à menina que não, ainda não sabia ler como deveria, mas que chegaria lá.

Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *Zero Hora*, 14 jul. 2005, p. 3.

12. (Ufrgs 2006) Considere os seguintes segmentos do texto.

- 1 - SE DECEPCIONOU (ref. 5)
- 2 - SE COMPORTASSE (ref. 6)
- 3 - SUA PARTICIPAÇÃO (ref. 7)
- 4 - CONFESSOU (ref. 8)
- 5 - SUA VOLTA (ref. 9)

Quais deles se referem a Salman Rushdie?

- a) Apenas 1, 2 e 4.
- b) Apenas 1, 3 e 5.
- c) Apenas 2, 3 e 4.
- d) Apenas 2, 3 e 5.
- e) Apenas 3, 4 e 5.

### Exercício 100

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

"Malditos românticos, que têm crismado tudo e trocado em seu crismar os nomes que melhor exprimem as ideias!... O que outrora as chamava em bom português, moça feia, os reformadores dizem menina simpática!... O que numa moça era antigamente, desenxabimento, hoje é ao contrário: sublime languidez!... Já não há mais meninas importunas e vaidosas... As que o foram chamam-se agora espirituosas!... A escola dos românticos reformou tudo isso, em consideração ao belo sexo."

(MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. São Paulo: FTD, 1991. p.31.)

(Uel 2005) Sobre o uso do acento circunflexo em "têm" na primeira frase do texto, é correto afirmar:

- a) O verbo está acentuado dessa forma porque está no plural, concordando com "românticos".
- b) O verbo aparece dessa forma porque é auxiliar, acompanhando o verbo "crismar".

c) O acento obedece à mesma norma de acentuação que determina a acentuação no verbo "ver", na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

d) O acento decorre da mesma regra que determina a acentuação em "românticos": a nasalização da sílaba.

e) O acento justifica-se por ser um dos casos especiais em que o verbo é precedido pelo pronome relativo "que".

### Exercício 101

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Cadê o papel-carbono?

<sup>1</sup>Outro dia tive saudade do papel carbono. E tive saudade também do mimeógrafo a álcool. E tive saudade da velha máquina de escrever. E tive saudade de quando, no dizer de <sup>2</sup>Rubem Braga, a geladeira era branca e o telefone era preto. Os mais jovens não sabem nem o que é papel carbono ou mimeógrafo a álcool. Mas tive saudade deles, ou melhor, de um tempo em que eu não dependia eletronicamente de outros para fazer as mínimas tarefas. Uma torneira, por exemplo, era algo simples. Eu sabia abrir uma torneira e fazê-la jorrar água. <sup>3</sup>Hoje tomar um banho é uma peripécia tecnológica. <sup>4</sup>Hoje até para tomar um elevador tenho que inserir um cartão eletrônico para ele se mover. Claro que tem o Google, essa enciclopédia no computador que facilita as pesquisas <sup>5</sup>(para quem não precisa ir fundo nos assuntos), mas muita coisa me intriga: por que cada aparelho de televisão de cada casa, de cada hotel tem um controle remoto diferente e <sup>6</sup>a gente não consegue usá-los sem pedir socorro a alguém? <sup>7</sup>Olha, tanta tecnologia!... Mas além de <sup>8</sup>não terem descoberto como curar uma simples gripe, <sup>9</sup>os elevadores dos hotéis ainda não chegaram a uma conclusão de como assinalar no mostrador que letra deve indicar a portaria. <sup>10</sup>Será necessária uma medida provisória do presidente para uniformizar tal diversidade analfabética. <sup>11</sup>Outro dia, li que houve uma reunião em Baku, lá no Azerbaijão, congregando cérebros notáveis para deciframos nosso presente e nosso futuro. Pois Jean Baudrillard <sup>12</sup>andou dizendo, com aquela facilidade que os franceses têm para fazer frases que parecem filosóficas, que o que caracteriza essa época que está vindo por aí é que o homem, leia-se corretamente homens e mulheres, ou seja, <sup>13</sup>o ser humano, foi descartado pela máquina. <sup>14</sup>(Isso a gente já sabe quando tenta ligar para uma firma qualquer e uma voz eletrônica fica mandando a gente discar isto e aquilo e volta tudo a zero e não obtemos a informação necessária.) <sup>15</sup>Deste modo estão se cumprindo dois vaticínios. O primeiro era de um vate mesmo – <sup>16</sup>Vinícius de Moraes, que naquele poema “Dia da Criação”, fazendo considerações irônicas sobre o dia de “sábado” e os desígnios divinos, diz: “Na verdade, o homem não era necessário”. É isto, já não somos necessários. E a outra frase metida nessa encenra é aquela da Bíblia, que dizia que o “sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”. Isso foi antigamente. Pois achávamos que a máquina havia sido feita para o homem, mas Baudrillard, as companhias aéreas e as telefônicas mais os servidores de informática nos



convenceram de que <sup>17</sup>“o homem é que foi feito para a máquina”.

<sup>18</sup>Ao telefone só se fala com máquinas, e algumas empresas – esses servidores de informática – nem seus telefones

disponibilizam. <sup>19</sup>Estou, por exemplo, há quatro meses tentando falar com alguém no “hotmail” <sup>20</sup>e lá não tem viv’alma, só fantasmas eletrônicos sem rosto e sem voz.

<sup>21</sup>Permita-me, <sup>22</sup>eventual e concreto leitor, lhe fazer uma pergunta indiscreta. Quanto tempo diariamente você está gastando com e-mails? Quanto tempo para apagar o lixo e responder bobagens? Faça a conta, some.

<sup>23</sup>Drummond certa vez escreveu: “Ao telefone perdeste muito tempo de semear”. Ele é porque não conheceu a internet, que, tanto quanto o celular, usada desregradadamente é a grande sorvedora de tempo da pós-modernidade.

Por estas e por outras é que estou pensando seriamente em voltar às cartas, quem sabe ao pergaminho. E a primeira medida é reencontrar o papel carbono.

– <sup>24</sup>Cadê meu papel carbono?

(SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Tempo de delicadeza*. Porto Alegre: L&PM, 2009

(G1 - epcar (Cpcar) 2020) Assinale a alternativa em que a alteração proposta para o termo em destaque está de acordo com a norma padrão da Língua.

a) “Estou (...) **há** quatro meses tentando falar com alguém no ‘hotmail’...” (ref. 19) - Estou têm quatro meses tentando falar com alguém no hotmail...

b) “Permita-**me**, eventual e concreto leitor...” (ref. 21) – Me permita, eventual e concreto leitor...

c) “...a gente não consegue usá-**los** sem pedir socorro a alguém?” (ref. 6) - A gente não os consegue usar sem pedir socorro a alguém?

d) “Será **necessária** uma medida provisória do presidente...” (ref. 10) - Do presidente, será necessário uma medida provisória.

### Exercício 102

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada

Carolina Maria de Jesus

**17 DE MAIO** Levantei nervosa. Com vontade de morrer. <sup>1</sup>Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? <sup>2</sup>Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? <sup>3</sup>Eu estava <sup>4</sup>discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo...

... <sup>5</sup>Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: é assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam para os corvos e os infelizes favelados.

<sup>6</sup>Não houve briga. <sup>7</sup>Eu até estou achando <sup>8</sup>isso aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas: – Hum! Tá gostosa!

A Dona Alice deu-me uma para experimentar. <sup>9</sup>Mas a lata está estufada. Já está podre.

Trecho disponível em: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo* – diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2001.

(G1 - ifce 2020) Considerando a norma culta da língua portuguesa, observa-se um desvio quanto à flexão verbal em

a) “Vejo as crianças abrir as latas e exclamar satisfeitas.”

b) “A Dona Alice deu-me uma para experimentar.”

c) “O motorista e o seu ajudante jogam umas latas.”

d) “É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis.”

e) “Mas a lata está estufada.”

### Exercício 103

#### VAGABUNDO

**Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,  
Fumando meu cigarro vaporoso;  
Nas noites de verão namoro estrelas;  
Sou pobre, sou mendigo e sou 1ditoso!**

**Ando roto, sem bolsos nem dinheiro  
Mas tenho na viola uma riqueza:  
Canto à lua de noite serenatas,  
E quem vive de amor não tem pobreza.  
(...)**

**Oito dias lá vão que ando cismado  
Na donzela que ali defronte mora.  
Ela ao ver-me sorri tão docemente!  
Desconfio que a moça me namora!...**

**Tenho por meu palácio as longas ruas;  
Passeio a gosto e durmo sem temores;  
Quando bebo, sou rei como um poeta,  
E o vinho faz sonhar com os amores.**

**O degrau das igrejas é meu trono,  
Minha pátria é o vento que respiro,  
Minha mãe é a lua macilenta,  
E a preguiça a mulher por quem suspiro.**

**Escrevo na parede as minhas rimas,  
De painéis a carvão adorno a rua;  
Como as aves do céu e as flores puras  
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.  
(...)**

**Ora, se por aí alguma bela**

**Bem doirada e amante da preguiça**  
**Quiser a 2nívea mão unir à minha,**  
**Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.**

**Álvares de Azevedo**

**Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.**

**1ditoso – feliz**

**2nívea – branca**

**(Uerj 2016) Oito dias lá vão que ando cismado (v. 9)**

**Justifique a flexão do verbo na terceira pessoa do plural. Em seguida, reescreva o verso, de acordo com a norma-padrão, substituindo o verbo “ir” pelo verbo “fazer”.**

#### **Exercício 104**

Geração Z mudará o mundo

1Acabou o egoísmo, o narcisismo selfie, a obsessão pelo consumo e a passividade que isso acarreta. Há uma 2geração que quer salvar o mundo, mas ainda não sabe como. Nasceu ou cresceu em plena recessão, em um mundo fustigado pelo terrorismo, índices de desemprego galopantes e uma sensação apocalíptica provocada pelas mudanças climáticas. 3São mais realistas que seus irmãos mais velhos, indicam todas as consultorias de marketing (sempre preocupadas com seus futuros consumidores). São a geração Z, o grupo demográfico nascido entre 1994 e 2010, que representa 25,9% da população mundial. Os especialistas já analisam todos os traços de sua personalidade.

Deixando de lado os riscos e a evidente frivolidade de atribuir uma letra e um só rosto a um espectro de dois bilhões de pessoas, há alguns elementos que podem ser extraídos das múltiplas pesquisas. Especialmente em contraposição a seus predecessores, os chamados millennials (ou Geração Y), que as marcas ainda vivem obcecadas em decifrar. Fundamentalmente porque são um grupo de 80 milhões de pessoas nos EUA e pouco mais de oito milhões na Espanha, que em 2025 representará – de acordo com prognóstico da consultoria Deloitte – 75% da força de trabalho do mundo. O potencial produtivo e de consumo dos millennials já é algo tangível (somente nos EUA têm uma capacidade de compra equivalente a 112 bilhões de reais). 4Para as empresas, no entanto, a aventura com seus irmãos mais novos consiste agora em decodificá-los no laboratório.

5A teoria do consumo diz que o segmento populacional dos 18 aos 24 anos é o mais influente. As gerações anteriores e as posteriores sempre querem se parecer com ele. É a referência estética. Os Z – assim chamados por virem depois das gerações X e Y – começam a posicionar-se no topo dessa pirâmide de influência, e em cinco anos a terão dominado.

Essa geração 6já não se conforma em ser sujeito passivo de marcas e publicações, deseja produzir seus conteúdos. E consegue através do YouTube, onde as novas celebridades surgidas nessa mídia já 7são mais populares do que as da indústria do entretenimento tradicional (63% contra 37% segundo o Cassandra Report, um dos relatórios mais

utilizados pelas grandes empresas para sondar os gostos da juventude). Ou 8por meio de aplicativos como o Vine (para vídeos em loop) e 9plataformas on-line como o Playbuzz, a guinada do popular site de histórias virais Buzzfeed, onde agora os conteúdos são postados pelos usuários, que já somam 80 milhões por mês, segundo o Google Analytics.

O tempo livre está cada vez mais direcionado para as vocações profissionais (blogs, desenho de moda, fotografia...) e as comunidades se formam em torno disso. 10A escritora Luna Miguel destaca esse modo de trabalhar em rede, apesar de alertar para o fato de ser cedo para analisar uma geração que ainda compartilha muitos códigos com a anterior. “São figuras importantes, mas ajudam os demais e criam comunidade. A solidariedade será um valor importante. 11Não querem mais ser o artista jovem e incomum. Até os ‘nativos da Internet’ soam como algo velho, é uma questão quase genética. Um exemplo seria Tavi Gevinson, que desde os 13 anos tem um dos blogs mais importantes do mundo”, afirma, referindo-se à multifacetada e influente blogueira e editora norte-americana, nascida em 1996, um dos ícones da geração Z.

A tendência também se estende à educação e aos novos canais de acesso. Para Anne Boysen, consultora em estratégia e especialista em questões geracionais da empresa After the Millennials, grande parte da aprendizagem se dá fora da sala de aula. “Essa geração usa o YouTube de forma periódica para sua lição de casa, o que indica que quer um maior grau de personalização na educação. 12Se não gostam do enfoque de seu professor, ou não o entendem, buscarão alguém online que o explique melhor”, afirma. O mundo, tal qual deixaram seus antecessores, não lhes parece um lugar habitável.

VERDÚ, Daniel. Disponível em:

<[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/02/sociedad/1430576024\\_684](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/02/sociedad/1430576024_684)  
[Adaptado].

(Ufsc 2017) De acordo com o texto, é correto afirmar que:

01) as formas verbais sublinhadas em “São mais realistas” (referência 3) e “Se não gostam do enfoque” (referência 12) estão no plural em concordância com a noção de conjunto de pessoas expressa pela palavra “geração” (referência 2).

02) as construções “São mais realistas que seus irmãos mais velhos” (referência 3) e “são mais populares do que as da indústria do entretenimento tradicional” (referência 7) expressam a ideia de comparação de superioridade sem desvio da variedade padrão escrita da língua portuguesa.

04) em “Essa geração já não se conforma em ser sujeito passivo” (referência 6) e “Não querem mais ser o artista jovem e incomum” (referência 11), os termos sublinhados indicam que as situações expressas em cada frase não ocorriam no passado e continuam a não ocorrer no presente.

08) em “por meio de aplicativos como o Vine” (referência 8) e “plataformas on-line como o Playbuzz” (referência 9), o vocábulo sublinhado nas duas ocorrências introduz uma exemplificação.

16) em “A escritora Luna Miguel destaca esse modo de trabalhar em rede, apesar de alertar para o fato de ser cedo” (referência 10), o segmento sublinhado pode ser substituído por “embora alerta”, sem prejuízo de sentido e sem desvio da variedade padrão escrita da língua portuguesa.

32) em “Se não gostam do enfoque de seu professor, ou não o entendem, buscarão alguém on-line” (referência 12), a substituição das duas formas verbais sublinhadas por “gostarem” e “entenderem”, respectivamente, resulta em uma correlação entre tempos e modos verbais, no período, que está de acordo com a variedade padrão escrita da língua portuguesa.

### Exercício 105

Leia o trecho do livro *Em casa*, de Bill Bryson, para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos. O açúcar e outros ingredientes caros muitas vezes eram aumentados com gesso, areia e poeira. A manteiga tinha o volume aumentado com sebo e banha. Quem tomasse chá, segundo autoridades da época, poderia ingerir, sem querer, uma série de coisas, desde serragem até esterco de carneiro pulverizado. Um carregamento inspecionado, relata Judith Flanders, demonstrou conter apenas a metade de chá; o resto era composto de areia e sujeira. Acrescentava-se ácido sulfúrico ao vinagre para dar mais acidez; giz ao leite; 1terebintina ao gim. O arsenito de cobre era usado para tornar os vegetais mais verdes, ou para fazer a geleia brilhar. O cromato de chumbo dava um brilho dourado aos pães e também à mostarda. O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante, e o chumbo avermelhado deixava o queijo Gloucester, se não mais seguro para comer, mais belo para olhar.

Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo. Até as cerejas, como relata Tobias Smollett, ganhavam novo brilho depois de roladas, delicadamente, na boca do vendedor antes de serem colocadas em exposição. Quantas damas inocentes, perguntava ele, tinham saboreado um prato de deliciosas cerejas que haviam sido “umedecidas e roladas entre os maxilares imundos e, talvez, ulcerados de um mascate de Saint Giles”?

O pão era particularmente atingido. Em seu romance de 1771, *The expedition of Humphry Clinker*, Smollett definiu o pão de

Londres como um composto tóxico de “giz, 2alume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição”; mas acusações assim já eram comuns na época. A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro chamado *Poison detected: or frightful truths*, escrito anonimamente em 1757, que revelou segundo “uma autoridade altamente confiável” que “sacos de ossos velhos são usados por alguns padeiros, não infrequentemente”, e que “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos”.

(*Em casa*, 2011. Adaptado.)

1terebintina: resina extraída de uma planta e usada na fabricação de vernizes, diluição de tintas etc.

2alume: designação dos sulfatos duplos de alumínio e metais alcalinos, com propriedades adstringentes, usado na fabricação de corantes, papel, porcelana, na purificação de água, na clarificação de açúcar etc.

(Unesp 2018) “O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante” (1º parágrafo)

Preservando-se a correção gramatical e o seu sentido original, essa oração pode ser reescrita na forma:

- a) Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante.
- b) Adiciona-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçantes.
- c) Eram adicionadas às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- d) Adicionam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- e) Adicionavam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.

## GABARITO

### Exercício 1

- a) obrigadas – vergonhosos – necessário

### Exercício 2

- a) Concordância nominal, pois o numeral deveria concordar em gênero com o substantivo.

### Exercício 3

- a) É proibida entrada em bueiros.

### Exercício 4

- a) II, I, III, IV.

### Exercício 5

- c) “Assim / Que o dia amanheceu / Lá no mar alto da paixão, / Dava prá ver o tempo ruir / Cadê você? / Que solidão! / Esquecera de mim? / Enfim, / De tudo o que / Há na terra / Não há nada em lugar / Nenhum / Que vá crescer / Sem você chegar / Longe de ti / Tudo parou / Ninguém sabe / O que eu sofri...”

### Exercício 6

- c) Algumas pessoas ficaram todo felizes quando acertaram muitas questões na prova de seleção.

### Exercício 7

- e) Todos devem ficar alerta para a questão do desmatamento.

### Exercício 8

e) Na estrutura linguística “a cara do carvoeiro manchada de negro nas bochechas” (referência 3), no que se refere à concordância nominal, há um desvio às normas exigidas pela gramática normativa.

#### Exercício 9

e) concorda com todos os termos a que se refere, prevalecendo o masculino plural.

#### Exercício 10

04) O texto sugere a inconstância dos amores de Leonardo apresentada ao longo do romance: o rapaz, que antes sofria por amor a Luisinha, apaixona-se por Vidinha logo após conhecê-la. Pouco depois, tem um relacionamento com a amante do Toma-largura. Por fim, casa-se com Luisinha.

08) Caso a oração reduzida de infinitivo “a de lhe sobrevir sempre uma contrariedade em casos semelhantes” (ref. 1) fosse reescrita como uma oração desenvolvida, teríamos “a de que lhe sobrevinha sempre uma contrariedade em casos semelhantes”.

#### Exercício 11

a) concordância nominal, já que o adjetivo “claro” deveria estar no feminino para concordar com o substantivo “necessidade”.

#### Exercício 12

e) II e III

#### Exercício 13

b) Eu estou meia cansada.

#### Exercício 14

a) Em casos de dependência em internet, a avaliação psicológica é necessária.

#### Exercício 15

e) É proibido a entrada de pessoas estranhas.

#### Exercício 16

a) As hortaliças estão meio amareladas, mas temos de consumi-las.

#### Exercício 17

c) I, III e IV.

#### Exercício 18

d) 4 – 2 – 5 – 1 – 3

#### Exercício 19

d) Gurizada, já terminaram a prova?

#### Exercício 20

a) Em “Viagens ao fim do mundo, criaturas fantásticas e batalhas épicas entre o bem e o mal – o que mais um leitor poderia querer de um livro? O livro que tem tudo isso é [...]” (1º

parágrafo), o pronome destacado tem a função de retomar o trecho sublinhado.

#### Exercício 21

d) Na frase “Estima-se que, em Portugal, cerca de dois terços dos cães tenham sido infectados com o parasita denominado *Leishmania infantum* nos últimos anos, embora muitos deles não manifestem a doença”, os verbos “tenham” e “manifestem” concordam com os respectivos sujeitos na terceira pessoa do plural.

#### Exercício 22

e) Apenas as afirmativas III e IV estão de acordo com a norma culta.

#### Exercício 23

a) Fui eu que pagou a conta.

#### Exercício 24

c) O engenheiro ou arquiteto visitará o loteamento amanhã.

#### Exercício 25

b) Listam-se, em anexo, todas as disciplinas do segundo semestre, entre as quais encaixam-se, no meu plano de formação, as duas primeiras.

#### Exercício 26

b) é admissível a concordância no singular, porque o substantivo que especifica o número está no singular.

#### Exercício 27

b) Nas escolas, assiste-se a mudanças no que diz respeito ao prazer de pensar a partir da experiência da linguagem.

#### Exercício 28

e) Acredito que, quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar dos cidadãos, mesmo que não haja bastantes recursos para isso.

#### Exercício 29

b) Se vocês virem todos os detalhes do projeto com mais atenção, hão de concluir que ele não será ecologicamente sustentável, nem será tampouco viável economicamente.

#### Exercício 30

e) Os Estados Unidos ainda são uma nação poderosa.

#### Exercício 31

e) Não poderia haver dúvidas quanto a sua inocência.

#### Exercício 32

d) II, I, III, IV.

### Exercício 33

b) Se substituíssemos *a promessa* (ref. 7) por *as promessas*, o verbo *haver* precisaria continuar no singular: *Havia sempre promessas*.

### Exercício 34

e) Se houvesse interessados, ele venderia o barco.

### Exercício 35

c) F - V - F - V - F.

### Exercício 36

c) 47% diz ter posição política de direita."

### Exercício 37

b) Das vestibulandas estudadas, 90% tem estresse.

### Exercício 38

a) 70% da nossa população

### Exercício 39

b) "Dos dois mil eleitores de todo o país consultados pelo Ibope entre 6 e 10 de agosto, 22% disseram que costumam assistir ao programa até o fim e 30 %, algumas partes. Mas 33% desligam a TV e 9% mudam para o canal a cabo ou para o vídeo. Os maiores índices dos que assistem a todo o programa estão entre os de menor grau de instrução..."  
A GAZETA - 16/7/98

### Exercício 40

d) Se não existissem motoristas irresponsáveis, deveriam haver menos acidentes fatais.

### Exercício 41

d) Há de se fazer muitas alterações.

### Exercício 42

d) \_\_\_\_\_ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

### Exercício 43

d) Deve existir pelo menos mais três documentos guardados.

### Exercício 44

d) O verbo ser (referência 18) deveria ter sido flexionado no plural para concordar com o sujeito composto.

### Exercício 45

d) Tudo é leituras, para quaisquer tipos de textos.

### Exercício 46

a) Continuam bem comportadas as expectativas de inflação para 2007 e as taxas de juro./ Saem-se bem no Brasil os bancos e as instituições financeiras.

### Exercício 47

b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

### Exercício 48

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma "Vendem-se" porque "se" é partícula apassivadora, e "lojas" é o sujeito paciente.

### Exercício 49

c) Pontuação;

### Exercício 50

b) No trecho “metade das mais de 6 mil línguas faladas no mundo desaparecerá”, o verbo “desaparecer” poderia ir para o plural, concordando com “6 mil línguas faladas”.

### Exercício 51

d) Será fundamental quando pensarmos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.

### Exercício 52

d) Em “Há silêncios libertadores” (ref. 6), o verbo haver está no singular porque é impessoal, e a oração não tem sujeito.

### Exercício 53

c) III e IV.

### Exercício 54

a) Se os PCNs FOREM aplicados, as escolas tenderão a se tornarem melhores. / Se os PCNs "FOREM pro brejo", a expectativa é que não haverá mudanças.

### Exercício 55

c) Os servidores da prefeitura municipal de Curitiba só aprovam o acordo se o prefeito retirar a proposta de reforma administrativa, suspender os vetos à lei de implantação da carreira e repor as perdas salariais de 2018.

### Exercício 56

a) o primeiro apresenta um desvio da norma culta, pois utiliza a terceira pessoa nos verbos “visualize” e “responda”, mas utiliza o pronome da segunda pessoa, “te”, sendo, contudo, adequado ao ambiente informal.

#### Exercício 57

a) era – lembrava

#### Exercício 58

d) “[...] aquele temor que lhe está roubando o sossego talvez não seja fácil.” (3º parágrafo)

#### Exercício 59

b) Para o casamento, chamaremos o juiz que sempre media as cerimônias da família.

#### Exercício 60

d) fizessem – se mantiver – souber

#### Exercício 61

e) No trecho: “‘Ao aprender chinês, Zuckerberg demonstrou que [...]’, diz Ofer Shoshan”, a forma verbal destacada, embora esteja no presente, indica uma ação do passado.

#### Exercício 62

c) No trecho: “Como é que se vai fazer?” (ref. 4), percebe-se o emprego de dois verbos (sublinhados) para indicar um tempo situado em momento futuro.

#### Exercício 63

a) I, II e III.

#### Exercício 64

b) *remedia* em vez de remedeia.

#### Exercício 65

c) Quando a **vir**, dê o seguinte recado a ela: seu marido **creu** que se **detivesse** o animal, este não **quereria** mais ficar com a família.

#### Exercício 66

c) comeceis

#### Exercício 67

b) Morra e transforme-se!

#### Exercício 68

b) morrer.

#### Exercício 69

c) Corrigiu-se o decreto.

#### Exercício 70

d) [...] engelhou-se tal como uma vela para a qual faltasse o vento. (7.º parágrafo)

#### Exercício 71

b) abundante, havendo as formas “comprazera-me e comprou-me”.

#### Exercício 72

b) ... a agressão física, em vez de fazer as crianças PENSAREM no que FIZERAM, DESPERTA-LHES a raiva contra aquele que AS AGREDIU.

#### Exercício 73

b) O que aconteceu de importante na viagem foram os desafios.

#### Exercício 74

e) IV e V.

#### Exercício 75

a) Os responsáveis SOMOS nós. Nós SOMOS a equipe de futebol da escola.  
b) Agora SÃO seis horas da manhã.  
c) Hoje É dia 24 de agosto.

#### Exercício 76

a) F- F- V- V- V- F

#### Exercício 77

e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

#### Exercício 78

d) A expressão grifada aparece flexionada em gênero e número, pois concorda com o sujeito posposto “a participação atuante”.

#### Exercício 79

b) Os anúncios publicados no Estado de São Paulo, em junho de 1914, contêm expressões de uso bastante comum até 2006, quando foram proibidas por viés discriminatório.

#### Exercício 80

b) Para o trecho: “A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos” (4º parágrafo), a regência verbal também estaria correta na seguinte construção: “De quem fora esse animal, nós não sabíamos”.

#### Exercício 81

a) I e II apenas.

#### Exercício 82

c) Qual de nós estaremos na competição?

#### Exercício 83

d) "(...) pros ricos ficar tudo pobre?" (ref. 4).

#### Exercício 84

e) A ação social, um dos temas mais discutidos atualmente, faz os interessados repensarem a política fiscal.

#### Exercício 85

b) Entre todas as obras expostas, impressionou-nos mais a que vocês trouxeram.

#### Exercício 86

a) Em "Não te disse que trouxesse (...)?", é possível perceber o coloquialismo no uso concomitante de 2ª e 3ª pessoas gramaticais.

#### Exercício 87

e) No trecho "dentro de uma determinada sociedade e de um contexto específicos, permeados por tensões sociais" (ref. 1 – primeiro parágrafo), o adjetivo sublinhado vai para o masculino plural, concordando com os núcleos nominais "sociedade" e "contexto".

#### Exercício 88

e) II, III e IV.

#### Exercício 89

c) A concordância do verbo "viver", nesse trecho, está correta, o que se pode justificar com o seguinte exemplo: "Somente 1% dos objetos roubados foi recuperado."

#### Exercício 90

01) no trecho I, a forma verbal "Acabou" poderia ser substituída por "Acabaram", em concordância com o sujeito posposto que está no plural.

16) no trecho IV, a expressão "no entanto" introduz uma ideia de contraste, podendo ser substituída por "entretanto", sem prejuízo de sentido à frase.

#### Exercício 91

a) Em "Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador [...]" (9º parágrafo), o verbo sublinhado está corretamente flexionado em concordância ao sujeito posposto.

#### Exercício 92

c) I, II e IV.

#### Exercício 93

e) Em "há milhares de anos era falada na Ásia" (1º parágrafo), o verbo grifado está conjugado de forma adequada, pois o verbo "haver" indicando tempo passado é impessoal, não devendo ser pluralizado, portanto.

#### Exercício 94

d) "Segue sozinho os caminhos da vida e vai a todos os lugares e direções" / os dois verbos não estão adequados na sua flexão número-pessoal, pois deveriam flexionar-se na segunda pessoa do singular.

#### Exercício 95

a) Vossa Senhoria não percebe o drama dos meninos carvoeiros nas ruas do Recife, seu pensamento voa em outra direção, por isso não vou escrever-lhe.

#### Exercício 96

a) Hoje já são vinte de novembro. Como o ano passou rápido!

#### Exercício 97

a) Pode existir muitas sobras.

#### Exercício 98

b) 15

#### Exercício 99

c) Apenas 2, 3 e 4.

#### Exercício 100

a) O verbo está acentuado dessa forma porque está no plural, concordando com "românticos".

#### Exercício 101

c) "...a gente não consegue usá-los sem pedir socorro a alguém?" (ref. 6) - A gente não os consegue usar sem pedir socorro a alguém?

#### Exercício 102

a) "Vejo as crianças abrir as latas e exclamar satisfeitas."

#### Exercício 103

**Justificativa: a forma verbal "vão" concorda com o sujeito "oito dias".**

**Reescritura: Oito dias lá faz que ando cismado. O verbo fazer quando se refere a tempo é impessoal, portanto, deve ser usado sempre no singular.**

#### Exercício 104

01) as formas verbais sublinhadas em "São mais realistas" (referência 3) e "Se não gostam do enfoque" (referência 12) estão no plural em concordância com a noção de conjunto de pessoas expressa pela palavra "geração" (referência 2).

02) as construções “São mais realistas que seus irmãos mais velhos” (referência 3) e “são mais populares do que as da indústria do entretenimento tradicional” (referência 7) expressam a ideia de comparação de superioridade sem desvio da variedade padrão escrita da língua portuguesa.

08) em “por meio de aplicativos como o Vine” (referência 8) e “plataformas on-line como o Playbuzz” (referência 9), o vocábulo sublinhado nas duas ocorrências introduz uma exemplificação.

32) em “Se não gostam do enfoque de seu professor, ou não o entendem, buscarão alguém on-line” (referência 12), a

substituição das duas formas verbais sublinhadas por “gostarem” e “entenderem”, respectivamente, resulta em uma correlação entre tempos e modos verbais, no período, que está de acordo com a variedade padrão escrita da língua portuguesa.

### **Exercício 105**

a) Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante.